UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL

WESTENNAKLYFYA DAVID SOUSA

VEGANISMO E MEIO AMBIENTE: CAMINHOS PARA O BEM VIVER

CRATO-CEARÁ
2021

WESTENNAKLYFYA DAVID SOUSA

VEGANISMO E MEIO AMBIENTE: CAMINHOS PARA O BEM VIVER

CRATO-CEARÁ

2021

Dados Internacionais de Catalogação na
PublicaçãoUniversidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

S699v Sousa, Westennaklyfya David .
Veganismo e meio ambiente: caminhos para o bem viver/ Westennaklyfya David Sousa. –Crato, 2021.
119 f. il. color. enc.; 30 cm. (Inclui Bibliografia p.105-116).

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Cariri, Centro de Ciências Agrárias eBiodiversidade, Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável, Crato, 2021.
Área de Concentração: Políticas Públicas, Educação, Tecnologia e Inovação.

Orientação: Profa. Dra. Francisca Laudeci Martins Souza.

1. *Vegan;* 2. Bem Viver; 3. Causa animal; 4. Sustentabilidade; 5. Consumo consciente. I. Título.

CDD 361.61

Bibliotecário: João Bosco Dumont do Nascimento – CRB 3/1355

WESTENNAKLYFYA DAVID SOUSA

VEGANISMO E MEIO AMBIENTE: CAMINHOS PARA O BEM VIVER

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável, da Universidade Federal do Cariri, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável.

Linha de Pesquisa: Saúde, Estado e Sociedade

Sublinha de pesquisa: Políticas Públicas, Educação, Tecnologia e Inovação

Orientador (a): Profa. Dra. Francisca Laudeci Martins Souza

Aprovado em: ___/___/2021

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dra. Francisca Laudeci Martins Souza

(Orientadora / UFCA)

_____

Prof. Dra. Victoria Régia Arrais de Paiva

(Membro Interno / UFCA)

_____

Prof. Dr. José Laécio de Moraes

(Membro Externo/URCA)

A Deus, pela coragem. Aos meus pais, José Nilton e Maria David, pelo apoio e incentivo. Aos meus irmãos, pelo companheirismo. Aos meus sobrinhos, Alícia, Glícia, Pedro e Abner pela compreensão. Aos meus cachorros, Willy, Baleia, Sofia, Tom, Belinha, Mel, Nala, Phoebe, Amy, Scooby, Olaf e Peralta que me fazem buscar algo melhor.

AGRADECIMENTOS

Queria poder agradecer em gestos e não apenas palavras todos aqueles que fizeram e fazem parte não somente da minha jornada acadêmica, mas da minha vida. Todos que passaram são importantes. Esse sonho só foi possível com o apoio de todos vocês.

Agradeço a todos aqueles que me mantém de pé e me ajudam a continuar. Deus em sua infinita sabedoria e meus pais Maria David e José Nilton que desde criança me incentivaram nos estudos, a quem devo minha maior gratidão, que são meu porto seguro, minha inspiração, minhas fontes de energia. Amo vocês.

Aos meus irmãos, Westennilton e Westennacássya que sempre acreditaram em mim, pelo apoio incondicional que sempre me deram, pela amizade e companheirismo. Vocês fazem parte desta luta.

Aos meus sobrinhos Alícia, Glicia, Pedro e Abner que me fazem acreditar em algo melhor, por eles e para eles.

À minha orientadora, professora Dra. Laudeci Martins, pela paciência, generosidade e compreensão, por me apresentar além dos muros e livros, e pela delicadeza nas palavras.

Aos membros da banca de qualificação e defesa, Prof.ª Dr.ª Victoria Régia Arrais de Paiva, Prof. Dr. José Laécio de Moraes e Prof.ª Dr.ª Paula Cals Brügger Neves pela contribuição.

Aos meus familiares que contribuíram de alguma forma. Em especial à minha tia Inês Pedrosa; Tio Edson e sua esposa Heleni; e seus filhos Tiago e Tainá. Sempre que precisei estavam de portas abertas e me receberam com grande atenção, cuidado e carinho.

Aos participantes da pesquisa, pela contribuição e disponibilidade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável - PRODER e todos os professores da instituição. Em especial à professora Dra. Celme Torres Ferreira da Costa e ao professor Dr. Marcelo Martins de Moura Fé, pelo carinho e generosidade ao ensinar.

Aos meus colegas de jornada acadêmica. Conheci pessoas incríveis, em especial Amanda e Keliciane que compartilharam comigo alegrias, angústias, e com as quais me

identifiquei pela simplicidade nos gestos e nas palavras. Levarei no meu coração cada uma de vocês. Ao meu colega Raniere, pelas conversas e caronas nas quais, inúmeras vezes falei que ele seria sem dúvida uma das pessoas que estariam nos meus agradecimentos.

Agradeço ao suporte financeiro através do consentimento da bolsa dado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Ao grupo de pesquisa Constelar-i que compartilha comigo seus conhecimentos e aprendizados.

SINTO MUITO

Porque choras?
Senti medo?
Senti frio? Ou calor?
Senti fome?
Estás doente?
Senti dor?
Eu sei...
Sei que senti tudo
Só não sei porque os outros não sentem
Por você sofrer
Por você morrer
Por você partir
Eu sinto
E sinto muito
Sinto pela sua dor
Mas sinto principalmente por aqueles
Que nunca sentirão
O verdadeiro amor

Westennaklyfya David Sousa

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALT - Alanina aminotransferase

CFMV- Conselho Federal de Medicina Veterinária

CH4 - Metano

CNA - Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil

CO_2 - Dióxido de carbono

CO2 - Dióxido de carbono

COVID-19 - Corona Vírus Disease 2019

DEPEC - Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Econômicos

ELISA - Enzyme Linked ImmunonoSorbent Assay

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations

GEE – Gases de Efeito Estufa

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPCC - Intergovernmental Panel on Climate Change

LCA - Lei dos Crimes Ambientais

LVC - Leishmaniose Visceral Canina

MFA - Mercy For Animals

N2O - Óxido nitroso

ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONG - Organização Não-Governamental

ONU – Organizações das Nações Unidas

PAAF - Punção aspirativa por agulha fina

PCR - Reação em Cadeia Polimerase

PRODER – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável

RIFI - Imunoflorescência Indireta

SOFO - Estado das Florestas do Mundo

SVB - Sociedade Vegetariana Brasileira

UFCA – Universidade Federal do Cariri

URCA – Universidade Regional do Cariri

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Linha do tempo das doenças – Pandemias e Epidemias 47

Figura 2 - Emissões de GEE do ciclo de vida (CO 2 -C eq) 88

Figura 3 – Palavras que apareceram com maior frequência 92

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Sexo.....83
Gráfico 2 – Classificação: veganos, em transição ao veganismo, vegetariano estrito 84
Gráfico 3 – Utilização de terras agricultáveis 99
Gráfico 4 – Emissões de CO2 100
Gráfico 5 - Emissões globais de GEE do gado por produto.....100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -Diferenças entre vegetarianismo e veganismo 43

Quadro 2 – Teor dos nutrientes nos alimentos (100g)..... 87

Quadro 3 - Páginas no Instagram que aceitaram fazer parte da pesquisa..... 28

Quadro 4 - Delineamento dos objetivos 29

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Período do qual se tornou vegano 84

Tabela 2 – Valores da Cesta Básica de Alimentos - Custo da cesta básica em 17 capitais..... 90

Tabela 3 – Alimentos da Cesta Básica 91

Tabela 4 Gasto mensal com alimentação 92

Tabela 5 Mudanças climáticas para 2100 101

RESUMO

A relação entre seres humanos com o meio ambiente e a economia é conflitante, decorrente do antropocentrismo, em que os humanos acreditam serem superiores a qualquer outra espécie e por isso acabam utilizando de forma reificada os recursos naturais e, sobremaneira, os animais não humanos, como coisas e não como seres sencientes. Se faz necessário pensar uma nova forma de viver em sociedade, integrando natureza e cultura, considerando todos os seres do planeta. Esse novo mundo pode ser visto no veganismo, sendo assim, esta pesquisa se centrará no veganismo e como este pode impactar na melhoria do meio ambiente. Dessa forma, o objetivo geral pretende identificar as contribuições do veganismo na perspectiva do paradigma do Bem Viver, para a sustentabilidade, compreendida em suas distintas dimensões. Para isso, irá discorrer a respeito das seguintes bases teóricas: os princípios do Bem Viver e da sustentabilidade, destacando a proposta ético-política do veganismo, discutindo os efeitos no meio ambiente e na relação entre humanos e animais. Diante do exposto, interessa indagar como o Veganismo pode atuar na melhoria do meio ambiente, colaborando com as práticas do Bem Viver. A metodologia de abordagem do estudo é descritiva e qualitativa. Para desenvolvimento do trabalho foram colhidos dados primários por meio de questionários de forma online, com membros de grupos da rede social com a temática veganismo, veganismo e sustentabilidade, e dados secundários oriundos de pesquisas bibliográficas e documental. Como resultado, verificou-se que os participantes compreendem que o veganismo vai além do sofrimento animal, é uma postura ética, que defende e entende que os animais não humanos são seres sencientes e detentores de direitos. De acordo com os interlocutores da pesquisa, o estilo de vida vegano traz benefícios ao planeta, por estar relacionado a um pensamento e modos de agir mais sustentáveis. A questão do sofrimento animal é, contudo, a principal forma de manifestação do veganismo.

Palavras-chave: *Vegan*. Bem Viver. Causa animal. Sustentabilidade. Consumo consciente

ABSTRACT

The relationship between human beings with the environment and the economy is conflicting, resulting from anthropocentrism, in which humans believe to be superior to any other species and therefore end up using natural resources in a reified way, and especially non-human animals, as things and not as sentient beings. It is necessary to think of a new way of living in society, integrating nature and culture, considering all beings on the planet. This new world can be seen in veganism; therefore, this research will focus on veganism and how it can impact the improvement of the environment. Thus, the general objective is to identify the contributions of veganism from the perspective of the paradigm of Good Living, for sustainability, understood in its various dimensions. For this, it will discuss the following theoretical bases: the principles of the Good Life and sustainability, highlighting the ethical-political proposal of veganism, discussing the effects on the environment and the relationship between humans and animals. In view of the above, it is of interest to investigate how Veganism can act to improve the environment, collaborating with the practices of the Good Life. The methodology of the study's approach is descriptive and qualitative. For the development of the work, primary data were collected through online questionnaires, with members of social network groups with the theme veganism, veganism and sustainability, and secondary data from bibliographic and documentary research. As a result, it was found that participants understand that veganism goes beyond animal suffering, it is an ethical stance that defends and understands that nonhuman animals are sentient beings and holders of rights. According to the interlocutors of the survey, the vegan lifestyle brings benefits to the planet, because it is related to a more sustainable way of thinking and acting. The issue of animal suffering is, however, the main form of manifestation of veganism.

Keywords: Vegan. Good Living. Animal cause. Sustainability. Conscious consumption.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 18
2 VÁRIOS CAMINHOS, E UM ECONTRO 24
2.1 Não haviam pedras no caminho, e sim patas 24
3 METODOLOGIA 26
3.1 Tipo de estudo 26
3.2 Fontes de dados 27
3.3 Processo para realização da pesquisa 29
3.4 Sujeitos da pesquisa 30
4 REFERENCIAL TEÓRICO 31
4.1 Inter-relação (ou convergência) entre os princípios do Bem Viver, Consumo Consciente e o Veganismo. 31
4.1.1 Breve conceituação do Bem Viver (Buen Vivir, Vivir Bien) 31
4.1.2 Os princípios do Bem Viver 33
4.2 Conviver com o novo 34
4.3 Consumo Consciente 36
4.4 Veganismo: Pelo fim do sofrimento animal 38
4.4.1 Diferenças: Vegetarianismo e Veganismo 40
4.5 Pandemias, epidemias e endemias: “as enfermidades que começam no prato” 45
4.6 Direitos dos animais: a dor daqueles que não falam 48
4.7 A abolição animal: Uma visão na linha de pensamento Tom Regan 51
4.7.1 Damascenos, vincianos e relutantes 54
4.7.2 O especismo de Peter Singer 55
5 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA PRÁTICA VEGANA E SUAS PROPOSTAS ÉTICO-POLÍTICAS 58
5.1 Veganismo e práticas veganas: Um pleonasmo? 58
5.2 Ética para Singer: “Suficiente para nós e para ajudar os outros” 60
5.2.1 Ética Animal 62
5.2.2 Ética Ambiental 64
5.3 Tom Regan e o relato da crueldade: Muito além da alimentação 65
5.4 Bem-estar animal 68
5.5 Eutanásia: O direito de viver é o mesmo que o de morrer? 70
5.6 Ativismo Animal 72
5.7 Políticas publicas 74
5.7.1 Castração 75
5.7.2 Abandono animal: Não se justifica 77
5.7.3 Leishmaniose Visceral Canina: A eutanásia não é tratamento 78
5.7.4 Sim! Peixe também é carne 80
6 OS EFEITOS DO VEGANISMO NO MEIO AMBIENTE E A RELAÇÃO HUMANOS E ANIMAIS 83

6.1 Apresentando os dados 83
6.2 Caminhada ao veganismo 85
6.3 Fatores econômicos 89
6.4 Veganismo e meio ambiente 93
6.4.1 Sustentabilidade: O olhar individual 95
6.5 Acrescentando o que não foi perguntado 102
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 104
REFERÊNCIAS 106
APÊNDICE A 118

1 INTRODUÇÃO

A dita superioridade humana consegue destruir as outras formas de vida como no caso dos animais não humanos e, consequentemente, o meio ambiente em prol de um consumo negligente e autoritário, enraizado no poder político e econômico da sociedade.

O presente trabalho não tem a intenção de julgamento diante das escolhas ou não da grande maioria da população, o motivo pelo qual consome ou não consome alimentos e/ou produtos de origem animal. No entanto, parte-se do pressuposto de que as pessoas deveriam ter conhecimento sobre a forma como os animais são tratados, como a "mercadoria animal" é utilizada e conhecerem as formas como os animais não humanos são, por exemplo abatidos.

Cardoso e Trindade (2013) apontam para os maus tratos que os animais não humanos sofrem diariamente, tanto os domésticos como os que sofrem com exploração institucionalizada, sendo presos e mortos com a finalidade de produzir vestimentas, alimentos e outros itens de consumo.

Existem linhas de pensamento ou colocações bastantes confusas a respeito do consumo das carnes. Algumas pessoas colocam como sendo algo divino, porque Deus criou para ser consumido, outros colocam que não, como o caso do Hinduísmo, onde todas as espécies são sagradas, o consumo da carne não é feito; já outras culturas consomem várias espécies de animal, como algumas asiáticas, precisamente a China em que o consumo de cachorro é comum, o que para outras culturas, a exemplo do Brasil, não se faria ou faz. Logo, o que se percebe é que o consumo de animais, independentemente de qualquer fim é algo não somente econômico, mas cultural, social e político, ela pode variar de acordo com cada lugar, estilo de vida (BEIG, 2009).

No início do movimento vegetariano contra o consumo de carne, houve inúmeras colocações não somente médicas que falavam ser fundamental consumir carne para o bem estar, como também para grande parte da sociedade, que acreditava que as pessoas que não consumiam carne eram loucas, principalmente para a época em que a carne era um artigo de luxo. No entanto, foram os vegetarianos que influenciaram um novo modo de pensar em relação a alimentação (THOMAS, 1988).

O referido autor, aborda que o século XVII, alguns cientistas garantiram que a arcada dentária, além dos intestinos humanos não foram criados para o consumo da carne, logo, não nasceram para serem carnívoros, auxiliando nas colocações de que não é de ordem natural os seres humanos comerem carne de outras espécies.

Percebe-se, entretanto, que as pessoas são doutrinadas a algo. O consumo da carne nos tempos atuais já poderia ter sido acabado, ou no mínimo diminuído, mas ainda existem pontos colocados, para que o consumo continue, em especial vinculados à economia, no caso da grande indústria alimentícia e pecuária. De acordo com o Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos-DEPEC (2019) o consumo de carne suína, bovina e de frango são respectivamente 42,9%, 23,2% e 34,0%. No Brasil o consumo foi de 14,8% para carne suína, 38,8% bovina e 46,4 % de frango.

O faturamento oriundo da pecuária no Brasil foi de R$ 206,55 bilhões. O maior se deu por meio da cadeia do leite que cresceu 5,1%, comparado a carne que foi de 2,5% de acordo com a Superintendência Técnica da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil-CNA (2018). A pecuária torna cada vez mais difícil o avanço do veganismo, assim também como do vegetarianismo, uma vez que por meio dos números consegue manter o seu consumo, até exacerbado.

Entretanto, o preço para o meio ambiente está saindo caro, e consequentemente para a sociedade. De acordo com o relatório *Livestock Long Shadow da Food and Agriculture Organization of the United Nations*- FAO (2006), aponta que 9% das emissões antropogênicas de Dióxido de carbono- CO_2 são oriundos da pecuária, 37% das de metano - CH4 e 65% das de óxido nitroso – N2O, além de ser um dos grandes poluidores da água, mananciais. No Brasil, no ano de 2015, de acordo com Estimativas Anuais de Emissões de Gases de Efeito Estufa – GEE, emissões de metano - CH4 e emissões de óxido nitroso - N2O do Setor Agropecuário foram respectivamente 11.247,8 e 15,52 (BRASIL, 2017). Outros relatórios que tratam do desgaste ambiental provocado não somente pela pecuária, mas também pelo desmatamento foram lançados posteriormente, e serão discutidos no III capítulo.

O consumo animal pode acarretar diferentes problemas de saúde, pandemias ou epidemias, a exemplo do vírus da influenza, que é uma zoonose, doença que pode ser transmitido de animais para seres humanos, que afeta muitas espécies de aves e mamíferos. No entanto, algumas vezes a transmissão pode ultrapassar as barreiras e atingir outras, criando assim uma possível pandemia, causando grande impacto e pode criar um cenário promissor para geração de uma cepa com potencial pandêmico, a exemplo do que está ocorrendo com o novo coronavírus (COSTA E HAMANN, 2016).

Pensar um novo mundo, ou uma nova forma de viver é urgente para a sociedade como um todo, para as futuras gerações e para a atual. Uma mudança que poderá ser vista aos poucos, em pequenos grupos, talvez propor algo novo possa parecer ir contra ao antigo,

no entanto, se o antigo causa dor e sofrimento merece, no mínimo, ser avaliado se essa forma realmente é viável para todos, todos mesmos, humanos e não humanos.

Acosta (2016) já colocava que o nosso mundo precisa ser recriado, e na forma comunitária. Contribuindo (Jaskkiw, 2019) propõe uma comunhão entre “Humanidade e Natureza”, com a tarefa de descolonizar e revalorizar as diferenças nos modos de vida e na cultura Não existe ser superior ou inferior, ou em tese não deveria existir

Contribuindo com o que já foi dito, Sezyshta (2018) afirma que o Bem Viver, tanto do ponto de vista teórico e prático, seja entendido como forma de imaginar outros mundos e enquanto visibilização de outros mundos possíveis, destacando as potencialidades de comunidades autossustentáveis, ecologicamente responsáveis, uma nova forma de pensar, onde os interesses individuais não são prioridades, e sim o bem comum.

Ao trazer a questão ambiental, Sachs (2009) aponta que a sustentabilidade não pode ser vista com o único propósito de preservar o meio ambiente, uma vez que ela pode abranger dimensões. Atualmente são abordadas oito dimensões que serão descritas como social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica, política nacional e internacional, proposta por Sachs (2009, p. 85-89).

- A dimensão Social se refere à homogeneidade social, onde haveria uma com distribuição de renda justa, emprego pleno e/ou autônomo com qualidade de vida decente e igualdade no acesso aos recursos e serviços sociais.

- Dimensão Cultural: trata das mudanças no interior da continuidade (equilíbrio entre respeito à tradição e inovação), capacidade de autonomia para elaboração de um projeto nacional integrado e endógeno (em oposição às cópias servis dos modelos alienígenas) e autoconfiança, combinada com abertura para o mundo.

- Dimensão Ecológica: relativo à preservação do potencial do capital natural na sua produção de recursos renováveis e à limitação do uso dos recursos não renováveis.

- Dimensão Ambiental: está relacionado a respeitar e realçar a capacidade de autodepuração dos ecossistemas naturais.

- Dimensão Territorial: diz a respeito das configurações urbanas e rurais balanceadas (eliminação das inclinações urbanas nas alocações do investimento público), melhoria do ambiente urbano, superação das disparidades inter-regionais e estratégias de desenvolvimento ambientalmente seguras para áreas ecologicamente frágeis.

- Dimensão Econômica: Busca um desenvolvimento econômico intersetorial equilibrado, com segurança alimentar, capacidade de modernização contínua dos instrumentos

de produção, razoável nível de autonomia na pesquisa científica e tecnológica e inserção soberana na economia internacional.

- Dimensão Política (Nacional): trata-se de uma democracia definida em termos de apropriação universal dos direitos humanos, desenvolvimento da capacidade do Estado para implementar o projeto nacional, em parceria com todos os empreendedores e um nível razoável de coesão social.

- Dimensão Política (Internacional): fundamentado na eficácia do sistema de prevenção de guerras da Organização das Nações Unidas - ONU, na garantia da paz e na promoção da cooperação internacional, Pacote Norte-Sul de codesenvolvimento, baseado no princípio da igualdade (regras do jogo e compartilhamento da responsabilidade de favorecimento do parceiro mais fraco), controle institucional efetivo do sistema internacional financeiro e de negócios, controle institucional efetivo da aplicação do Princípio da Precaução na gestão do meio ambiente e dos recursos naturais, prevenção das mudanças globais negativas, proteção da diversidade biológica (e cultural), gestão do patrimônio global, como herança comum da humanidade, sistema efetivo de cooperação científica e tecnológica internacional e eliminação parcial do caráter *commodity* da ciência e tecnologia, também como propriedade da herança comum da humanidade.

Sachs (2009) aponta que se faz necessário observar as ações que os seres humanos estão causando no planeta, colocando que o crescimento econômico deva existir de forma a preservar a biodiversidade, que é fundamental para o Desenvolvimento, lembrando que para Sachs Desenvolvimento não é sinônimo de crescimento.

Diante do exposto, interessa indagar como o Veganismo atua na melhoria do meio ambiente na perspectiva do Bem Viver em busca da Sustentabilidade ambiental?

Para isso, serão discorridas as bases teóricas da pesquisa compostas pelos conceitos de veganismo, e os princípios do Bem Viver segundo Alberto Acosta (2016). Apresentando o que diz a prática vegana e como elas interferem no meio ambiente e na relação humanos e animais.

Para cumprimento dos objetivos da pesquisa, foram utilizados dados primários por meio da aplicação de questionários, realizadas de forma online, e dados secundários oriundos de pesquisa documental e bibliográfica.

Assim, buscou-se apresentar como o meio ambiente vem sendo destruído de forma constante por todos os seres humanos, que utilizam erroneamente todos os bens, que são escassos, sem a preocupação de que os mesmos venham a acabar. O veganismo é considerado o futuro para alguns especialistas, uma vez que seria uma forma mais sustentável de consumo.

Duarte(2008) diz que os seres humanos conseguem destruir de forma irracional as bases da sua própria sustentação quando desenvolvem suas atividades, poluindo o ar que respiram, contaminando a água que bebem, degradando o solo que os alimenta e comprometendo as formas de vida que compartilham do mesmo espaço, ao qual todos teriam o mesmo direito. Infelizmente, a arrogância humana não pensa na próxima geração e acaba por não ter cuidados sustentáveis com o planeta, a produção de carne é uma das grandes causadoras de problemas ambientais.

No Brasil, por volta de seis bilhões de animais terrestres são abatidos por ano. Todos os animais mortos precisam de uma quantidade de terra, água, alimento e energia. De acordo com Ribeiro (2015) os dejetos produzidos por eles resultam direta e indiretamente, poluentes que irão para o solo, ar e água. Ainda de acordo com a autora, os principais impactos do consumo de carne são: “Escassez de água; Extinção de espécies; Emissão de gases de Efeito estufa (nuvem); oceanos em crise; Poluição; Agrícolas e Dejetos; Perturbação dos ciclos de nutrientes; Uso de terras” (RIBEIRO, 2015, p. 9).

A sociedade está baseada cada vez mais na ideia do homem como ser central e dominante, e isso torna conflitante a relação homem, meio ambiente e economia. O escritor Richard Ryder cunhou o termo especismo, em meados dos anos 70, do qual ele fala que o especismo “era algo como o racismo e sexismo- um preconceito moralmente irrelevante baseado em diferenças físicas” (RYDER, p.67, 2008). A forma como os seres humanos se colocam como superiores diante de outros seres, faz com que eles não considerarem o sofrimento desses animais não humanos.

Brugger (2009) relata que o veganismo é um poderoso vetor de mudança em caráter planetário, além de contemplar outras dimensões fundamentais para se alcançar a sustentabilidade, seria capaz de promover o resgate e a manutenção das diferenças genéticas e éticas de uma forma muito mais eficiente do que quaisquer atividades e projetos que hoje tenham essa finalidade. Para que isso ocorra faz-se necessário deixar o especismo de fora, e passar a olhar os animais não-humanos (bichos) como companheiros de jornada no planeta Terra.

Neste contexto, é imprescindível conhecer formas de melhorias ambientais, a fim de proteger todas as espécies, humanos e não humanos. De acordo com Acosta (2016) superar o divórcio entre a Natureza e o ser humano além de ser o maior desafio da Humanidade seria uma mudança histórica e civilizatória, para que a existência humana não entrasse em risco.

Em visto disso, o objetivo geral deste trabalho é identificar como o Veganismo pode atuar na melhoria do meio ambiente na perspectiva do Bem Viver em busca de uma Sustentabilidade ambiental.

Com a finalidade de atender este propósito, foi objetificado especificamente:

I. Discorrer a inter-relação (ou convergência) entre os princípios do Bem Viver, Consumo Consciente e o Veganismo;

II. Apresentar os fundamentos teóricos da prática vegana e suas propostas ético-políticas;

III. Discutir os efeitos do veganismo no meio ambiente e a relação humanos e animais.

O presente trabalho foi estruturado com três capítulos, além da parte introdutória e considerações finais, após a introdução será apresentado o motivo que me levou a escrever a respeito da temática. Logo após a introdução será apresentado os capítulos I, II e III, e a metodologia adotada na presente pesquisa.

2 VÁRIOS CAMINHOS, E UM ECONTRO

Este capítulo apresenta minha relação com a pesquisa, as razões que me levaram a escolher a temática, e o motivo pelo qual a causa animal é tão importante e fundamental para mim. Sou formada em Ciências Econômicas pela Universidade Regional do Cariri- URCA, que muito me orgulho e sou grata, mas preferi seguir um contexto diferente da economia, decidi seguir de forma simples e humana o que de fato me representa, que são os animais e aqueles que lutam por eles.

2.1 Não havia pedras no caminho, e sim patas

Começo falando das pedras, parafraseando um poema popular de Drummond, que diz da existência de "uma pedra no meio do caminho", e o porquê de não serem pedras e sim patas, dizem que no caminho encontramos pedras, o que dificulta nossa jornada e também nos traz aprendizados. No meu caso, a grande dificuldade na minha vida é o sofrimento dos animais que sou obrigada a vivenciar quase diariamente, e esse sofrimento são as minhas pedras. Não é fácil ver um cavalo puxar carroça, ou um cachorro preso, ou mesmo um bezerro ser apartado da mãe quando a mesma é usada para dar leite. Se fosse descrever todas as barbáries que nós seres humanos fazemos com os animais além de doloroso seria exaustivo e longo.

O caminho para essa jornada de escrita não vem sendo fácil, não só pela pesquisa em si, ou escrita, mas pelo tema que dilacera minha alma a cada linha escrita. Falar da minha relação com os animais vai além do gostar deles, é uma relação de respeito. Costumo falar que não tenho medo dos bichos porque respeito os seus espaços, e o meu respeito por eles me faz entender que não devo ultrapassar seus limites.

Desde sempre gostei de animais, não existe em nenhum momento da minha vida que me vejo sem eles, aprendi desde criança, com minha avó materna, Dona Maria, que deveria fazer algo pelos animais: cuidar, alimentar e amar, esses valores minha avó passou para minha mãe, também Maria, que repassou para mim e meus irmãos.

Sou fruto de uma criação de amor pelos animais, onde ninguém deveria sofrer, inclusive eles, por isso não serem pedras e sim patas. É muito difícil ver animais nas ruas, com fome, sede, calor ou frio, doentes, com medo, sem carinho, sem lar. É muito difícil ver animais em casas sem afeto, sofrendo maus tratos por aqueles que deveriam amá-los. É muito difícil ver animais sendo vendidos como mercadorias, em gaiolas, amarrados. E o pior de tudo isso, é ver e não poder fazer nada por todos eles. Todos.

Aqueles que lutam pela causa animal são constantemente criticados, por vezes de forma até cruel, com perguntas e expressões do tipo: "Com tantas crianças passando fome e você faz

por um cachorro.” “Você deveria ajudar a quem precisa.” Entre outras coisas. O pior de tudo, de ter que ouvir essas colocações, se dá ao fato das pessoas que falam colocam os animais como seres inferiores, uma vez que fazem tais comparações. Não se mede ajuda, não se compara ajuda. Apenas se faz. Faz porque alguém precisa, faz porque é necessário, seja por um idoso, criança, adulto ou qualquer bicho, apenas faz. Uma coisa não impede ou inviabiliza a outra. É uma pena pensarem assim.

Como falei, minha mãe e avó sempre ensinaram que era para tratar e amar os bichos, e nunca em hipótese nenhuma ajuda-los implicaria em faltar algo para alguém. Sabe por que? Porque elas também me educaram a fazer pelas pessoas. Minha avó, moradora da zona rural, inúmeras vezes acolheu andarilhos, viajantes em sua casa, sem medo, sem preconceito, sem armadura. Acolheu, alimentou, fez o básico que todos merecem ter. Quando ela faleceu, os cachorros vizinhos vieram para casa dela e ficaram debaixo do caixão, a noite toda, velando-a. No outro dia, quando colocaram o seu corpo no carro, eles foram até a ponta da calçada, se sentaram, e só saíram quando não se dava mais para ver o carro. Um dos andarilhos que ela sempre ajudou, depois de dez anos, apareceu no dia do velório perguntando por ela. Isso mesmo: dez anos! E ele chegou exatamente no dia de sua partida. Ali, eu tive certeza que ela foi muito amada, e que era aquele caminho, que fazer o bem, seja a quem for, vale muito a pena.

Acredito que a forma como os seres humanos tratam os animais irá mudar um dia, não pela benevolência humana, mas porque não existirá forma de manter o meio ambiente, os animais e os seres humanos vivendo da forma como é hoje. Algumas pessoas se tornarão conscientes de fato, outras entenderão o valor dos animais, e outras infelizmente sentirão no bolso a crueldade que é usar os animais como seus objetos.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo pretende-se fazer um delineamento da metodologia utilizada para a elaboração e realização deste estudo. Caracteriza-se por método um texto científico que tem como função apresentar os resultados, oriundos de uma pesquisa antes já determinada (MARCONI e LAKATOS, 2003). Ainda de acordo com os autores método científico se divide em quatro etapas, observação, experimentação, interpretação dos resultados e conclusão.

Minayo (2007) define metodologia da seguinte forma:

> Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade) (MINAYO, 2007, p. 14).

Sendo assim, o presente trabalho abordará como o veganismo consegue impactar positivamente o ambiente e consequentemente a sociedade.

O primeiro capítulo discorre sobre os princípios do Bem Viver, segundo Alberto Acosta, apresentando a denominação do conceito, princípios e sua a inter-relação e/ou convergência com o consumo consciente e o veganismo. O segundo capítulo apresenta a postura ética do veganismo, apresentando a visão dele a respeito do bem-estar animal, e sua concepção de liberdade dos animais não humanos. No terceiro capítulo, foram trabalhados os dados coletados a partir do questionário online, e da pesquisa bibliográfica, buscando fazer uma associação dos dados referentes aos participantes e dos estudos pesquisados.

3.1 Tipo de estudo

Este estudo apresenta uma abordagem descritiva e qualitativa. Foram utilizados dados primários e secundários, a coleta de dados se dará por meio de um questionário, apresentada em anexo neste trabalho, além da pesquisa bibliográfica e documental.

De acordo com Gil (2008), o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica ocorre por meio de um material existente, artigos científicos e livros. Existem pesquisas de fontes somente bibliográficas e também estudos com algum estudo bibliográfico. A pesquisa descritiva aborda a realidade, descreve características. Ainda de acordo com o autor:

> Entre as pesquisas descritivas, salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental etc. Outras pesquisas deste tipo são as que se propõem a estudar o nível de atendimento dos órgãos públicos de uma comunidade, as condições de habitação de seus habitantes, o índice de criminalidade

> que aí se registra etc. São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população. Também são pesquisas descritivas aquelas que visam descobrir a existência de associações entre variáveis, como, por exemplo, as pesquisas eleitorais que indicam a relação entre preferência político-partidária e nível de rendimentos ou de escolaridade (GIL, 2008, p. 42).

Apesar da pesquisa documental se assemelhar com a pesquisa bibliográfica, existe uma diferença que é a natureza das fontes. A pesquisa documental utiliza materiais que possam ser ainda reelaborados, por sua vez a bibliográfica usa diversos autores para contribuir com suas colocações.

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p. 21-22).

Foi realizada uma busca nas plataforma, google acadêmico, Scielo, utilizando os termos Princípios do Bem Viver, meio ambiente, veganismo, e práticas veganas com o objetivo de conceitua-los. Essa primeira parte busca trazer embasamento teórico para realizar o I objetivo. Para a realização do II objetivo foi realizada uma revisão teórica do ativismo vegano. Com o intuito da realização do III objetivo proposto, foram aplicados um questionário com pessoas veganas, e/ou que estão passando pela transição ao veganismo, apresentando a percepção dos participantes a respeito do tema e uma pesquisa bibliográfica, fazendo um cruzamento dos resultados do questionário com dados pesquisados.

3.2 Fontes de dados

Os dados utilizados são de fontes primárias e secundárias, oriundos da aplicação de questionário, que se encontra no Apêndice do trabalho e foi inspirado em Almeida (2014), Nunes (2010) e Silva (2018), além da pesquisa bibliográfica e documental.

Foram realizadas 6 entrevistas com administradores de grupos de pessoas veganas, e grupos que estão em transição ao veganismo, escolhidos por uma rede social. A escolha de realizar uma pesquisa completamente *online*, com membros de grupos da rede social, se deu por dois motivos: pela necessidade do momento atual, onde todos no planeta estão enfrentando uma pandemia causada pelo vírus da COVID- 19 e não se pode haver contato físico, devido ao alto risco de contaminação, deve-se manter distanciamento social, e pelo veganismo e vegetarianismo usar bastante as redes sociais como meio de divulgação.

A busca por pessoas veganas ou em transição ao veganismo foi feita pela rede social *Instagram*, e realizada com administradores de grupos com a temática veganismo, veganismo e sustentabilidade, logo após a busca foi feito o convite inicial para os administradores dos grupos, com a confirmação de participação foi enviado por e-mail o convite formal para participarem da pesquisa.

Foram escolhidos 50 grupos com a temática do veganismo, veganismo no Nordeste, veganismo no Ceará, veganismo e sustentabilidade, e veganismo e meio ambiente. No entanto, confirmaram participação 10 pessoas, que seguem descritos abaixo. Para a escolha dos grupos foram utilizado critérios, dos quais os grupos deveriam ser ativos, fazendo publicações com frequência, além de aparecem entre as principais buscas. Os grupos estão descritos no quadro 3.

Quadro 1 - Páginas no Instagram que aceitaram fazer parte da pesquisa

Nº	**PÁGINAS**
1	Portalvegbr
2	Veganagente
3	Vegana sem grana
4	Veganismo sobre rodas
5	Vegan Pernambuco
6	Veg.carol
7	Veganismo acessível
8	Papo vegano
9	Sobre ser veg
10	Feminista vegana

Fonte: Elaboração própria.

3.3 Processo para realização da pesquisa

O primeiro contato com os participantes da pesquisa ocorreu em dezembro de 2020, por meio de mensagem (*direct*) nas páginas da rede social. Esse primeiro contato convidando os administradores e perguntando se gostariam de participar da pesquisa, para aqueles que se dispuseram foi feita o convite formalmente via e-mail.

Na segunda etapa foi encaminhado aos participantes o link do formulário elaborado pelo *google forms* por e-mail. Para a terceira etapa foi feita a transcrição do questionário.

O quadro 4 apresenta o delineamento com tipo de coleta para a obtenção dos dados e análise para a realização dos objetivos.

Quadro 2 - Delineamento dos objetivos

Objetivos	**Coleta de dados**	**Análises**
I Discorrer a inter-relação (ou convergência) entre os princípios do Bem Viver, Consumo Consciente e o Veganismo.	Pesquisa bibliográfica	Descritiva
II Apresentar os fundamentos teóricos da prática vegana e suas propostas ético-políticas	Pesquisa bibliográfica e documental	Descritiva
III Discutir os efeitos do veganismo no meio ambiente e a relação humanos e animais	Pesquisa bibliográfica, documental e entrevista	Descritiva e documental

Fonte: Elaboração própria.

3.4 Sujeitos da pesquisa

A pesquisa contemplou três perfis de participantes distintos, sendo composto por pessoas que já aderiram ao veganismo, e formado por pessoas que estão em transição as práticas veganas, precisamente os vegetarianos estritos.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Inter-relação (ou convergência) entre os princípios do Bem Viver, Consumo Consciente e o Veganismo.

Ter uma vida guiada por um consumo consciente parece para alguns algo tão distante que nem sequer venham a pensar nessa possibilidade ou tentar ser, é como se fosse uma busca por algo tão imensurável, por isso, não valeria a pena tentar tê-lo. No entanto, esse consumo é uma proposta real e mensurável para aqueles que querem que a geração atual e futura tenha um planeta que não esteja adoecido por aqueles que o habitam.

O presente capítulo destina-se a discorrer os princípios do Bem Viver conforme preconizados por Alberto Acosta, será apresentada a denominação do conceito e princípios desde modo de vida, apresentando a inter-relação e/ou convergência entre Bem Viver, Consumo consciente e o veganismo. Na primeira seção, foi realizada uma conceituação ao termo Bem Viver no ponto de vista de Acosta, e como esse pensamento busca uma nova forma ao modelo de desenvolvimento atual, e como essas colocações se embasam juntamente com o consumo consciente. Na seção seguinte, verso o veganismo e como ele pode atuar de forma a reduzir o sofrimento do animal não humano[1]. Apresentando as principais diferenças entre vegetarianismo e veganismo. Trago também as pandemias, epidemias e endemias como forma de chamar atenção para as doenças que o consumo animal pode causar. Logo após, é feito um ponto a respeito dos Direitos dos animais, relatando quais e se de fato são respeitados esses direitos. Por fim, na última seção, foi abordado dois grandes nomes da causa e dos Direitos dos Animais, Tom Regan com o seu pensamento abolicionista e Peter Singer, relatando a questão do especismo.

4.1.1 Conceituação do Bem Viver (Buen Vivir, Vivir Bien)

No final do século XX surge um “novo” conceito, Buen Vivir, Bem Viver ou também chamado Vivir Bien, que ressurge como uma alternativa em meio o abalo provocado pelo neoliberalismo (SOLON, 2019). Ele retoma na América Latina como sendo uma possibilidade ao modelo que vige de organização social e de desenvolvimento. As ideias que erguem o Bem Viver buscam fundamentar-se nos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas andinos e

1 No meio acadêmico vem sendo usado com frequência a expressão “animal não humano” nos espaços de militância pelos Direitos Animais. A ideia é relembrar que seres humanos também animais, mesmo que não queiram reconhecer (STEFAN, 2018).

amazônicos, que ficaram em silêncio devido ao processo de colonização e, logo após, pelo desenvolvimento hegemônico ocidental (MADRUGA, 2020).

O modo de vida sumak kawsay de populações indígenas latino-americanas deram origens a noção de Bem Viver, o termo Bem Viver originado das expressões na lígua kichwa *sumak kawsay*, que traduzido para o castelhano fica Buen Vivir, e *aymara suma qamaña*, onde, *Sumak* em kichwa, significa plenitude, e *kawsay*, viver (OZÓRIO, 2018).

Mance (2015) chama atenção para a diferença entre Bem Viver e Bem-estar não serem sinônimo, da mesma forma que estar bem não é o mesmo que bem-estar, o termo Bem Viver ainda é um neologismo, e assim, não possui tradução do conceito de fato no dicionário, por isso, não se deve reduzir o termo Bem Viver ao significado de vida boa ou viver bem.

Acosta (2016) coloca que o termo ainda está em construção, por isso a discussão na genialidade e simplicidade do termo se tornam enriquecedoras. O Bem Viver traz uma visão mais complexa, superando a ideia do conceito de desenvolvimento.

> O Bem Viver aposta em um futuro diferente, que não se conquistará com discursos radicais carentes de propostas. É necessário construir relações de produção, de intercâmbio e de cooperação que propiciem suficiência – mais que apenas eficiência – sustentada na solidariedade (ACOSTA, 2016, p.27)

Ser solidário no Bem Viver não é ajudar o outro somente, o que não torna o fato menos louvável, é buscar modos de produção suficiente e necessária para a sociedade e ambiente. De fato, o Bem Viver não está enraizado na acumulação de riquezas que é visionado pelo desenvolvimento, no entanto, ele busca uma cooperação que seja viável a todos.

Ao vivenciarem o Bem Viver os povos indígenas não o colocam como forma de acumular bens, riquezas, fatores que tragam abundância material, e sim para harmonia entre homem e natureza, com os outros e consigo mesmo, sem desigualdade e/ou discriminação. Viver o oposto da acumulação, relacionados com o fundamento da vida, era pregado pelos povos originários (ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017).

O discurso do Bem Viver é impulsionado por três fatores importantes, aos movimentos sociais latino-americanos, em especial dos indígenas, a convergência entre os movimentos e ideologias de alguns movimentos globais, e a frustração provocada pela ideia de desenvolvimento (VANHULST; BELING, 2014).

Ainda de acordo com os autores, o Bem Viver não pode ser igualado ao pensamento ocidental, onde o bem-estar é visto como forma de progresso (VANHULST; BELING, 2014).

O termo Buen Vivir não é somente uma expressão, o que torna sua tradução difícil, ela é uma filosofia de vida (MORAIS; MORAIS, 2020).

Complementando, Genro e Maffei (2019) colocam o conceito do Bem Viver (Buen Vivir) entendido de forma em que todos são parte de uma única comunidade, incluindo a natureza (Pachamama), assim, todas as práticas realizadas por todos interferem na totalidade da vida. Então, de acordo com essas colocações se a natureza estiver vivendo mal, não terá possibilidade das pessoas e todos os seres viverem bem. Nas palavras de Acosta (2016):

> O Bem Viver – enquanto filosofia de vida – é um projeto libertador e tolerante, sem preconceitos nem dogmas. Um projeto que, ao haver somado inúmeras histórias de luta, resistência e propostas de mudança, e ao nutrir-se de experiências existentes em muitas partes do planeta, coloca-se como ponto de partida para construir democraticamente sociedades democráticas (ACOSTA, 2016, p.29).

Respeitar o planeta vai além das questões ambientais, respeitar a natureza, é também respeitar o outro, é ir contra as opressões, é lutar contra tudo aquilo que resulta em violência, trabalhar por uma sociedade que vise realmente a democracia. É um pensar coletivo, não se baseia na individualidade.

4.1.2 Os princípios do Bem Viver

O escritor, professor e ativista político Alberto Acosta tem em sua obra “O Bem Viver: uma oportunidade de imaginar outros mundos”, lançada em 2016, como uma forma de sair dos problemas e crises que o atual sistema possui (SILVA, 2019). Ainda de acordo com o autor, o Bem Viver seria uma forma simples de vida, que fosse sustentável, sem exageros, com consumo ético, em que se pregaria uma melhor qualidade de vida, sem produção em grandes escalas, rompendo com o processo de capitalização e toda sua alienação de consumo exacerbado.

Alberto Acosta chama atenção para o perigo invisível do desenvolvimento que busca alcançar algo intocável para muitos e até imensurável para poucos, o que ocasiona uma desigualdade social, política, estrutural e econômica (CARDOSO, 2018). O desenvolvimento vem sendo colocado como algo relacionado a progresso ou crescimento, o que se sabe que essa colocação não cabe, uma vez que desenvolvimento não é sinônimo de crescimento e não leva à igualdade.

> Se o desenvolvimento trata de “ocidentalizar” a vida no planeta, o Bem Viver resgata as diversidades, valoriza e respeita o “outro”. O Bem Viver emerge como parte de um processo que permitiu empreender e fortalecer a luta pela reivindicação dos povos e nacionalidades, em sintonia com as ações de resistência e construção de amplos segmentos de populações marginalizadas e periféricas. Em conclusão, o Bem Viver é eminentemente subversivo. Propõe saídas descolonizadoras em todos os âmbitos da vida humana. O Bem Viver não é um simples conceito. É uma vivência (ACOSTA, 2016, p.82).

"Ocidentalizar" é colocar o outro em condições que a ele não serão favoráveis, é buscar por algo fortemente individualista que não se sustenta a todos. O Bem Viver é o oposto, não se individualiza. Ainda de acordo com o autor a respeito do Bem Viver e Desenvolvimento diz que:

> O Bem Viver, enquanto alternativa ao desenvolvimento, exige outra economia. Uma economia sustentada naqueles princípios fundacionais desta proposta pós-desenvolvimentista, entre os que destacamos a solidariedade e a sustentabilidade, além da reciprocidade, a complementariedade, a responsabilidade, a integralidade (todos os seres vivos somos necessários ao planeta), a suficiência (e, de alguma maneira, também a eficiência), a diversidade cultural e a identidade, as equidades e, claro, a democracia (ACOSTA, 2016, p.183-184).

Na mesma linha de raciocínio, Brügger (2004) relata que o emprego do termo desenvolvimento, onde é usado inclusive no dicionário como progresso, traz uma polêmica dada o caráter positivo e benéfico que é dado a ele. No entanto, como se pode abordar algo favorável ao que é pregado pelo desenvolvimento, se ele apresenta conotações depreciativas? Ao colocar o desenvolvimento como sinônimo de crescimento quantifica o termo e o deixa em um lugar econômico, mas não pode ser mensurado de fato, pois desenvolver não significa crescer.

4.2 Conviver com o novo

A sociedade vive frequentemente processos de mudanças, no entanto, não são necessariamente questões positivas, uma vez que a busca por melhorias em determinadas áreas, como, por exemplo, na economia, venha a causar um desconforto mesmo que momentâneo nas demais áreas.

Ao descrever o Bem Viver, Acosta (2016) coloca que não existe solução técnica, a questão ainda é política, por isso se faz necessário criar ou recriar um novo mundo comunitário, com o impulso em outras utopias com base nos Direitos Humanos, nos Direitos da Natureza, como também nos Direitos políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais dos indivíduos, das famílias e dos povos. Nesta perspectiva, disserta o autor:

> É disso que tratam os Direitos da Natureza, incluídos na Constituição equatoriana de 2008. A relação com a Natureza é essencial na construção do Bem Viver. No Equador, reconheceu-se a Natureza como sujeito de direitos. Esta é uma postura biocêntrica que se baseia em uma perspectiva ética alternativa, ao aceitar que o meio ambiente – todos os ecossistemas e seres vivos – possui um valor intrínseco, ontológico, inclusive quando não tem qualquer utilidade para os humanos (ACOSTA, 2016, p 28).

Segundo Acosta (2016), o Bem Viver não tem como característica os desenvolvimentos "alternativos" e tenta ser uma "alternativa de desenvolvimento", uma visão oposta do que seria desenvolvimento com base no progresso produtivo. Não existe superioridade, todos têm

fundamental importância na construção de uma nova sociedade, vivendo em harmonia com a natureza.

No entanto, para muitos é complexo pensar em um mundo diferente do que temos baseado em uma economia capitalista, porque foram criados e condicionados a este sistema, que gera inúmeras desigualdades econômicas, sociais, que nutrem a diferença do outro, superioridade, que devasta a natureza, que condena os animais. Tudo isso em função de aumentar a produtividade. Solidariedade não condiz com o sistema capitalista. O ponto central do Bem Viver é a ideia da vida em comunidade, partilhada e compartilhada, regida pela coletividade, do viver e do conviver, da importância do ser e do bem-estar, um conceito de vida harmoniosa em sociedade, homens e natureza, uma reivindicação de vida dos antepassados (PASSOS; SILVA; BERNARTT, 2019).

Pensar e repensar o novo, como se relacionar com a natureza e os seres humanos de forma igualitária, sem superioridade, e que flua para todas as vidas, respeitando as diferenças e contextos culturais (IBÁÑEZ, 2016).

Nas colocações de Krenak (2020)[2] ao falar de humanidade não coloca somente o *Homo sapiens*, ele se refere a todos os seres que os seres humanos excluem desde o princípio, caçam baleias, tiram barbatana de tubarão, matam leões e usam para troféu do poder, mostrando que seriam mais bravos que eles. Matam também outros seres humanos, em um pensamento que eles não possuam nada e estão apenas para suprir com necessidades. “Somos a praga do planeta, uma espécie de ameba gigante” (KRENAK, 2020, p.7). Os seres humanos estão consumindo e destruindo tudo que existe no planeta, sem preocupações futuras, devastando tudo que rodea.

Baseada na interrogação, seres humanos são superiores? O que justifica ser ou não superior? A ideia de “desenvolvimento” muitas vezes tenta “justificar” essas perguntas, o ter é superior ao ser, sendo assim, tenta acobertar a matança de animais, o desmatamento, e tantas outras.

> [...]as geleiras derretendo, os oceanos cheios de lixo, as listas de espécies em extinção aumentando, será que a única maneira de mostrar para os negacionistas que a Terra é um organismo vivo é esquartejá-la? Picá-la em pedaços e mostrar: “Olha, ela é viva”? É de uma estupidez absurda (KRENAK, 2020, p.11).

---

2 Nascido em Minas Gerais, no Vale do Rio Doce, migrou para o Paraná aos 17 anos de idade, aos 18 se alfabetizou, e posteriormente tornou-se gráfico e jornalista. Passou a se dedicar ao movimento e articulação indígena na década de 1980 (GAYOSO, 2019). Ailton Krenak, pensador e líder indígena teve seu livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, publicado após proferir uma conferência, no qual foi transcrita, onde relatou a relação ser humano e natureza (HANEL, 2019).

Respeitar o outro, quem quer que seja, humanos e não humanos, buscar melhorias ambientais, sociais e econômicas em um contexto igualitário e afetuoso, sem sofrimento, é um dos princípios básicos do não consumo de qualquer produto de origem animal, logo nomeado veganismo, pode ser pensado pelo O Bem Viver.

4.3 Consumo Consciente

Ao discorrer a respeito da temática consumo consciente percebi que ela faz parte de diversos estudos que discutem o consumo sustentável. Outros termos são apontados como, consumo ético, consumo verde, consumo solidário, entre outros. Todos em busca de mudanças no consumo vigente hoje, regado pelo capitalismo.

> Na mesma linha de discussão, não se pode deixar de mencionar a existência de outros termos, não raramente utilizados como sinônimo, que convivem e "competem" com o de consumo consciente. A linha entre os conceitos tende a ser tênue, o que contribui para dificultar os limites e o foco de cada um dos conceitos. Entre eles, é possível citar o consumo verde, o consumo sustentável, o consumo ético, o consumo ecologicamente correto, consumo responsável, entre outros (PINTO; BATINGA, 2016, p. 36).

Mesmo que para alguns, os termos sejam semelhantes, como é colocado por Pinto e Batinga (2016) não são, seguem os princípios semelhantes, o que dificulta o entendimento do que é um consumo consciente. No entanto, esses conceitos ajudaram a pensar no cuidado com o meio ambiente.

Para Portilho (2005) a preocupação com a agressão ao meio ambiente foi considerada quando as pessoas, consumidores, passaram a colocar a variável ambiental, antes eram utilizadas apenas variáveis preço, produto. Este fato se deu após a chegada do consumo verde, dando visibilidade ao meio ambiente.

O consumo faz parte das diferentes esferas da vida social, assim também como da econômica, cultural e política. Ocorrendo com esse processo uma transformação em mercadorias, seja do corpo humano, da natureza, ou dos serviços públicos, ou das relações sociais (CORTEZ,2009).

Ainda de acordo com Cortez (2009) esse padrão de consumo ocidental, além de ser ambientalmente insustentável, é injusto e imoral no campo social, se tornando assim, indefensável. Com a crise ambiental é possível perceber que não existe como incorporar todos no universo de consumo em função, devido a finitude dos recursos naturais.

> O consumo está inserido no cotidiano de todas as sociedades, desde sempre. Para conservação da vida, elementos obtidos a partir de recursos naturais eram utilizados como forma de alimento, vestimenta e moradia. Além disso, outras formas de consumo eram (re)inventadas para atender aos arranjos sociais que emergiam na constituição das sociedades humanas (HIRDES, 2018, p.17).

A sociedade é incentivada constantemente a consumir, uma vez que ele é dito como indicador de ascensão, sucesso e felicidade. A realização pessoal se torna atrelada ao adquirir, ao poder de compra, ao sucesso profissional, e ao prestígio. O consumo apresenta diversas formas de chamar a atenção do consumidor, seja pelo Estado com os incentivos fiscais, ou pelas propagandas vinculadas na mídia, ou através de crédito para que a população aumente seus bens e, ocorra consequentemente, o desenvolvimento econômico (THEBALDI; SOUZA, 2017.)

O consumo abrange todas as esferas, social, ambiental e econômico, logo, medidas para conscientização sobre ele são necessárias. A busca por uma vida mais sustentável, saudável e consciente vem sendo almejada por alguns anos, em 2015 a Cúpula das Nações Unidas criou uma agenda mundial a respeito do Desenvolvimento Sustentável, composta por 17 objetivos e 169 metas a serem atingidos até 2030. (AGENDA2030, 2016).

Os temas foram divididos em dimensões, sendo quatro as principais, social, ambiental, econômica e institucional, onde:

-Social: está relacionada às necessidades humanas, de saúde, educação, melhoria da qualidade de vida e justiça.

-Ambiental: busca tratar da preservação e conservação do meio ambiente, com ações que vão da reversão do desmatamento, proteção das florestas e da biodiversidade, combate à desertificação, uso sustentável dos oceanos e recursos marinhos até a adoção de medidas efetivas contra mudanças climáticas.

-Econômica: explana o uso e o esgotamento dos recursos naturais, a produção de resíduos, o consumo de energia, entre outros.

-Institucional: é relativo às capacidades de colocar em prática os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável ODS.

A Agenda 2030 (2016) descrevem os objetivos como seguem:

> Objetivo 1. Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares
>
> Objetivo 2. Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável
>
> Objetivo 3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades
>
> Objetivo 4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos
>
> Objetivo 5. Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas
>
> Objetivo 6. Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos
>
> Objetivo 7. Assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos

> Objetivo 8. Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo e trabalho decente para todos
>
> Objetivo 9. Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação
>
> Objetivo 10. Reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles
>
> Objetivo 11. Tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis
>
> Objetivo 12. Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis
>
> Objetivo 13. Tomar medidas urgentes para combater a mudança do clima e seus impactos
>
> Objetivo 14. Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável
>
> Objetivo 15. Proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade
>
> Objetivo 16. Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis
>
> Objetivo 17. Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável. (AGENDA 2030, 2016, p. 19-20).

Garantir uma vida saudável e sustentável pode ser expresso dentre os objetivos a exemplo do que é apresentado pelo objetivo 12, que diz: Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis. O consumo consciente, sustentável ou verde surge da premissa do melhoramento ambiental e consequentemente humano.

Consumir faz parte do cotidiano da sociedade, seja para questões básicas, alimentação e saúde, ou para satisfações pessoais. A necessidade de aumento de trabalho se deu devido aos elevados níveis de consumo, e com isso, um maior endividamento, acarretando doenças, o que acaba por diminuir a qualidade de vida (GOMES, 2020).

A relação entre fornecedores e consumidores é dificultada por não existir um diálogo claro a respeito da escolha consciente, o que acaba por impossibilitar alcançar uma qualidade de vida saudável atrelada ao meio ambiente ecologicamente equilibrado e até mesmo à educação (BRAGA; PIOVESAN, 2016).

A seguir será apresentado o conceito de veganismo e como o mesmo está enraizado na ética, seguindo uma filosofia de vida sustentável, e não apenas colocações vazias ou superficiais.

4.4 Veganismo: Pelo fim do sofrimento animal

Pensar no bem-estar animal além de ser importante para os animais, também é fundamental para a relação seres humanos e animais não humanos. Proteger todas as espécies

deveria ser uma pauta não somente de vida, ou algo individual, mas política. Ao abordar os animais domésticos o que se vê é um constante crescimento de abandono e maus tratos. Animais silvestres são tratados assim também como os domésticos como mercadorias, o que acaba crescendo o tráfico animal.

No Brasil devido ao tráfico de animais observa-se uma diminuição drástica dessas espécies, e até mesmo tem levado a algumas extinções, inúmeros animais são retirados de seus *habitats*, o que acarreta sofrimento do animal e no prejuízo da biodiversidade nacional, apenas para serem vendidos, tanto no país, como para outros países (FRISSO, 2019).

> Direitos animais é uma ideia simples porque, no nível mais básico, significa apenas que os animais têm o direito de serem tratados com respeito. E é uma ideia profunda porque suas implicações têm amplas consequências. Quão amplas? Eis alguns exemplos de como o mundo vai ter de mudar, uma vez que aprendamos a tratar os animais com respeito. Vamos ter de parar de criá-los por causa de sua carne. Vamos ter de parar de matá-los por causa de sua pele. Vamos ter de parar de treiná-los para que nos divirtam. Vamos ter de parar de usá-los em pesquisas científicas (REGAN, 2006, p.25).

Respeito deveria ser usado como princípio básico por qualquer ser humano, se não gosta de um animal é um direito de qualquer um, no entanto, não é motivo ou razão de maltratá-lo, pois isso é crime, previsto pela lei (tal). Isto deveria ser um fato, mas parece que algumas pessoas não entendem que mesmo que elas não gostem dos animais os mesmos ainda assim possuem direitos e que não devem ser tratados de forma grosseira, imoral e cruel.

Ao descrever o veganismo é possível notar um termo bastante utilizado por pessoas que não são veganas ou até mesmo que estão em transição ao veganismo, ou foram veganos e não são mais, que é “veganismo extremo”. A sua colocação se dá pelo fato de alguns se considerarem veganos por não se alimentarem de nenhum produto animal, mas achar extremo, por exemplo deixar de usar roupas de origem animal. “O comensal, comovido de acordo com os seus valores, decide então pela mudança de seus hábitos alimentares ou, no caso dos extremos veganos, até mesmo em seu vestuário e objetos pessoais” (CAMPOS, 2019, p.1). Então a pergunta que fica, seria extremo não comer carne, beber leite e usar pele animal? O sofrimento seja para o abate, ou outro fim é o mesmo.

Ninguém nasce sabendo o que comer, essa é uma proposta imposta pelos pais e/ou familiares, a criança apenas consome o que lhe é ofertado. A maioria das crianças, no entanto, já nascem com empatia, seja as pessoas ou animais, e isso ocorre porque elas conseguem de fato por elas se tornarem a vida do "outro" parte da própria vida. Elas entendem e reconhecem as alegria e dores dos animais (REGAN, 2006).

A próxima seção irá abordar a temática do veganismo e suas principais diferenças do vegetarianismo, além de apresentar como o consumo animal pode acarretar doenças, no caso do subtítulo pandemias, epidemias e endemias: “as enfermidades que começam no prato”. Por fim, trará a questão dos direitos dos animais e a relação dos maus tratos, como a forma que a sociedade enxerga os seres não humanos, acarretando assim, os animais em situações de sofrimento e crueldade.

4.4.1 Diferenças: Vegetarianismo e Veganismo

O Bem Viver colocado por Acosta é apresentado por muitos como uma utopia. Neste aspecto, o vegetarianismo e veganismo não ficam distantes. Imaginar um mundo sem carne na alimentação para muitos ainda é algo inviável por diversos motivos, ou simplesmente por pensamentos enraizados durante o tempo. A trajetória humana se baseia na utilização animal, dos bichos, então imaginar um mundo sem carne ou sem sofrimento animal ainda é algo inaceitável, ou inacreditável.

Para algumas pessoas imaginar que os animais são meras mercadorias, outros colocam como “ganha-pão”, sustento. Para alguns, os bichos são simplesmente coisas, e não seres sencientes, sentem dor, frio, calor, fome, sofrem. É importante colocar que o veganismo difere do vegetarianismo.

De acordo com a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB),[3] considera-se vegetariano todo aquele que exclui de sua alimentação todos os tipos de carne, aves, peixes e seus derivados, podendo ou não utilizar laticínios, ou ovos).

Conforme Slywitch (2015), a alimentação vegetariana classifica-se de acordo com o consumo de subprodutos animais (ovos e laticínios), apenas. Nestes termos, pode-se caracterizar: Vegetariano estrito, conhecido como vegetariano puro, não utiliza nenhum derivado animal na sua alimentação; ovolactovegetariano consome ovos, leite e laticínios na

---

3 A Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) propõem os seguintes objetivos: Estimular a formação de grupos e organizações que promovam a causa do vegetarianismo, bem como a cooperação entre esses grupos e organizações; Promover e organizar eventos vegetarianos locais, regionais, nacionais e internacionais para divulgar e desenvolver o interesse pela causa do vegetarianismo e dar oportunidade para os vegetarianos se reunirem; Estimular a pesquisa de todos os aspectos do vegetarianismo e a coleta e publicação de materiais sobre o tema; Estudar e sugerir medidas que visem à segurança alimentar e nutricional; Representar a causa do vegetarianismo em organismos locais, regionais, nacionais e internacionais; Impetrar ações judiciais com o fim de preservar os objetivos dos presentes Estatutos; Desenvolver materiais educativos sobre a causa do vegetarianismo e divulgá-los o mais amplamente possível; Angariar fundos para a realização de seus objetivos e dar suporte aos membros e grupos filiados (SBV, 2017).

alimentação, não consome carne; lactovegetariano além da carne não utiliza ovos, mas faz uso de leite e laticínios; e ovovegetariano que não utiliza laticínios e carnes, mas consome ovos.

São alguns princípios que tornam o ser humano vegetariano: por razões éticas, ambientais e de saúde. Ferrigno (2012) aponta que todos os cidadãos que consomem produtos de origem animal, as multinacionais com vínculos ao agronegócio, os comerciantes e os dirigentes dos países por meio das políticas alimentares contribuem para a perpetuação da exploração animal.

Dados históricos apontam o surgimento do vegetarianismo ainda na pré-história. O movimento vegetariano surge no final do século XVIII na classe alta composta por médicos, comerciantes e escritores, de diferentes credos. A adesão por parte deles se deu após leitura Pitágoras e Plutarco, enquanto outros, pelo contato com hindus (FERRIGNO, 2012).

Donald Watson (1944), criador do termo *vegan*, fala do fato de não adotar a dieta vegetariana, razão principal seria o modo como os animais são tratados e explorados, como a produção de leite e assim a utilização das vacas que são separadas de seus filhotes e confinadas, depois mortas quando não se tornam mais produtivas, mesmo fim que se tem os filhotes usados para se produzir o que se chama de *baby beef*. O confinamento também que passam as galinhas para a criação de ovos, elas ficam em pequenos espaços, tem os bicos cortados e os pintinhos são mortos, assim como elas depois que deixam de ser produtivas (ALMEIDA, 2014).

O conceito veganismo surgiu em meados do século XX, com um grupo de ativistas com o título *Vegan Society* em prol da causa animal, logo após a criação do termo *vegan* por Donalt Watson em 1944 (LIMA, 2017).

Watson foi vegano por muitos anos, mais de sessenta, anteriormente foi membro da *The Vegetarian Society*, no entanto, ao perceber que o termo vegetariano era para ele incoerente, porque não consumia carne animal, mas seus derivados sim, sendo assim, ele resolveu diferenciar e criou o termo vegano (ARTICO, 2015).

De acordo com o *The Vegan Society*, o veganismo pode ser entendido como:

> "Uma filosofia e um modo de vida que busca excluir - na medida do possível e praticável - todas as formas de exploração e crueldade de animais para alimentação, vestuário ou qualquer outro propósito; e, por extensão, teste de promoção do desenvolvimento e uso de animais livres alternativas em benefício dos animais, do homem e do meio ambiente. Em termos dietéticos, denota a prática de dispensar todos os produtos derivados total ou parcialmente de animais. "(THE VEGAN SOCIETY, 1944, tradução nossa).[4]

4 "A philosophy and way of living which seeks to exclude — as far as is possible and practicable — all forms of exploitation of, and cruelty o, animals for food, clothingoranyotherpurpose; and by extension, promo test he

Corroborando com este pensamento, Magalhães e Oliveira (2019) definem o veganismo como um conjunto de práticas que tem por objetivo inicial os Direitos dos Animais, sendo assim, adota uma alimentação vegetariana estrita. A proposta vegana é que os animais não sejam utilizados como propriedade ou para finalidades de produção ou matéria-prima em nenhum processo de seu desenvolvimento, como também não sejam ou mesmo utilizados para teste de produtos de qualquer natureza, sendo a base ética que os animais não humanos são seres sencientes. Francione (2013) diz que os animais não humanos sentem, logo são sencientes, e o fato de não querer esse sofrimento é o fundamento relevante, além de moral para a filosofia vegana. O ponto central do veganismo é a abolição da exploração animal, independente do fim, seja para uso na alimentação ou como mão de obra (ARTICO, 2015).

Contribuindo com esta discussão, Abonizio (2013) aponta para o fato do vegano não recusar somente o consumo de animais e produtos que são deles derivados, existe também os boicotes ao consumo de produtos que nutrem sofrimento animal. Contribuindo Artico (2015) diz que o movimento abolicionista vegano aborda algumas formas de boicote. As recusas e oposições seguem descritas:

a) recusa-se a ingestão de animais e produtos que derivam de animais, como carne, ovos, leite, mel, gelatina;
b) recusa-se o consumo de roupas, acessórios e calçados fabricados com matéria-prima animal, como seda, pele, couro; para que seja exequível essa parte é difícil, porque as empresas que não tem produtos de origem animal, fazem parte de grandes empresas que tem derivado animal. Logo, o boicote é parcial, porque se boicota o produto, mas não se boicota a empresa.
c) recusa-se a consumir produtos testados em animais, de saúde, higiene e estética, opõe-se à vivissecção (em que o animal é dissecado vivo) como prática pedagógica nas universidades;

Argumentar que exista a necessidade de se trabalhar com animais vivos já não é muito aceita, e isso deriva do fato dos seres humanos possuírem formas biológicas e anatômicas diferente dos não humanos, o que acaba por não absorver ou/e distribuir substâncias. Outro fator, ocorre ao controle que é feito dos animais em laboratórios serem diferentes que seriam

development and use of animal-free alternatives for the benefit of animals, humans and the environment. In dietary terms it denotes the practice of dispensing with all products derived wholly or partly from animals."

utilizados em humanos, as substâncias serem de dosagens diferentes, e o contexto do ambiente também (BRÜGGER, 2013).

d) opõe-se ao uso de animais em pesquisas científicas;

e) opõe-se ao uso de animais no entretenimento, como rodeios, circos. Boicote ao entretenimento com o uso animais. Desde os em menor nível de violência, no caso dos zoológicos. Ou os com maior grau de violência, caso das touradas e rinhas.

Veganismo não é algo de difícil entendimento. No entanto, por conta de limitações culturais impostas ao longo dos anos na criação de qualquer ser humano fica mais complexo entender o veganismo e sua prática. A ideia geral é simples, não comer, consumir, ou utilizar qualquer produto que tenha sofrimento animal, dos bichos.

> É preciso pontuar que a proposta de ambos os ideários – vegetarianismo e veganismo – são bastante distintas. No vegetarianismo, apenas não se consome carne animal; no veganismo, a proposta é a abolição da exploração animal em todos os sentidos, ou seja, pela não alimentação com animais, pela não utilização de suas peles na condição de peças de vestuário, pela não utilização de suas capacidades físicas para desempenhar tarefas de trabalho, pela não utilização na condição de entretenimento e situações de sofrimento animal, pela não utilização de seus corpos em testes para pesquisas científicas e para as indústrias de diversos segmentos, pela não utilização em rinhas e outros jogos e competições, pela não utilização em rituais religiosos e afins, pelo não confinamento com finalidade reprodutiva e venda de suas crias, pelos não maus-tratos, pelo não bem-estarismo animal, pelo não tráfico de animais silvestres, pela não utilização de seus corpos em práticas esportivas e toda sorte de exploração a que estes seres estão sujeitos (ARTICO, 2015, p.78).

O veganismo abrangeria além das práticas alimentares, práticas sociais voltadas a não exploração ou uso de animais em diversos setores, desde uma alimentação estritamente vegetariana, como também ao ativismo e boicote a produtos, eventos e serviços que testem, utilizem ou explorem animais (VALENÇA; CARBONAI, 2013). O Quadro 3 apresenta as diferenças entre vegetarianismo e veganismo:

Quadro 3 -Diferenças entre vegetarianismo e veganismo

Termo	**Pessoa**	**Alimentação**	**Vestuário**	**Beleza**	**Entretenimento**

Veganismo	Vegano (a)	Não consome nenhum tipo de alimento de origem animal.	Não usa nenhum tipo de roupa de origem animal.	Não utiliza nenhum tipo de produto de origem ou testado em animal.	Não participa de eventos ou lugares que usam animais (zoológicos, rodeios, touradas, vaquejadas, aquários, entre outros).
Vegetarianismo	Vegetariano (a)	Não consome nenhum tipo de carne (boi, frango, peixe, etc...)	Usa roupa de origem animal.	Utiliza produtos de origem animal.	Participa de eventos.

Fonte: Elaboração própria, com base em Chaves (2012)

Como apresentado no Quadro 3, as diferenças entre veganos e vegetarianos não são apenas a alimentação, vai além, é uma questão ética: se tem sofrimento animal, seja qual for ou para qualquer finalidade, o vegano não usará, consumirá ou participará de nada de que se origine deles.

O consumo de carne colocado por Joy (2014) é apresentando como algo invisível, originado pelo sistema de crenças, no qual o comer carne é algo que muitas vezes não se sabe porque consome, apenas o faz, e esse fato invisível é baseado nas crenças chamado de carnismo. O sistema de crenças de não comer animais explica o fato de comer porcos e não cachorros por exemplo, e o carnismo configura um sistema de crenças dominante, enraizado, e assim, ajuda na criação de normas, leis, e o modo de ver que se tem a respeito dos animais.

> O carnismo é o sistema de crenças que nos condiciona a comer certos animais. Muitas vezes definimos as pessoas que comem carne como carnívoros. Mas, carnivoros são, por definição, animais que dependem da carne para sobreviver. Os consumidores de carne não são meramente onivoros. Um onívoro é um animal humano ou não humano que tem aptidão fisiológica para ingerir tanto vegetais quanto carne. Mas tanto "carnívoro" como "onivoro" são termos que descrevem a constituição biológica do indivíduo, não uma opção filosófica. Em grande parte do mundo de hoje as pessoas comem carne não porque precisam, mas porque optaram por comê-la, e as opções derivam sempre das crenças (JOY, 2014, p.32).

De fato, ninguém nasce sabendo andar, falar, ou escolher o que irá se alimentar, estas colocações são impostas pela sociedade, seja em forma dos amigos, família, ou no ambiente de trabalho. O comer carne nasce de uma colocação, logo baseada em crenças, que são singulares,

mudando de pessoa para pessoa. Essa relação seres humanos com seres não humanos (animais/bichos) é confusa e problemática em algumas situações.

Nas colocações de Barreto (2016) o carnismo é como um conjunto axiológico de valores, onde, empresas de grande porte obtém lucro no sofrimento e exploração animal. Para aumento da lucratividade, essas empresas utilizam de formas para esconder da sociedade em geral como os animais são mortos ou criados, passando um pensamento de preocupação com eles.

Segundo Tonial (2018) consumir carne animal faz parte do contexto atual e é colocado como algo natural, e nesse contexto seguir uma dieta vegetariana venha a ser um desafio. Por isso, se faz necessário entender como acontece essa para refletir sobre a complexidade do hábito de se alimentar, que acaba influenciando os modos de construção, e reconstrução, da sociedade, enquanto indivíduo, assim como em grupo.

Francione (2013) utiliza o termo esquizofrenia moral para descrever o pensamento confuso que os seres humanos a respeito dos animais. Por um lado, alguns animais não humanos são tratados ou considerados da família, enquanto outros a exemplo do porco, vaca, galinha são vistos como alimento. Esta esquizofrenia moral não se trata de personalidade dupla, mas da capacidade que as pessoas têm de se enganarem quanto a senciência dos animais, e como ela se assemelha aos seres humanos.

4.5 Pandemias, epidemias e endemias: “as enfermidades que começam no prato”

O planeta vem enfrentando diversas dificuldades sociais, econômicas, ambientais, que causam diferentes transtornos, em que os que mais sofrem são pessoas em situação de vulnerabilidade econômica. Nem todos têm condições de ir para um médico, fazer exames e possuir uma alimentação equilibrada. Doenças vêm crescendo e, com elas, novos pensamentos, um deles seria a não necessidade de matar um animal e usá-lo como alimento, alimento este que poderá gerar inúmeras enfermidades.

Em 2020, a população do planeta enfrenta uma pandemia, Corona Vírus Disease 2019 - COVID-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, que causa infecções respiratórias (BRASIL, 2020). A doença foi identificada na República Popular da China, província de Hubei, cidade Wuhan, sendo repassada ao mundo no final de 2019. No entanto, não era possível ainda entender a dimensão do vírus. Ela se alastrou inicialmente pela Ásia e pela Europa, no início de abril, o vírus já havia se espalhado pelo mundo (FIEL, 2020).

É importante salientar que existem pandemias, epidemias e endemias, de acordo com Rezende (1998) não se pode diferenciar epidemia e endemia com base apenas na maior ou

menor incidência da doença em uma população, enquanto o número de casos novos e sua rápida difusão é a principal característica da epidemia, no caso das endemias não se pode usar o fator do quantitativo e sim sua peculiaridade na região e país. Quando uma epidemia se espalha e atinge a população em proporção maior, assolando grandes regiões geográficas, continentes ou o planeta, chama -se pandemia. Sobre a relação animais e coronavírus:

> Os animais são reservatórios naturais dos coronavírus, que precisam de um hospedeiro animal intermediário para ser transferidos aos humanos. Já entre humanos essa transferência sustentada é possibilitada por uma série de mutações sofridas pelos vírus. Estudos mostram que Sars-CoV-2 teve origem em pangolins (mamíferos próprios da Ásia e da África), tendo migrado para morcegos (hospedeiros intermediários) e desses para os humanos. Essa transferência dos vírus dos animais para os humanos traz um conjunto de agentes etiológicos contra os quais não temos imunidade, e o potencial de emergência de saúde pública é evidente (CASAS *et al.*, 2020, p. 78).

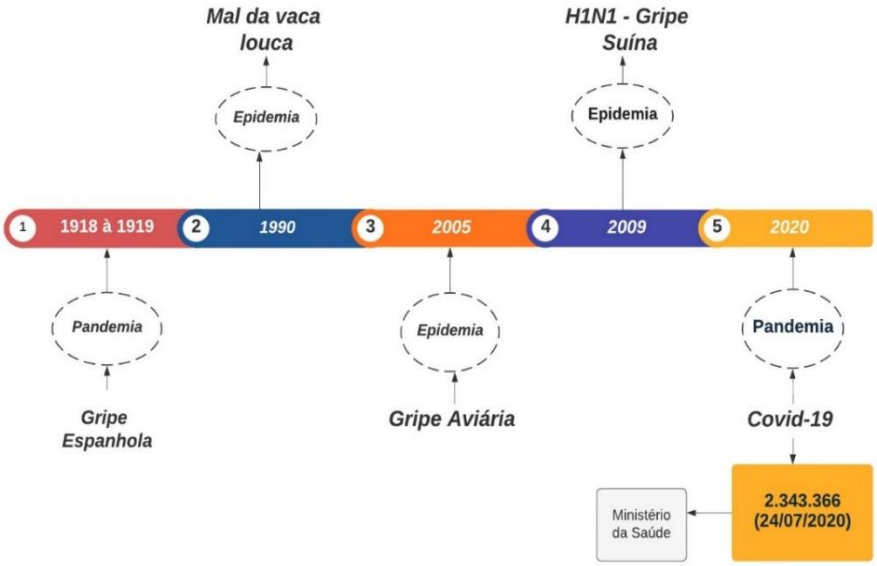
A COVID-19 não foi a primeira pandemia e provavelmente não será a última, se as pessoas continuarem consumindo animais. A Gripe Espanhola, até então, era considerada a maior pandemia, ela acometeu a população no século XX e surpreendeu o mundo em 1918 à 1919, o nome, de acordo com Ferraz (2020), se deu ao fato da notícia da doença ter sido feito pela imprensa espanhola. Desde 1960 se relata casos de coronavírus e sua ação em animais e humanos, podendo ocasionar resfriado considerados como simples, até problemas respiratórios severos, conforme destacado por Casas *et al.* (2020).

Em 1990, no Reino Unido, surgiu a epidemia popularmente conhecida como “mal da vaca louca”, nome popular para *encefalopatia espongiforme*, que atacava o gado e afetava humanos com sintomas de doenças neurodegenerativas. No Sudeste Asiático, em 2005, outra epidemia foi a gripe aviária e, em 2009, no México, uma pandemia acometeu a população, a gripe suína ou gripe A ou H1N1 (FIEL, 2020).

A Influenza ou vírus da gripe se espalha com grande facilidade e deixam muitas pessoas hospitalizadas. São quatro tipos de vírus influenza/gripe: A, B, C e D, sendo o vírus influenza A responsável pelas grandes pandemias.

O vírus Tipo A é encontrado em várias espécies de animais, suínos, cavalos, mamíferos marinhos e aves, como também em seres humanos. Diferente do Tipo B que infecta exclusivamente os seres humanos, o Tipo C além de infectar humanos também acomete suínos. E por fim, o vírus tipo D encontrado em suínos e bovinos (BRASIL, 2020). A figura 1 apresenta uma breve linha do tempo de algumas doenças de origem animal, desde 1918 até o momento atual 2020.

Figura 1 - Linha do tempo das doenças – Pandemias e Epidemias



Fonte: Elaboração própria, adaptada.

Souza (2020) aponta para o aumento da demanda de proteína animal em decorrência do aumento da população mundial a exemplo da China, que consome inúmeros animais, inclusive cachorros e animais peçonhentos, o que faz parte da sua cultura, mas acabam por gerar maior demanda por proteína animal. Isso faz com que a pecuária industrial utilize de novos métodos, para garantir uma alta produção, tornando assim o confinamento em grandes escalas dos animais, além de não ser suficiente para o bem estar do animal, ocasiona patologias.

Quando se fala em pandemia as pessoas parecem não se importar com as questões que ela venha a causar, fica então a pergunta: Estaria então a população preocupada com o futuro do planeta? A atual pandemia do Covid-19 talvez diga que não, uma vez que o mais recomendado pela Organização Mundial da Saúde - OMS seria o isolamento social, no entanto, o que se vê são ambientes lotados, praias, bares, praças, entre outros. Um planeta onde não se tem compreensão e empatia pelo outro (ser humano) parece se importar muito menos com os animais. Uma triste realidade que afeta cada vez mais estes seres indefesos.

> A natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise. É terrível o que está acontecendo, mas a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário. Desde pequenos, aprendemos que há listas de espécies em extinção (KRENAK, 2020, p.7).

Enquanto houver a objetificação animal, o olhar para eles como coisas e não seres que sofrem, o consumo animal acontecerá de forma errônea e destrutiva, ocasionando cada vez mais enfermidades devido à ganância econômica, o que de fato é hoje o grande responsável pela matança desenfreada deles.

4.6 Direitos dos animais: a dor daqueles que não falam

Em uma sociedade em que as pessoas se consideram superiores em várias questões, como, por exemplo, econômica, em que usam do poder aquisitivo para mostra-se superior a outra pessoa, assim como por fatores religiosos usando da fé para ferir, matar, usar os animais para proveito próprio não é algo que cause espanto, mas causa dor, física e emocional para quem acompanha esses animais em sofrimento, e principalmente para os animais.

A relação seres humanos e não humanos existe desde tempos remotos, uma aproximação que ocorreu no período 10.000 e 5.000, quando começou a se planta, prender animais para o consumo, e aumentar os produtos que detinham (STEFAN, 2018). Ainda de acordo com a autora, o convívio entre diferentes espécies foi modificado no decorrer do tempo, onde o contexto de sobrevivência não era o único a ser pensado. Ao que se observa hoje é a relação com os animais domésticos, algo que foi se aperfeiçoando com o tempo, de forma positiva e negativa.

> Nesse âmbito, o estabelecimento da dicotomia animal versus humano, ou animalidade versus humanidade, concedeu aos seres humanos o aval para cometerem violência contra a vida de outros seres sem que isso, necessariamente, se constituísse em um problema de ordem moral (STEFAN, 2018, p.23).

Os animais domésticos são usados muitas vezes como forma de ganho financeiro. Os canis, clandestinos ou não, usam cadelas como matrizes por anos, e quando não fornece o lucro (procria) é jogada literalmente para morrer, doente, faminta. Grande parte desses animais é estuprada, porque quando não aceitam o cachorro são amarradas e forçadas à relação.

Acreditar que o animal por sua espécie deve ser usado, sofrendo maus tratos inclusive chama-se especismo, consideram animais não humanos inferiores em relação aos humanos, animais ditos domésticos ou silvestres são colocados como menos inferiores em comparação aos demais (SOUZA, 2018). Ainda de acordo com o autor, o pensamento do especismo coloca os seres não humanos em situações humilhantes e de dor, no qual são objetificados, abatidos para pecuária, além de serem explorados no entretenimento, seja rodeio, vaquejada, zoológicos, circos ou touradas. São vistos mercadoria, sendo comercializados tanto vivos como mortos, são aprisionados em aquários, jaulas.

Um dos grandes enfrentamentos dos protetores de animais é a venda de animais. Tantos animais sofrendo nas ruas, abrigos lotados, no entanto, as pessoas preferem comprar uma determinada raça para mostrar mais uma vez poder econômico, pois algumas raças são sinônimos de dinheiro pelo alto valor de comercialização. Após a compra, eles são mantidos presos, amarrados, em correntes ou gaiolas, em quintais minúsculos ou nas ditas "casinhas de cachorros", às vezes sem água, sem comida, vivendo nas próprias fezes e urina. Tudo isso configura crime de maus tratos a animais de acordo com o artigo 32 da Lei Federal nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, conhecida como Lei dos Crimes Ambientais (LCA). Disserta o referido dispositivo jurídico que ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos pode incorrer em pena de três meses a um ano e multa à prática de ato de abuso **(**BRASIL, 2020).

Em 15 de outubro de 1978 foi criado e idealizado por defensores da causa animal, a Declaração Universal dos Direitos dos Animais, criando para a Organização das Nações Unidas pontos jurídicos a respeito dos direitos dos animais (SILVA; SALOMÃO E NEVES, 2020). A Declaração foi influenciada pela ética animal, no qual, os seres humanos devem preservar os não humanos e assim garantir uma vida com dignidade. Ela consta com quatorze artigos, e apresenta como os seres humanos devam evitar o sofrimento animal, não somente físico, mas também psicológico (SILVA; SALOMÃO E NEVES, 2020).

Souza (2018) na maioria dos países algumas agressões ainda não são consideradas crimes. São elas: pesca, pecuária, legalizadas em todo o mundo. Ratos, porquinhos-da-índia, camundongos usados em laboratório. Aprisionamento das aves. Eventos com base em entretenimentos, vaquejadas, touradas, rodeios.

Muitas práticas de crueldade contra os animais ainda são vistas como culturais, matam, torturam e mutilam por mero divertimento ou entretenimento. Diniz (2018) apresenta algumas são as práticas de crueldades sofridas pelos animais, a saber:

a) rinha: configura rinha briga de galos, passarinhos, cachorros que são levados a um confronto, ferindo e até matando os animais.
b) carreira de "boi cangado": ato de colocar uma peça de madeira que se encaixada no cangote do animal, sendo presa sob o pescoço por uma tira de couro, traçando sobre dois animais que é presa no chão. Os animais são estimulados com o guizo, espetados por uma lança pontiaguda até ficarem violentos, partindo para a disputa, que só termina quando um deles cair sangrando no chão. É uma prática comum no Rio Grande do Sul;

c) farra do boi: solta o animal na multidão, é uma prática que consiste em submeter o animal a fobia pública. Ocorre o sacrifício de bois na sexta feira tem o sentido simbólico de transformá-los em portadores dos pecados humanos. A farra do boi em Santa Catarina se dá durante o ano todo se caracteriza pela tortura animal;

d) tourada: consiste na disputa entre animal e o homem, até levar o touro à morte, que se dá de forma lenta, fazendo com que o animal sangre até cair ao chão;

e) vaquejada: é posta em lei n. 13.364/2016 manifestação cultural nacional e de patrimônio cultural imaterial, prática do nordeste brasileiro, consiste no ato de dois vaqueiros (o puxador e o esteireiro), montados em cavalos, perseguirem o boi desde a saída do box até a faixa de julgamento, devendo laçá-lo, tombá-lo e arrastá-lo até que mostre as quatro patas para cima, provocando hemorragias internas e luxações;

f) rodeio: considerada como patrimônio cultural imaterial, o animal é montando, tem seus órgãos amarrados;

g) sacrifício de animais: ato de crueldade se considerados como oferendas em seitas ritualísticas;

h) pesquisas experimentais em animais vivos: causam sofrimento e dor até a morte aos animais, mas também outros experimentos que não lhes provoca dor alguma (como estudos em que se observam a conduta dos animais);

i) produção de alimentação humana: animais são utilizados para o consumo, ficam confinados e submetidos a método de criação intensiva e a maus-tratos (castração, descorna, debicagem (corte das pontas dos bicos das galinhas-aves), inseminação artificial sem uso de anestésicos) e têm morte precoce.

Na prática, o que se vê é outra realidade, animais utilizados das piores formas, carroças altamente carregadas, animais silvestres sendo vendidos clandestinamente. A não punição contra aqueles que praticam maus tratos vem permitindo que eles cresçam. De toda forma, é importante denunciar, pois a omissão mata ainda mais.

Os animais não humanos são usados frequentemente de forma negativa, no entanto ainda existem comparações dos seres humanos com os não humanos em colocações positivas, porém devido a relação especista que regue a sociedade percebe-se o tratamento enraizado no antropocentrismo (BRÜGGER, 2013).

Existe um pensamento colocado por alguns seres humanos a respeito da dor dos seres não humanos. O que faz pensar que eles não sentem dor? Eles possuem sistemas nervosos,

parecidos com dos seres humanos, quando sentem dor a pupila dilata, a pressão arterial também, pupilas dilatam, reações que os seres humanos sentem quando sentem dor (SINGER, 1975).

> Os animais que não os humanos sentem dor? Como sabemos? Bem, como sabemos se alguém, humano ou não humano, sente dor? Sabemos que nós próprios sentimos dor. Sabemos isso pela experiência direta. Da dor que temos quando, por exemplo, alguém nos queima as costas da mão com um cigarro aceso. Mas como sabemos que os outros sentem dor? Não podemos experimentar diretamente a dor de outrem, quer esse "outrem" seja o nosso melhor amigo ou um cão vadio. A dor é um estado da consciência, um "acontecimento mental" e, como tal, nunca poderá ser observado. As contorções, os gritos ou o afastamento da mão do cigarro aceso são comportamentos que não constituem a dor em si; nem o constituem os registros de atividade que um neurologista poderá efetuar nas observações cerebrais da própria dor. A dor é algo que se sente, e só é possível inferir que os outros a sentem através da observação de várias indicações externas (SINGER, 1975, p.25).

Portanto, é possível compreender a dor daqueles que são semelhantes aos seres humanos, se não assim fosse, qual motivo para serem utilizados em experimentos?Colocar um animal sujeito a dor e sofrimento e acreditar que ele não sinta poderia ser denominado crueldade.

Souza (2018) descreve algumas formas que os animais não humanos manifestam ao sentir dor, seja física ou psicológica, expressam sentimentos. Seguem descritas a seguir:

a) Ao ser agredido o cão grita, e ao ficar preso ele sofre o isolamento, fica triste.
b) Animais como vaca, cabra ou uma ovelha sofrem tanto por viverem aprisionadas em baias na pecuária intensiva ou semiextensiva, e sofrem também psicologicamente ao ter seus filhos (filhotes) roubados.
c) Ao ser degolado o porco morre agonizando.
d) O peixe ao ser retirado da água se retorce freneticamente por causa da asfixia.
e) Aves, por exemplo, frangos sofrem estresse devido ao aprisionamento em granja industrial quente e lotada.

Saraiva (2014) aponta o princípio da igualdade usado por Singer, para que seja possível entender que se faz necessário compreender a natureza e seu princípio de igual consideração de interesses. Esta igualdade contém ressalva, se o ser humano está em sofrimento, é dado a ele uma maior atenção pela sua racionalidade.

4.7 A abolição animal: Uma visão na linha de pensamento de Tom Regan

Animais não são objetos ou coisas, são seres vivos, que sofrem, sentem dor, frio, calor, fome, sede, e mesmo assim, seres humanos são capazes de maltratar aqueles que são indefesos, de todas as formas, sem proteção por parte do governo, sem proteção por partes das pessoas, sem amparo da lei efetivamente. O pensamento de Tom Regan é pautado no pensamento

abolicionista. Tom Regan foi ativista, teórico e professor Emérito de Filosofia pela North Carolina State University, detêm um vasto número de livros, artigos e resenhas. Seus livros de destaque são: *The case for animal rights (1985), Animal sacrifices: religious perspectives on the use of animals in science (1986), Animal rights and human obligations (1989),* em conjunto com Peter Singer, e *The animal rights* debate (2001), em coautoria com o filósofo Carl Cohen (TRINDADE E NUNES, 2011).

Para Regan não basta apenas tratar os animais de forma menos dolorosa, ou branda, para que todos tenham liberdade é necessário o abolicionismo animal completo (MARCON, 2020). "Independentemente de os explorarmos para nossa alimentação, abrigo, diversão ou aprendizado, a verdade dos direitos animais requer jaulas vazias, e não jaulas mais espaçosas" (REGAN, 2006, p. 24).

Em relação os animais a sociedade os utilizam no decorrer dos tempos a cultura do abandono, quando algo implica desconforto de alguma forma logo é feito. Não se resolve a questão da forma correta. Por exemplo, quando uma pessoa compra um animal, para "uso/companhia, doméstico" infelizmente a compra de animais ainda existe, na primeira oportunidade de deixar o animal de lado será feito. Com isso, vem várias questões colocadas, como o animal faz necessidades, ou o filho tem alergia, ou a casa é pequena, o animal roeu o sapato, e tantas outras que de nenhuma forma justifica o abandono. De fato, os animais são tratados de forma diferente do que se diz acreditar na forma como deveriam ser tratados na visão de Francione (STEFAN, 2018).

Ao acolher um animal, mesmo que seja por meio da compra, ele fará parte da responsabilidade de quem o tem, logo, estas questões são obvias e devem ser consideradas em conta. Além do sofrimento que o animal adotado ou não venha a passar por ter sido abandonado, tem o fator saúde pública.

A ideia de ter direito na vida de outro ser é mostra como o ser humano necessita de evolução, e que ao decidir ter um animal, um ser não-humano, é necessário que se entenda que existem responsabilidades que precisam serem seguidas. A liberdade animal não consta em ter um e depois se desfazer dele, abandono não é liberdade, assim como prisão (manter animal acorrentado ou em casinhas) não é amor. Deixar de consumir alimentos de origem animal também segue um movimento abolicionista, como aponta Hirdes (2018):

> Assim, o ativismo vegano, norteado pelo abolicionismo animal ressignifica as práticas de consumo também por meio da alimentação. As ações políticas proporcionadas pelas escolhas alimentares são características peculiares dos grupos que partilham esse estilo de vida. A preservação da vida é simbolizada pela compra de alimentos que não apresentem em sua composição derivados de animais (HIRDES, 2018, p.96).

Prudencio e Carbornar (2015) observam o crescimento do movimento que busca a libertação animal, o movimento pelos direitos dos animais, ou direitos animais que se denomina abolicionista. Ainda colocado pelos autores, a abolição animal seria a libertação de maneira ampla, onde não se utilizaria animais em pesquisas, da comercialização de animais, ou outra forma de consumos, vestimentas ou alimentação, o que liga ao movimento do veganismo.

A liberdade animal pode ser dita como seletiva, isso porque alguns animais são criados para morrer e outros para companhia, exemplo dos cachorros e porcos. Regan (2006) levanta esta questão quando pergunta se os animais tem Direitos, logo, as respostas vêm de forma diferente, "por exemplo: algumas pessoas acreditam que gatos e cães, galinhas e porcos não sentem nada; outras acreditam que sentem." (REGAN, 2006, p.23).

Para Baptistella (2015) os seres humanos criaram uma divisão entre animais humanos e não humanos. Por exemplo, cobra e um gato são diferentes, porém na nossa sociedade os colocam na mesma caixa: animais. No entanto, o gato tem um cotidiano diferente, é considerado um animal doméstico e o rato um perigo que deve ser combatido. A animalidade humana é colocada de lado nessa equação, pois são vistos como seres especiais, superiores.

> Assim, diferentes bichos desempenham diferentes papéis e tem posições diferenciadas na sociedade, não somente de acordo com a espécie, mas sobretudo com o tipo de relação construída, que pode ser diferente, mesmo entre membros da mesma espécie. Assim, o gato que se ama é considerado membro da família e os gatos abandonados em campus universitários são pragas que ameaçam a saúde pública. O peixe serve ao ornamento e à cozinha, os ratos brancos servem ao afeto e ao papel de cobaia (BAPTISTELLA, 2015, p. 23).

Esse pensamento que algumas pessoas têm em relação aos animais configura um não conhecimento de proteção, já que pela lógica, quem protege, faz a todos. Ter um animal doméstico e achar um animal em situação de rua desprezível, tem por base uma questão voltada não somente de escolhas, mas de empatia.

Então, ao lutar pelo Direito Animal, pode se tornar seletivo para aqueles que "amam" animais (*pets*) e comem outros (porco, galinha, vaca, etc...). Ou até mesmo serem extremistas na visão das pessoas que vivem do lado de fora de quem defende os seres não humanos.

Regan (2006) coloca os ativistas em uma situação de desconforto e até mesmo perigosa, uma vez que aqueles que são contra o abolicionismo animal, busca de qualquer forma destruir a imagem dos ativistas, esperando que eles tenham atitudes fora da lei, sendo julgados de terroristas, apresentando uma ideia que os Defensores dos Direitos Animais (DDAs) como ele chama, seriam "libertadores". Mas essa liberdade seria perigosa para quem não fazia parte do movimento abolicionista, o restante seria punido.

> Não só o pesquisador universitário que usa animais em estudos danosos, o vendedor de peles ou o caçador correm risco de vida, mas também os filhos do pesquisador, o rabino ou o pastor do vendedor de peles, e os amigos do caçador ou seus sócios. Em suma, qualquer pessoa pode ser escolhida como vítima legítima e justificável pelo exército de "libertadores" que decidiu que está na hora de começar a matar gente para salvar animais e o ambiente (REGAN, 2006, p.33).

Tentar acabar com o movimento seria a proposta perfeita, e se daria com a ajuda da mídia, que vincularia notícias tendenciosas a favor principalmente para as grandes indústrias que não querem perder ou diminuir seu lucro em cima do sofrimento animal.

Robbins (2014) complementa ao colocar como as indústrias não querem apresentar como os animais são tratados, exatamente por saberem que existem pessoas que gostam de animais, e não o consumiriam caso vissem de fato como é o modo de vida e abate deles. A indústria tem receio que vejam como os animais ficam nos galpões, gaiolas, ou outros espaços minúsculos. As galinhas são amontoadas, sem se mexer, tem os bicos arrancados para não brigarem com as outras. As vacas são mantidas em galpões sem poder se mexer, diferente do que é apresentado nos comerciais, onde são apresentadas vacas felizes e livres.

4.7.1 Damascenos, vincianos e relutantes

Passar a enxergar os animais como seres participantes da sociedade e não como propriedade, mercadoria ou coisa, é um momento pelo qual podem ser colocados em três momentos. De acordo com Regan (2006) existem os damascenos, vincianos e relutantes. Os damascenos seriam aqueles em que “num momento eles estão aceitando o paradigma cultural; no minuto seguinte, não estão mais” (REGAN, 2006, p.42). Já os vincianos possuem o desejo de proteger e ajudar, pois, são seres com vidas próprias e únicas. Ao retratar os relutantes levam um tempo para conhecer a consciência animal, o aprendizado é paulatinamente.

Os damascenos são referenciados ao processo que participa Saulo (nome do apóstolo Paulo) que passou por uma mudança repentina em Damasco, onde Jesus apareceu para ele, e com isso Saulo se converte, tornando-se Paulo, o apóstolo. Com isso, Regan apresenta como as experiências são capazes de modificar os seres humanos de tal forma que em um momento aceitam o paradigma cultural e em outro não (REGAN, 2006).

O termo vincianos tem como referência o pintor Leonardo da Vinci (1452 – 1519), que de acordo com o que foi relatado ele se tornou vegetariano por razões éticas, e pelo amor aos animais. Regan faz um ponto com as crianças, de quando elas nascem vincianas, porém a consciência animal com o tempo vai sendo enfraquecida.

Tom Regan se considerou um relutante, que buscava respostas a cada pergunta respondida, aprendendo de forma gradual e não repentina, como pode ser vista a seguir:

> [...]a maior parte das pessoas que se torna ativista é composta de relutantes, gente que primeiro aprende uma coisa, depois outra; que experimenta isto, depois aquilo, fazendo perguntas, achando respostas, tomando uma decisão, depois uma segunda, e uma terceira. Homens, ao que me parece, têm um talento especial para levar todo o tempo que acharem necessário para isso. Tendemos a querer mais, por meio de provas racionais, e mais, por meio de demonstrações lógicas. Existem muitas coisas sobre as quais nós achamos que devemos "pensar melhor" antes de nos permitir tomar partido e ficar do lado dos animais (REGAN, 2006, p.43).

Os relutantes podem-se dizer que fazem parte em maior número de pessoas que se tornaram ativistas, damascenos e vincianos, no entanto, existe mais damascenos ao invés de vincianos. É possível perceber que independente de qual grupo ou categoria se enquadra dos três todos resultam em prol da consciência animal.

4.7.2 O especismo de Peter Singer

Explorar...a palavra por si só carrega uma conotação pesada, mas explorar pode ser suave quando empregada para algo sublime, explorar um livro por exemplo, falando a respeito da leitura. Mas aqui se emprega o seu peso entre explorador e explorado. Não existem questões éticas quando se fala em explorar o outro seja seres humanos ou não humanos. No entanto, o que se percebe são pontos éticos de forma individual, existem aqueles que acreditam ser ético matar (dada o crime cometido), mas outros não pensam ser ético cometer tal ato. Mas como ser ético em meio ao especismo? Maior parte dos seres humanos são considerados especistas, sendo uns cruéis diretamente e outros indiretamente, quando aceitam que o dinheiro dos impostos seja usado em práticas que contenham sacrifício (SINGER, 1975).

> Se um ser sofre, não pode haver justificação moral para recusar ter em conta esse sofrimento. Independentemente da natureza do ser, o princípio da igualdade exige que ao seu sofrimento seja dada tanta consideração como ao sofrimento semelhante - na medida em que é possível estabelecer uma comparação aproximada - de um outro ser qualquer. Se um ser não é capaz de sentir sofrimento, ou de experimentar alegria, não há nada a ter em conta. Assim, o limite da senciência (utilizando este termo como uma forma conveniente, se não estritamente correta, de designar a capacidade de sofrer e/ou, experimentar alegria) é a única fronteira defensável de preocupação relativamente aos interesses dos outros. O estabelecimento deste limite através do recurso a qualquer outra característica, como a inteligência ou a racionalidade, constituiria uma marcação arbitrária. Por que não escolher qualquer outra característica, como a cor da pele? (SINGER,1975, p.24).

Não existe uma medida ou cálculo para medir sofrimento, julgar o que seria menos cruel por se só já se torna injusto. Seria como escolher em um hospital quem vive e quem morre, ou em situação de pobreza extrema, quem se alimenta e quem fica com fome. Escolher a menor dor continua dolorido.

Foer (2009) questiona o fato de existirem muitos alimentos no planeta, no entanto, apesar da diversidade alimentar porque ainda se come determinadas categorias de alimentos,

uma seleção relativamente pequena. Faltam palavras para explicar, ou poucas palavras explicam o fato de comer vacas ao invés de cachorros, asas e não olhos.

No ponto de vista de Singer o vegetarianismo e o fim da vivissecção são fatores que devem ser adotadas, no entanto, ele defende que determinadas experiências com animais para benefício humano poderão ser realizadas se este for maior que o mal causado aos animais. Exemplo, tratamentos médicos, medicamentos (SARAIVA, 2014).

Lemes (2016) coloca esse pensamento de Singer como obsoleto, apesar dele ser pioneiro no tema dos direitos dos animais, o fato de "aceitar" a morte de um animal em benefício humano coloca o ser humano ainda como seres superiores, o peso da morte para os dois humanos e não humanos não é o mesmo.

Singer (1975) coloca que existam sim muitos problemas no planeta e que devem atenção, pobreza, racismo, sexismo, guerras, meio ambiente frágil. Todos são graves problemas e não se pode falar qual é mais grave. Mas, ao libertar do especismo poderia ser possível enxergar o modo opressor com que os seres humanos impõem aos não humanos, e como o sofrimento que eles passam são enormes. Em suas palavras:

> [...]mais de l00 milhões de porcos, vacas e ovelhas sofrem anualmente o processo descrito no capítulo 3 [dizer o que é p/não perder o nexo], apenas nos Estados Unidos; o mesmo se aplica a milhares de milhões de galinhas; e, anualmente, pelo menos 25 milhões de animais são utilizados em experiências (SINGER, 1975, p.165).

Vários pontos são colocados quando se trata do modo como os animais não humanos são tratados, um deles retrata o fato dos animais matarem outros animais (SINGER, 1975). A justificativa ocorre pelo fato de os animais ficarem expostos, no entanto, o argumento se torna falho, uma vez que o animal se encontra em seu *habitat*, e não utiliza de artifícios (faca, machado, remédios) para que o animal seja morto. Até a caça é feita de forma estruturalmente desproporcional, caso exista proporção. Quem caça o faz com arma, diferente dos seres não humanos, seguem o rumo natural deles. Se os animais humanos tivessem vocação carnívora e predatória, nasceriam com garras e dentição adaptadas para a atividade, poderia caçar e matar nossas presas com as próprias mãos, argumento defendido pelos veganos (NEGRINI, 2019).

Naconecy (2006) aponta que de fatos alguns animais matam e comem uns aos outros. Porém, o fazem em sua maioria para se alimentarem, é uma questão de sobrevivência. Não existe escolha, é matar ou morrer. Diferente do que acontece com que vivem em sociedades agrícolas modernas, onde não há necessidade do consumo animal para sobrevivência. O que existe é uma escolha, e por isso, que os seres humanos ficam no topo da cadeia alimentar. Caso a escolha ao não consumo animal, a posição seria outra.

É um pensamento ligado a moral, e fica a indagação, o que é moral quando se fala nos Direitos dos Animais? Usar um animal para entretenimento, por exemplo pode ser considerado um ato moral? Entreter quem? Os seres humanos conduzem a moral de acordo com o que é favorável a si mesmo, e não o que seria correto ao outro, ao coletivo. Se ele pode optar por ter um carro e não andar de ônibus, ele o fará, mesmo sabendo que o aumento de automóveis é prejudicial ao meio ambiente. Ao voltar o pensamento somente para o lado dos animais não fica diferente.

> Portanto, na medida em que se mostram capazes de avaliar o impacto dos efeitos benéficos ou prejudiciais daquilo que nós, agentes morais, lhes fazemos ao longo das suas vidas, estariam inclusos nesta definição e no universo da consideração ética não somente todos os demais seres humanos, mas também boa parte dos animais não humanos, pois estes demonstram possuir as capacidades supracitadas de forma muito similar à nossa, compartilhando não apenas semelhanças anatômicas e neurobiológicas, mas também psicológico-comportamentais. Assim, TODOS os sujeitos-de-uma-vida seriam portadores de direitos morais básicos, a saber: direito inalienável à vida, à integridade física e à liberdade (SARAIVA, 2014, p. 16).

Esse encontro com a dor dos outros humanos e não humanos torna-se um pilar para a diminuição de tantas colocações infundadas a respeito da causa animal. Lutar pela causa não é uma questão moral, ética, é também econômica e política. É requerer qualidade de vida em todos os âmbitos.

5 FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA PRÁTICA VEGANA E SUAS PROPOSTAS ÉTICO-POLÍTICAS

Chegará o dia em que todo homem conhecerá o íntimo de um animal. E neste dia, todo o crime contra o animal será um crime contra a humanidade.

(Leonardo da Vinci)

Este capítulo apresenta como o veganismo abrange uma postura ética, visando não somente o bem-estar animal, mas uma concepção de liberdade dos animais não humanos, além disso o texto descreve o pensamento de Singer a respeito da ética, ética animal e ambiental, apresenta pontos do bem-estar animal não humano, aborda as descrições feitas por Tom Regan a respeito da utilização dos animais para benfeitoria e melhoramento da vida humana, colocando assim, os não humanos em situação de completa crueldade. Posteriormente coloca a visão da eutanásia para os animais não humanos de acordo com os apontamentos éticos e morais, e por fim, coloca algumas lutas do ativismo vegano, bem-estar animal e políticas públicas para melhoramento da vida animal.

5.1 Veganismo e práticas veganas: Um pleonasmo?

Como já foi dito anteriormente veganismo configura o não consumo ou a não utilização de produtos de origem animal e até mesmo em participação em eventos que contenham animais. Então porque prática a vegana não é pleonasmo do veganismo? Ser vegano é constituir um pensamento filosófico e ir contra o desenvolvimento estrutural que se tem hoje em dia, baseado no carnismo e enraizado no capitalismo, porém, algumas pessoas fazem uso do termo veganismo sem serem veganas, por exemplo, possuem uma alimentação baseada no veganismo, mas utilizam produtos testados em animais, o que não configura vegano.

A causa animal tem algumas vertentes e ideologias diferentes, apresentando de forma fragmentada e diversamente orientada a respeito da ética que orienta suas condutas (BAPTISTELLA; ABONIZIO,2017). Ainda de acordo com os autores, o crescimento do movimento vegano ocorreu em várias frentes da exploração animal, no entanto, com o seu aumento ele se fragmentou.

> A novidade do veganismo não está apenas na sua bandeira de luta, a defesa dos direitos dos animais, está ainda nos modos como seus integrantes estão ressignificando valores e práticas que se confrontam com os padrões até então vigentes, ou melhor, com as fronteiras que estavam delineadas nessa oposição já discutida entre humanidade-animalidade (ou ainda, entre autoconsciência e irracionalidade). Ao pôr em xeque tais fronteiras, seus adeptos são levados a reformular suas próprias práticas enquanto sujeitos sociais, daí a ênfase dada à produção de certos estilos de vida e modos de consumo (TRIGUEIRO, 2013, p.248).

Um novo significado a vida sem sofrimento é uma pauta, talvez a principal do veganismo, mas não limita ao animal não humano, abrange a natureza, os seres humanos, o consumo, é uma conduta de vida visando o melhoramento do planeta.

Muitas nomenclaturas são utilizadas para classificar pessoas que estão em busca por outro caminho, entre elas, vegetarianismo, veganismo, vegetarianismo estrito, ovolactovegetariano e outros. A questão é que, uma pessoa que não consome carne, mas ovos ela é ovolactovegerariana, no entanto, ela não utiliza por exemplo, produtos de origem animal, lã, couro, seda. Então, ela seria vegana? Não. Ainda seria ovolactovegetariana? Sim, mas também estaria praticando um dos princípios do veganismo que seria não usar produtos testados e de origem animal.

É comum ouvir algumas pessoas relatarem que não participam de eventos que contém animais pela razão de acharem cruel o fato deles viverem trancafiados e expostos. Seria uma prática vegana? Sim, porém não justifica o fato da empatia para alguns animais não humanos e não a outros, a seletividade, porém é um pensamento válido, talvez esta pessoa esteja a caminho da mudança que é se tornar vegano, uma vez que acredita na senciência dos não humanos.

Pensando em uma situação...alguém que seja vegano, e não necessariamente ativista, mas busca por uma vida sem sofrimento animal. Esta pessoa cria um cachorro, e ele vive preso (em casinha, no quintal ou amarrado). Não seria ir contra a ética animal? Nenhum animal merece sofrer, e mantê-lo preso configura maus tratos. No caso, ela seria “menos vegana”? Talvez uma vegana que não entendeu de fato a prática do veganismo.

Outro ponto, quando um estudante de medicina veterinária que é vegano, ou já médico veterinário precisar participar do abate de animais em açougue, ou realizar vivissecção, ou ainda indicar a eutanásia para animais que poderiam ser realizado tratamento, como no caso da doença do calazar (leishmaniose)[5]. A questão colocada não é discutir se é certo ou errado, mas se uma prática pode diminuir outra.

> Seria um erro trágico que mesmo apenas uma pequena seção do movimento de Libertação Animal tentasse alcançar os seus objetivos ferindo pessoas. Alguns crêem que aqueles que fazem os animais sofrer merecem que também os façam sofrer. Não acredito na vingança, mas, mesmo que acreditasse, esta seria uma distração prejudicial à nossa tarefa de fazer cessar o sofrimento. Para o fazermos, é necessário mudar as

5 A Leishmaniose Visceral é uma zoonose de evolução crônica, com acometimento sistêmico e, se não tratada, pode levar a óbito até 90% dos casos. É transmitida ao homem pela picada de fêmeas do inseto vetor infectado, denominado flebotomíneo e conhecido popularmente como mosquito palha, asadura, tatuquiras, birigui, dentre outros. No Brasil, a principal espécie responsável pela transmissão é a Lutzomyia longipalpis. Disponível em: https://saude.gov.br/saude-de-a-z/leishmaniose-visceral

> mentes das pessoas da nossa sociedade. Podemos estar convencidos de que quem pratica a violência sobre os animais é completamente mal e insensível, mas nós próprios desceremos a esse nível se ferirmos ou ameaçarmos ferir essa pessoa. A violência apenas gera mais violência - isto é um lugar-comum, mas a sua verdade trágica pode constatar-se na meia dúzia de conflitos que se desenrolam neste momento no mundo. A força do argumento a favor da Libertação Animal reside no seu compromisso ético: ocupamos um território moral elevado - abandoná-lo será fazer o jogo daqueles que se opõem a nós (SINGER, 1975, p.14).

A nomenclatura do veganismo por si só é definida, mas suas folhas e frutos são formados com base de suas práticas. Um dos pontos colocado por Felipe (2011) é a questão dos protetores de animais. Ela designa uma categoria específica, onde chamam de socorrista animalista, na sua concepção eles não são protetores pelo fato de proteger determinada espécie e outra não, por isso ele não os define como abolicionista, porque a compaixão deveria ser para todos os animais não humanos. Logo não são veganos, mas não exclui o fato de os socorristas aderirem ao movimento vegano.

O pensamento extremista que algumas pessoas colocam os veganos é em alguns casos por não saberem identificar o que é o veganismo e como o vegano vive de fato. Quais posicionamentos políticos, o que veste, como se alimentam. Assim, quando é colocado o pensamento vegano, como ponto principal o não sofrimento animal, e sua postura ética, alguns não compreendem que não se limita a alimentação. Fonseca (2018) coloca que:

> Para se dizer vegano com coerência, a pessoa que assume a postura precisa estar ciente do total abandono do consumo de produtos de origem animal, bem como de marcas que promovem testes, que patrocinam eventos ligados a exploração animal, etc. É uma postura que além de ética, é política (FONSECA, 2018, p.133).

A postura política adotada ao se tornar vegano acaba ocorrendo de forma gradativa, assim como todo o pensamento em torno do veganismo, se a busca inicial para se tornar vegano deriva do respeito, ou amor pelos animais, consequentemente também será por questões ambientais e humanitárias.

5.2 Ética para Singer: “Suficiente para nós e para ajudar os outros”

A escolha entre o que é “certo a se fazer ou não” acarreta questões que são moldadas no decorrer do tempo, tanto de forma individual como no coletivo, baseadas na forma como cada indivíduo foi criado, com bases nos seus princípios, no qual ele julga correto. Essa condução individual serve de orientação, mas que seja benéfica a todos.

Lopes (2017) caracteriza a moral como um conjunto de regras que servem para orientar o comportamento social. Utiliza-se o termo de forma genérica para envolver regras sociais, apresentando os desejos dos quais indivíduos de uma sociedade conduzem suas vidas. Então

para que a moral seja cumprida, ela se baseia no social, garantindo assim, qual direcionamento as comunidades devem seguir. Ainda de acordo com o autor:

> Embora os preceitos éticos sejam regras de conduta, os mesmos não podem ser vistos como leis, pois a atitude ética é uma ação tomada pelo ser humano independente de coação externa, e a lei é uma norma positiva, e possui algumas características, tais como: a) sanção em caso de desobediência da mesma; b) é o resultado de um processo formal de elaboração aprovado pela sociedade ou seus representantes; e c) é atributiva, isto é, significa que cada direito concedido acarreta em um dever a ser cumprido (Lopes, 2017, p.4).

Fazer julgamento do outro com base moral pode acarretar em erros de conduta, uma vez que, ao julgar, o faz de acordo com o que se acredita é “normal, bom ou correto”, porém indaga-se: Correto pra quem? Por exemplo, se determinada comunidade aceita como princípio moral o casamento entre três ou mais pessoas, para aquele povo é “normal”, no entanto, para aqueles que acreditam apenas na monogamia é algo inviável, ou antiético. Olhar o outro com base nos seus olhos e vivencia poderá acarretar em condenações desnecessárias.

> Algumas pessoas pensam que a ética é inaplicável ao mundo real por a encararem como um sistema de regras curtas e simples do tipo "Não mintas", "Não roubes" ou "Não mates". Não admira que quem adopta esta visão da ética pense que esta não se adapta às complexidades da vida. Em situações invulgares, as regras simples entram em conflito; e, mesmo quando isso não: acontece, seguir uma regra pode levar ao desastre. Em circunstâncias normais pode ser um mal mentir, mas no caso de uma pessoa que vivesse na Alemanha nazi e a quem a Gestapo batesse à porta à procura de judeus, por certo seria correcto negar a existência de uma família judia escondida nas águas-furtadas. Tal como o fracasso da moral sexual restritiva, o fracasso da ética baseada em regras simples não deve ser encarada como o fracasso da ética no seu todo (SINGER, 1993, p.8).

Colocar a ética em um discurso resumido de não matar, roubar ou mentir traz uma série de brechas que levam a “justificar inclusive alguns atos. Se é para não matar, que não se mate nenhum ser humano ou não humano. No caso da mentira, ainda entra mais questionamento, algumas pessoas colocam alguns tipos de mentiras como leves, ou que era para favorecer algo ou alguém. Talvez nesse caso, não pensa que ao favorecer um, estará desfavorecendo outro, tudo depende do ponto de vista.

Do ponto de vista de Singer (1993), a visão universal a respeito da ética apresenta o princípio de interesses, onde:

> A ética exige que nos abstraiamos do "eu" e do "tu" e que cheguemos à lei universal, ao juízo universalizável, ao ponto de vista do espectador imparcial ou do observador ideal, ou o que lhe quisermos chamar (SINGER, 1993, p.14).

Assim, todos possuem o mesmo peso, e o interesse individual possa valer para todos na mesma proporção e medida. Ao seguir uma vida ética cada indivíduo deve pensar como um todo, no qual todos serão afetados pelos seus interesses. Naconecy (2006) diz que é necessário ter disposição para julgar uma ação em relação a outra, conduzindo a vida de forma justa.

Singer (1993) ao tratar da aplicação ética ou moral (ele usa ambos os termos para a mesma finalidade) retrata o que não é ética/moral, entre eles, não se trata de proibições relacionadas ao sexo. Outro ponto, é que sua teoria é nobre, porém é falha na prática, a ética não é relacionada a religião, por fim, a ética não é relativa.

Então o que é ser ético? É ser bom? Mas, o que é ser bom? É fazer o bem? A quem? Muitas indagações, e respostas prontas, algumas baseadas na religião, outras em questões políticas, e algumas em posicionamentos sociais. Se ser ético é de fato conduzir melhores escolhas para o bem estar de todos em uma sociedade, talvez não foi compreendido direito. Na ética aplicada tem o que se chama de subgrupo da Bioética denominado ética animal (NACONECY, 2006). O que veremos a seguir.

5.2.1 Ética Animal

A relação entre seres humanos e animais (não humanos) deveria ser pautada no mínimo no respeito. Muitos relatam amar os animais, porém o que se observa é o especismo do especismo, como amar um animal e comer outro? Já colocado nas palavras de Joy (2014). Como amar *pets* e escolher por raça? E ainda comprar? Que amor é esse que é comprado? Favorecendo o aumento da venda clandestina, quando poderia adotar. E em relação aos animais silvestres parecem que não são seres com vida, são colocados de fora pela sociedade.

> A percepção ética e moral da sociedade em relação aos animais está diretamente relacionada aos bloqueios psicológicos e conceituais inculcados durante a construção de uma tradição religiosa e filosófica que parte do pressuposto de que os animais são seres destituídos de alma e de qualquer racionalidade, e, por isso, são inferiores à espécie humana, o que se desdobra, dentro do sistema capitalista, na exploração de animais em escala industrial. Vale ressaltar que, se há uma única diferença marcante entre a subjugação humana e a animal que merece ser apontada é que não há, em relação aos animais, legislação que lhes assegure expressamente direitos fundamentais e dignidade, uma vez que os animais não são considerados sujeitos de direitos pelo fato de não pertencerem à espécie humana, ficando privados de tutela jurisdicional efetiva para pleitear seus interesses intrínsecos, que não são sequer reconhecidos pelo ordenamento jurídico. (POKER, p.52, 2020).

Ao questionar o que é o sofrimento provocado aos animais, ainda são relatados casos de maus tratos, como se todo o contexto social que eles são sujeitados não valesse como tal. Foi possível perceber com o tempo que a maior parte do sofrimento animal ocorre pelo seu uso dito como normal e socialmente aceito, crueldade não é somente a ocasionada direta pelas mãos humanas (NACONECY, 2006).

Para Perrota (2016) a sociedade é orientada por um “imoralismo”, que ele define como sendo a insensibilidade para com os animais. Dessa forma, essas práticas devem ser mudadas,

pois elas são estruturadas no contexto que a relação seres humanos e animais são culturais, sendo na verdade hábitos.

> O que pode surpreender agora não é o fato de que um grande número de filósofos esteja reivindicando uma ética para os animais, mas, sim, o fato de que tais reivindicações ainda pareçam absurdas para muitos outros. Algumas dessas pessoas pensam que uma defesa ética dos animais implica necessariamente em adorar ou se emocionar ao ver um deles, ou mesmo gostar de tê-los como companhia em casa. Não é o caso: filósofos da condição animal não precisam ser "amigos dos bichos". Da mesma forma, alguém não precisaria ter filhos para mostrar que respeita crianças ou para denunciar a exploração infantil. Não obstante, os argumentos em favor de levar a sério uma ética em relação aos animais tendem a serem descartados automaticamente em vez de refutados. Eles são estigmatizados (cínica e indiscriminadamente) como argumentos fracos, isto é, sentimentalistas, passionais, infantis, fanáticos, não práticos ou não-cientificos (NACONECY, 2006, p.18-19).

Não observar que os animais sofrem e ainda criticar quem adota uma postura em busca de benefícios aos animais, redução do sofrimento total e/ou parcial é negar também a senciência dos animais não humanos. A luta não busca enaltecer uma espécie, e sim dar uma vida digna assim como qualquer ser humano. Ajudar e intervir em uma situação que o animal não humano esteja passando deveria ser obrigação de todos na sociedade com colocado por Regan (2006), que diz:

> Temos o dever de intervir em seu nome, o dever de nos manifestar em sua defesa. Nós devemos assistência a essas vítimas animais; ajuda é algo que lhes é devido, não algo que seria "superlegal", da nossa parte, lhes dar. A própria falta de habilidade delas para defender seus direitos torna ainda maior, e não menor, o nosso dever de ajudá-las (REGAN, 2006, p.75).

Ao deparar com um animal em sofrimento o mínimo que se faça é intervir de forma viável e que diminua o sofrimento dele, eles não possuem voz, não conseguem lutar pelos seus direitos, mas as pessoas podem e devem.

De acordo Mesquita e Pellenz (2019) existem duas correntes filosóficas em defesa dos animais não humanos, são elas o abolicionismo defendido por Tom Regan e Gary Francione que no qual os animais não sejam usados pelos seres humanos com finalidade de benefício humano, e o bem-estarismo, que preocupa-se com os seres não humanos, mas que permitem o seu uso para satisfação humana, ela é baseada no utilitarismo, tendo como principal defensor Peter Singer.

Alguns contrapontos são levantados por aqueles que acreditam que os animais devem ser utilizados em prol dos seres humanos, no entanto são colocações falhas, no qual apontado por Barbosa (2019):

a) Plantas sentem dor: Por não possuírem sistema nervoso central e cérebro elas não sentem dor.

b) Vitamina B12 para o organismo humano: Ela é indispensável, porém a carne não é a única fonte de proteína e vitamina, legumes, verduras, frutas, algas fornecem nutriente, existem também cápsulas.
c) Criação de plantações destroem mais que o gado: A pecuária destrói e esgota o planeta de várias formas.
d) Os animais e sua existência são para servir a humanidade: Esse pensamento se faz do especismo, e não deveria ser usado assim como o sexismo e o racismo, pois são colocações preconceituosas.
e) Animais não possuem valores: Esse argumento não tem moral válido, seriam necessárias premissas para guiá-lo.
f) Realização nas pesquisas científicas: Os animais não humanos não devem ser usados em pesquisas por não possuírem aspectos físicos iguais aos humanos.

Todo este pensamento no decorrer do tempo vem se tornando cada vez mais inviável, na medida que aborda o animal como projeto de utilidade humana destrói toda sua qualidade enquanto ser único e passível a dor e sofrimento.

5.2.2 Ética Ambiental

Pensar em ética animal e não pensar em ética ambiental é no mínimo incoerente, todos como diz Acosta (2016) possuem fundamental importância no planeta. Os animais humanos e não humanos são fundamentais para o bem-estar de todos. Ou seja, ao maltratar um animal não humano, não fere ele, mas a natureza e todos aqueles que buscam por uma vida digna para todos os seres.

> A ética ambiental é o campo de reflexão (muitas vezes crítica) sobre os fundamentos dos valores a partir dos quais se estabelecem as relações com a natureza e os seres vivos não humanos. É a especialidade da ética que atende a questões como: se justifica uma atividade que criará empregos, mas provocará a extinção de espécies? É melhor proteger um parque natural do que produzir energia que melhorará a vida de determinadas pessoas? Devemos nos importar se um empreendimento humano provoca a morte de animais? (FLORIT, 2016, p.259).

Ainda de acordo com o autor, questionar o que venha ser melhor ou mais favorável requer um pensamento ético, resolver tais questões deverá ter um julgamento de valor, de acordo com as preferencias, o que poderá acarretar em falácias.

Os recursos naturais vêm sendo consumidos pela sociedade desde o século XVIII, tudo para manter ou ter um bom padrão socioeconômico, posteriormente para o cultivo das terras, as sociedades agrícolas deram início a destruição das florestas, do solo, com as queimadas (VIVEIROS *ET AL*.,2015).

As colocações que tratam o meio ambiente relatam que um dos grandes vilões para as florestas e o meio é a pecuária, a alimentação consegue destruir grande parte dela, apenas para a plantação de soja que servirá de alimento (ração) para o gado e/ou outros animais.

> No que diz respeito à alimentação, a grande extravagância não é o caviar ou as trufas, mas a carne de vaca, a carne de porco e o frango. Cerca de 38 % da produção mundial de cereais serve: actualmente para alimentar animais, assim como grande quantidade de soja. Há três vezes mais animais domésticos neste planeta que seres humanos. O peso total dos efectivos mundiais de gado bovino (1280 milhões) excede, só por si o da população humana. Enquanto olhamos com tristeza para o número de crianças que nascem nas regiões mais pobres do mundo, ignoramos o excesso de população dos animais de criação, para o qual contribuímos (SINGER, 1993, p. 193).

A consciência na hora da alimentação, assim como na hora de se vestir, o que se compra for pensada de forma coletiva e não individualista, sem excedentes acarretaria em mudanças positivas não somente para os animais não humanos, mas inevitavelmente para o meio ambiente. Ao tratar da questão da consciência individual, Singer (1993) faz um questionamento a respeito das pessoas que se sentem incomodadas com questões como o aborto, exploração de animais, construção de barragens, porém não se colocam contra perante a lei, talvez por um discurso moral ou ético de não ir contra determinada lei, ou apenas por medo.

5.3 Tom Regan e o relato da crueldade: Muito além da alimentação

Em seu livro Jaulas Vazias, Regan (2006) descreve algumas questões da utilização dos animais em alguns setores além do consumo alimentar, e faz uma colocação bastante pertinente quando se é falado do não uso e consumo deles, que os seres humanos “necessitam” consumir carne, porém como já foi dito em outro momento não se faz necessário consumir carne para se levar uma vida saudável ou sobreviver.

Na parte alimentar, além do consumo de carne, existem outros produtos que deveriam ser deixados de fora da dieta nutricional, tanto pela saúde humana, como pela dos animais. Singer (1975) coloca que os animais não ganham muito com a desistência do consumo da carne, ou ovos industriais, e continuar consumindo leite e derivados. Ele aponta então uma forma ideal para uma substituição melhor: Substituir carne por vegetais; Ovos de grande produção por ovos de galinhas do campo; ou deixar de consumi-los; Substituir leite e derivados por leite de soja, ou tofu.

No caso do vestuário, seja para roupas ou acessórios a utilização animal é menos necessária. O uso de pele, lã e couro não se faz necessário, seja para sobrevivência ou para a

saúde (REGAN, 2006). A seguir serão abordados alguns pontos da indústria de pele (Americana) feita por Regan (2006).

a) Pele fabricada: Uma fábrica de pele possui um projeto como qualquer outra, segue os animais em fileira, cercada, presos em jaulas. Possui em média cem mil animais, os animais mais utilizados para a retirada de pele são: Minks, raposas, guaxinins chinchila e lince.
b) Pele capturada com armadilha: Os animais são presos, não escapam, sofrem horas ou dias, tentam escapar de várias formas, mordendo as patas, ou a armadilha, assim acabam quebrando os dentes.
c) Mercado internacional de pele: Existem alguns tipos de caças, Regan relata três, um deles é o abate das focas, o principal motivo era a venda das peles, além do óleo que feito derivado dela. Outro é a do cordeiro persa, são mortos as vezes antes mesmo de nascerem, entre um, três ou quinze dias antes, no último caso são mortos ainda na barriga da mãe juntamente com a mãe. Com a única finalidade de se ter um casaco de pele. E tem também a pele de cão e gato, comum na China, viram pelúcias, casados e mis alguma coisa que eles conseguem fazer com seu uso. Os gatos são estrangulados, enforcados, enfiando água pela garganta para que sufoquem. Os cachorros também são enforcados, com arames, pendurados, são esfolados na maioria das vezes ainda vivos.

O couro e a lã também são bastante usados pela população no todo, que contém também muita crueldade, desde a criação desses animais, ao esfolamento da pele, e matança. Tudo dor para uma única finalidade: Dinheiro. Regan (2006) afirma não ter lógica o benefício econômico para os humanos alegarem todo o sofrimento que os animais não humanos passam. Contribuindo, Singer (1975) diz que:

> As pessoas que lucram com a exploração de grandes quantidades de animais não precisam da nossa aprovação. Precisam do nosso dinheiro. A aquisição dos cadáveres dos animais que criam é o principal apoio que os produtores pedem às pessoas em geral (o outro, em muitos países, é a atribuição de consideráveis subsídios por parte do govemo). Os produtores utilizarão métodos intensivos enquanto conseguirem vender o produto destes métodos: terão recursos para combater politicamente as reformas e poderão defender-se das críticas com a afirmação de que se limitam a dar às pessoas aquilo que elas querem (SINGER, 1975, p.127).

Os grandes, médios e pequenos empreendedores querem único e exclusivamente lucrar, e com isso irão utilizar aqueles que geram grande fortuna, os animais. Consumir carne na alimentação é ruim para os animais, assim como as outras formas, como no entretenimento.

No entretenimento, os animais são usados com a única finalidade de entreter os seres humanos, os circos durante muito tempo tinham os animais como principais atrações, infelizmente em torno de muito sofrimento para o animal, começando pela privação, são retirados de seu *habitat* vivendo em um lugar totalmente inapropriado. Regan (2006) descreve exatamente a respeito quando diz que:

> O lugar certo para animais selvagens é o ambiente onde eles podem expressar livremente aquilo que são, tanto como indivíduos quanto como membros de um grupo social móvel (no caso dos elefantes, por exemplo). Nenhum circo pode oferecer esse ambiente. As limitações de espaço, a perda da estrutura social e o comportamento anormal ajudam a mapear as dimensões da privação sofrida pelos animais no circo (REGAN, 2006, p.157).

Nenhum animal deve ser privado de sua liberdade, ser retirado, ou melhor falando, literalmente arrancado de seu lar para ser utilizado como divertimento do outro. Além da limitação do espaço, tem o adestramento, eles são torturados até "aprender" algo. São utilizados, barras de ferro, chicote, correntes, mordaças e outros (REGAN, 2006).

Assim como os circos, os aquários também prendem animais em espaços minúsculos, sendo "treinados" cansativamente, chegando à exaustão. Na sua maioria são animais de grande porte, ursos, baleias, pinguins e outros (REGAN, 2006). Qualquer animal que é capturado para o entretenimento é feito de forma cruel, Regan (2006) descreve a captura dos golfinhos, no qual:

> [...]Os barcos perseguem um bando até que seus membros fiquem exaustos demais para tentar escapar. Baixa-se uma rede, o bando é preso e os golfinhos são jogados no chão do barco. Debatendo-se e protestando (emitindo estalidos e assobios), os espécimes mais desejáveis (normalmente entre dois e quatro anos de idade) são mantidos; os outros são atirados de volta ao mar. Alguns caem mortos no convés, por causa do choque. Muitos são feridos. A unidade social do bando é permanentemente prejudicada. Cada um dos estimados mil golfinhos atualmente mantidos em cativeiro no mundo tem uma genealogia que inclui a captura no mar (REGAN, 2006, p.168-169).

Imaginar que esses animais estão em muitos parques temáticos servindo de atração, enquanto a plateia assiste feliz, eles cumprem todo um roteiro cruel, as pessoas voltam pra suas casas felizes, e eles permanecem em cativeiro até o dia de sua morte. Triste fim.

Uma outra forma que os animais são utilizados é no esporte, como competidores, sendo explorados, mutilados, açoitados, competindo na maioria das vezes até a exaustão. Alguns dos esportes discutidos por Regan (2006) são caça e rodeio.

Caça ainda é considerada esporte, algumas pessoas possuem licença para matar, tanto animais silvestres, selvagens são mortos em qualquer época do ano, ou em tempos de caça liberada, para a caça aos animais regulamentadas (Regan, 2006). Algumas nomenclaturas são

utilizadas para tentar diminuir o sofrimento que é causado aos animais, uma delas é a própria palavra esporte.

> O que "esporte" significa não é exceção. "Perseguição justa" por si só não constitui um esporte. Não importa o que os caçadores digam em contrário (e o mesmo se aplica àqueles que se referem a pescarias, rodeios e corridas de cavalos ou galgos como "esportes"), participar de um esporte no seu verdadeiro sentido requer uma participação voluntária por parte daqueles que competem. É por isso que beisebol, futebol e golfe são esportes, e é por isso que (em parte) o banho de sangue dos cristãos no Coliseu não era (REGAN,2006, p.177).

Os rodeios são cruéis tanto quanto a caça, e aonde está o esporte? Não somente os touros, mas também os filhotes, bezerros são utilizados na competição de laço. Os touros são induzidos aos pinotes por meio de choques elétricos, e não somente, são utilizadas outras formas para induzir os pulos do animal:

> [...]a forte pressão de uma correia de couro que aperta seu flanco, presa por trás das costelas, onde não hâ proteção para essa região do corpo. A correia fica apertada perto dos intestinos grosso e delgado e de outros órgãos vitais, e alguns críticos dizem que ela belisca a virilha e os órgãos genitais (REGAN,2006, p.177).

A tortura praticada nos rodeios vem sendo acompanhada de um discurso que fala que os animais não sofrem, ou não sentem dor, que são bem tratados, e tantas outras maneiras que puderem para tentarem engrandecer o que eles chamam de esporte, e diminuir aparentemente o sofrimento causados aos animais.

Asa Branca, considerado o maior locutor de rodeios do Brasil, falecido em fevereiro de 2020, deu uma entrevista[6] do qual falou que acreditava que todo seu sofrimento foi devido ao sofrimento que ele causou mesmo que indiretamente aos animais de rodeio “Estou pagando toda a dor que causei e incentivei os outros a causar nos bichos dos rodeios”.

5.4 Bem-estar animal

Uma vida com qualidade, moradia, com espaço suficiente, saúde, que condiz com direito a medicamentos e visitas regulares no veterinário, água e comida deveria ser um princípio fundamental para qualquer humano animal e não animal. No entanto, o que se observa é o contrário, animais presos, na chuva ou sol, sendo maltratados.

Silva (2019) apresenta o bem-estar animal como um estado no qual o animal está em harmonia com o meio ambiente e possui completa saúde física e mental. Para que se tenha o bem-estar animal, são consideradas cinco liberdades:

a) Ser livre tanto de fome como de sede;

---

6 Leia mais em: https://veja.abril.com.br/cultura/asa-branca-entra-na-luta-contra-rodeios/

b) Não ter desconforto;
c) Ser livre de dor, ferimentos e/ou doença;
d) Poder exprimir o seu comportamento natural;
e) Ser livre de medo e stress.

Interessante a questão do bem-estar por algumas razões, ao relatar que o animal deve ser livre não coloca de fato as grandes indústrias alimentícias. Se fala em bem-estar na hora do abate do animal, que deveria ser desprovido de dor e sofrimento, porém o fato do animal ser abatido por si só seria algo com desconforto, dor e sofrimento para o animal.

Assim como a questão do animal poder ser livre em seu comportamento natural, os animais em todas suas formas de utilização, zoológicos, feiras agropecuárias, na alimentação, vestuário, são mantidos aprisionados, causando um grande nível de stress, além de todo o sofrimento que são causados, como relatado por Singer quando um animal vai para o matadouro.

> mas tem consequências horríveis quando o animal tem de estar consciente no momento em que é abatido. Em vez de ser lançado ao chão e morto quase no momento em que o atinge, o animal que é morto ritualmente nos Estados Unidos pode ser preso por uma pema traseira, erguido no ar e depois suspenso de cabeça para baixo, completamente consciente, na correia de transporte entre dois e cinco minutos - e ocasionalmente muito mais, se algo errado ocorre na Iinha de morte" antes de o camiceiro proceder ao corte (SINGER, 1975, p.122).

A consciência, e todo o sofrimento provocado na hora da morte, deveriam ser fatores fundamentais da constatação do não bem-estar para os animais. O sofrimento ocasionado ao animal não é medido de fato, apenas se observa sua finalidade econômica.

Francione (2019) relata alguns mitos a respeito do bem-estar animal, o primeiro é que não existe bem-estar, os animais são apenas formas de se obter lucro, e o seu sofrimento é apenas um custo externo, o animal é visto como propriedade, apenas. Outro mito se trata do Direito Animal, e como ele pode não ser uma alternativa para o bem-estar.

> A noção de que o “direito” animal representa uma abordagem irreal na qual não se pode trabalhar é baseada num suposto status filosófico do “direito” animal como uma filosofia do tudo ou nada que demanda uma imediata e completa cessação de todos os tipos de exploração animal e não pode tolerar nada menos do que isso. Em certos aspectos, esta é uma caracterização correta da posição do direito animal, a menos do que isso (FRANCIONE, 2019, p. 122).

A filosofia do direito animal existe, porém não se tem de fato, se é para minimizar o sofrimento que seja feito em vários ambientes, ou momentos, no entretenimento, ou na alimentação, é como a questão dos carroceiros e a ideia de emplacar as carroças, apenas será

uma violência para com os animais de forma legalizada, não existe meio termo, o ideal seria o fim delas.

5.5 Eutanásia: O direito de viver é o mesmo que o de morrer?

Como foi falado aqui em outro momento, não cabe julgamento as colocações feitas. Não se trata de um controle ou medida de consciência, no entanto, o objetivo das reflexões aqui compartilhadas é trazer questionamentos e abordar a questão da superioridade humana quando o assunto é a escolha pelo fim ou não da vida de animal não humano.

> Etimologicamente, eutanásia é uma palavra utilizada no ocidente europeu, que tem raiz no mundo greco-romano, derivando directamente do grego eu (bem) e thanatos (morte). Significa, assim, boa morte, morte agradável, morte tranquila, morte doce, sem sofrimento (SANTOS, 2011, p.19).

Singer (1993, p.77) ao abordar a eustasia em seu livro Ética Prática traz profundas colocações a respeito do valor da vida para os seres humanos, no qual são considerados pessoas, e quais razões não se deve tirar suas vidas, e para os animais não humanos ele faz uma nomeação como “pessoas” e “não sendo pessoas”, na verdade o que ele se pergunta é: “ O que estamos de facto a indagar é se alguns animais não humanos são seres racionais e autoconscientes, conscientes de si mesmos como entidades distintas com passado e futuro?”.

O Conselho Federal de Medicina Veterinária- CFMV (2013) configura eutanásia como sendo um procedimento para induzir o fim da vida do animal por meio de técnicas comprovadas cientificamente e aceitáveis pautadas no princípio ético. Ainda de acordo com o CFMV (2013) uniformiza os procedimentos de acordo com as espécies e métodos que serão utilizados. Dessa forma, são criadas Diretrizes para garantir o bem-estar animal. As indicações são:

a) Quando existir comprometimento do bem-estar do animal que não possa ser revertido, sendo um meio de eliminar a dor e/ou o sofrimento dos animais, os quais não podem ser controlados por meio de analgésicos, sedativos ou de outros tratamentos;
b) Caso o animal constituir ameaça à saúde pública;
c) Se o animal constituir risco à fauna nativa ou ao meio ambiente;
d) Quando o animal for objeto de ensino ou pesquisa;
e) Quando o tratamento do animal representar custos incompatíveis com a atividade produtiva a que o animal se destina ou com os recursos financeiros do proprietário (Aragão, 2012).

É inevitável questionar as indicações da eutanásia para com os animais, em especial em alguns casos, um dos pontos mais utilizados para eutanásia é o fator saúde ou bem-estar, como é colocado pelo primeiro ponto acima. Heinen (2017) coloca que o único ponto que de fato tem preocupação com a vida do animal é a letra a), os demais apenas se baseiam em escolhas sociais e egoístas para o animal, e o bem-estar de fato não se faz presente.

A questão é, se tem um problema e ele precisa ser resolvido, qual a melhor forma? Será morrer? No caso do animal não humano não costuma ser questionadas outras opções, a exemplo da leishmaniose visceral, conhecida como "calazar", o cachorro acometido pela doença não é o responsável ou culpado pela doença, no entanto o que se tem são animais sendo eutanasiados sem qualquer processo de escolha para viver, mesmo existindo tratamento para a doença. O tratamento não é sequer colocado pelos centros de zoonoses, entrando outro ponto abordado na letra b), caso ele ofereça ameaça à saúde pública.

> A adoção da eutanásia de cães soropositivos como instrumento central de política de saúde pública, defendida pelo Ministério da Saúde em seu Manual de Vigilância e Controle da Leishmaniose Visceral, afronta o reconhecimento dos animais como seres sencientes, ignorando melhores práticas assentadas em robustas evidências científicas e, consequentemente, em descompasso com o conjunto de normas e princípios que informam o Direito Ambiental brasileiro (MACHADO; SILVA; VILANI, 2016, p. 253).

O sacrifício não é a solução para a diminuição da doença, nunca foi. De acordo com Machado; Silva e Vilani, (2016) relatam que evidências científicas demostraram que a diminuição da leishmaniose não diminuiu por vários fatores, um deles devido à falta de controle da reprodução canina. Ainda de acordo com os autores:

> A insistência na prática da eutanásia no Brasil, expressa no Manual de Vigilância e Controle da Leishmaniose Visceral do Ministério da Saúde, deflagra uma violação ao princípio da precaução, pautado na adoção de medidas cautelares com base científica. Ao postergar a revisão desta política pública de saúde, o Ministério da Saúde segue os preceitos constitucionais em vigor. A Constituição Federal visa a uma ampla tutela do ambiente natural que não pode ser limitada a uma perspectiva antropocêntrica e utilitarista de recursos naturais, da fauna e da flora (MACHADO; SILVA; VILANI, 2016, p. 256).

A letra c) nas Diretrizes para garantir o bem estar animal considera mais importante a fauna nativa, o meio ambiente, sendo assim para assegurar o equilíbrio do mesmo, é feito o "controle" dos animais (HEINEN, 2017). Nas letras d) e e) é possível perceber como a ideia do homem superior fazem parecer viável a eutanásia para esses casos. Em ambos, o animal passa por sofrimento, curto, médio ou longo prazo, e quando não mais servir para a função que foi destinado é decretado seu fim.

Interessante que ao ser colocado que o animal deva ser eutanasiado por estar em sofrimento é a melhor escolha para reduzir seu momento de dor. No entanto, quando os animais são usados na pecuária, nos testes seja para cosméticos ou medicamentos, no entretenimento, suas dores não mais existem. Sem falar em todo sofrimento que eles passaram no decorrer da vida.

> Evidentemente, cada espécie é diferente em suas necessidades e nas suas reações. O que é doloroso para alguns não é necessariamente para outros. Assim, nós podemos tratar de forma diferente espécies diferentes, mas devemos sempre tratar igualmente sofrimentos iguais. No caso de não-humanos, assistimos eles sendo impiedosamente explorados na pecuária, em laboratórios e na vida selvagem. Uma baleia pode demorar 20 minutos para morrer depois de ser arpoada. Um lince pode sofrer por uma semana com sua perna quebrada, causada por uma armadilha de aço dentada. Uma galinha chocadeira vive toda sua vida sem conseguir ao menos esticar suas asas. Um animal em um teste de toxicidade, envenenado por um produto de limpeza, pode agonizar durante horas ou dias antes de morrer (RYDER, 2008, p.69).

Ver um animal não humano em situação de sofrimento, dor, crueldade e acreditar que aquilo é ético pode ser equivocado para a definição do próprio termo. As formas de sofrimento que eles passam não pode e nem deve mensurar, é sofrimento, não ou menos. Ryder (2008) coloca que a preocupação não deva ser apenas com os seres humanos, mas também com os não humanos.

5.6 Ativismo Animal

Nunes (2010) relata que alguns motivos são fundamentais para o não consumo da carne animal, um deles é a questão ética, algumas pessoas que deixam de consumir carne alegam não ser justo tirar a vida de um animal em prol de alimentar uma pessoa, e a mesma não precise consumir carne para sobreviver. Sendo assim, animais humanos e não humanos devam coexistir.

A causa animal é uma luta pelo fim do especismo e também do antropocentrismo, é uma busca constante e necessária para o fim do sofrimento animal. De acordo com Padilha (2018) foi em 1950 que as ações dos defensores da causa animal iniciaram, e foi com Peter Singer e sua obra Libertação Animal que o movimento foi ganhando cunho intelectual em 1975. Em 1980 surgiram as Organizações não Governamentais - ONGs.

Perrota (2016) discorre que na Inglaterra em 1824 organizou-se a primeira Sociedade que tinha como objetivo prevenir a crueldade que eram colocados os animais. O autor ainda complementa dizendo que as manifestações em prol dos animais têm como característica a

heterogeneidade em relação as causas ou espécies, algumas preocupam-se com resgate de cães e gatos, outra com animais selvagens ou silvestres, animais em extinção.

O autor retrata algumas formas de crueldade que os animais passam, algumas relatadas no capítulo 1 que mobilizam ativistas em prol deles, como os matadouros, o uso em rituais religiosos, rodeios, vaquejadas, farra do boi, touradas, circos, animais de tração, carroças, caça e pesca esportiva, hipismo (montaria em cavalo), rinhas, zoológicos tráfico de animais silvestres, e vivissecção. Além dessas, outras que serão descritas a seguir:

a) Extração da bile, no qual ursos pretos asiáticos que vivem em montanhas na China são retirados do seu habitat, colocados em pequenas gaiolas para que se tire sua bile. Além da dor provocada pela retirada da bile, o urso fica preso até o fim de sua vida, em média vinte anos, com um buraco aberto para que possa ser retirado todo dia o que eles chamam de “leite de urso”. Finalidade, ser utilizada na medicina asiática para curar ressacas, supostamente diminuir cálculos biliares e como ingredientes para perfumes.
b) Esfolamento de peles: Inicialmente eram capturados animais da natureza, depois foram criados criadouros, ou cativeiros sofrendo estresse para confinar os animais, com a finalidade de virarem utensílios da “moda”, roupas, casacos, bolsas, calçados.
c) Galinhas poedeiras e porcas: Vivem confinadas para a reprodução. Não abrem as asas, tem seus bicos cortados.
d) Pintinhos machos: São triturados vivos, jogados vivos em um funil. Finalidade: Usados para fertilizantes/compostagem.
e) Fígado de ganso- foies gras: Gansos vivem presos em cubículo durante toda vida, comendo acima do normal por meio de funis no esôfago para que o fígado fique adoecido e assim ser feita sua extração. Finalidade: Consumo alimentar.
f) Exploração de vacas leiteiras: Vivem em locais fechados, ordenhando em média três vezes ao dia por uma máquina, quinze vezes além do normal, tendo hormônios que são causadores de infecções mamárias. Tem partos forçados, não amamentam seus bezerros, logo depois quando não possuem leite. Assim como os filhotes machos, as fêmeas seguem o mesmo fim da mãe. Finalidade: O leite é destinado para o mercado.

Existe ainda pela maioria das pessoas uma distinção hierárquica dos animais, afetivos que são os de estimação, os que são designados para o trabalho pesado, quando uma pessoa se alimenta provavelmente não liga ao processo que o animal passa, assim também quando compra uma roupa, calçado ou bolsa. O uso dos animais não humanos, seja para a alimentação, entretenimento, vestimenta ou processos científicos é algo dito “normal” e natural para os seres

humanos que quando tenta colocar o assunto para um debate crítico é visto de forma irônica e até incrédula (CAMARGO, 2010).

5.7 Políticas publicas

Vive-se em sociedade, comunidade, cooperar se faz necessário para que se tenha harmonia do todo. No entanto, a cooperação para alguns talvez não faça parte, principalmente quando se trata de ajudar os animais não humanos. Uma sociedade que vive ainda na argumentação do opressor e oprimido, sem “Leis” para os oprimidos custará a entender que os animais não humanos não são da propriedade humana.

Alguns problemas são relatados pelo descontrole da natalidade animal, que se dá pela irresponsabilidade humana, e pela falta de políticas públicas, tutores não castram, quando os animais tem filhotes são jogados a própria sorte.

Importante mencionar que não existem animais de rua, o que se tem são animais que são negligenciados pelo poder público e pela sociedade como todo. Uma das formas de se combater seria com a castração, assim também com a conscientização do não abandono.

Um outro problema é a compra e venda de animais. As pessoas ainda tem a mentalidade que a castração é ruim para o animal, quando se trata do comércio a situação ainda é mais agravante, uma vez que na maioria dos casos como já foi mencionado anteriormente, os animais são colocados e induzidos a procriar, não podendo mais procriar são abandonadas ou mortas.

No caso dos *pets* a luta também é árdua, pessoas compram e não se responsabilizam, assim como aquelas que adotam e acreditam que as ONGs são obrigadas a cuidarem ou recolherem os animais quando as pessoas que adotaram não mais o querem. As ONGs já vêm fazendo um papel fundamental com as castrações, antes mesmo que fosse o controle animal uma questão política, elas eram as organizações que tentavam reduzir o aumento de animais em situação de rua (SILVEIRA, 2019).

> Eleger políticos que defendam a causa animal surge, assim, como uma possibilidade de mudar a situação dos animais abandonados ou de pelo menos dividir as responsabilidades com um poder maior, que realize mudanças estruturais e mais duradouras. Representa, ainda, em um âmbito mais geral, uma forma de confirmar preocupações éticas em relação aos animais não humanos, mesmo que elas envolvam, majoritariamente, os animais que estão mais próximos do círculo de consideração humano. Mais do que isso, se as patas e as garras não são aceitas nas sessões eleitorais, os tutores de animais não se furtam de votar representando seus companheiros peludos (BAPTISTELLA E ABONIZIO, 2017, p.39).

Ao votar em candidatos que realmente se importam com os animais e buscam trabalhar de fato pela causa, auxilia na implementação de políticas públicas voltadas para os animais. Eles não votam, mas seus tutores sim.

Outras colocações que podem ajudar é a conscientização da população da guarda responsável, infelizmente o abandono ocorre por diferentes colocações, doenças, chegada de um bebê, mudança, e tantas outras injustificáveis. Ser responsável por um cachorro ou gato é permitir que ele tenha uma vida de qualidade. Magalhães, Costa e Clímaco (2019) colocam que:

> Sendo assim, uma das medidas importantes é a tutoria responsável dos animais de estimação, sendo proporcionado por parte do tutor atendimento integral quanto à saúde física e psicológica, ambiental e bem-estar, evitando riscos dispendiosos, minimizando a ocorrência de doenças e/ou danos a terceiros e ao próprio animal, assim como qualquer intercorrência negativa que o mesmo possa provocar à comunidade ou ambiente.

Ter um animal é saber que ele trará novas experiencias, renuncias e gastos. Não é apenas colocar comida, água e abrigo, porque tudo isto é fundamental, é também a responsabilidade de levar ao veterinário, é dar atenção e principalmente afeto. É acompanhar desde o nascimento até a velhice e lidar com as mudanças que vão acontecer.

Gonçalves (2016) destaca a falta de políticas públicas e legislação eficientes para controlar o aumento dos animais e conscientizar as pessoas podem recriar de maneira indiscriminada, os filhotes que se tornarão animais sem controle, abandonados, sendo expostos as doenças.

5.7.1 Castração

A polução canina e felina cresce rapidamente, uma consequência do despreparo político e da consciência da população que deixam seus animais “darem umas voltinhas” sem serem castrados, ou aqueles que sofrem com o abandono, entrando no cio nas ruas, sem abrigo para dar amparo.

> Esse processo cirúrgico refere-se especificamente à remoção dos órgãos reprodutivos de machos e fêmeas. Há também outras formas de se impedir a reprodução, contudo abordaremosespecificamente, neste manuscrito, a orquiectomia (remoção dos testículos) e a ovariosalpingohisterectomia (remoção dos ovários, trompas e de grande parte do útero). Consideraremos sempre todo o processo a partir de uma concepção dentro das recomendações técnicas mais rigorosas, considerando-se analgesia, anestesia, antibiótico-terapia entre outras recomendações clínicas (MACHADO; FERREIRA; GENARO, 2018, p.266).

É importante salientar que a castração é um procedimento cirúrgico e deve ser feita por um profissional da área, ou seja, um médico veterinário, no ambiente adequado, que é a clínica veterinária. Infelizmente ainda existe pessoas que “castram” erroneamente seus animais em casa, sem preparo, anestesia, ou qualquer outro medicamento e higiene adequada. O animal sofre antes, durante e depois nesse caso.

De acordo com Zago (2013) existem algumas enfermidades que podem afetar o animal castrado que foram relatadas pelos seus tutores e veterinários, são elas:

a) Incontinência Urinária: É preferível castrar animais jovens para evitar uma possível incontinência urinaria estrógeno-dependente.
b) Obesidade: Ainda não existe comprovação. E caso ocorra pode ser controlada com dieta e exercício.
c) Vulva infantil: Não se observou relação entre o procedimento e o problema.
d) Obstrução Urinária: Os animais possuem um diâmetro menor de uretra.
e) Alterações no crescimento: Ocorre quando a castração é feita antes da puberdade, pois os hormônios afetam a maturidade do esqueleto.

A castração é benéfica para o animal, gato ou cachorro, a Sociedade Mundial de Proteção Animal (2015) apresenta alguns deles:

a) O risco de câncer de mama em fêmeas diminui, se castradas antes do primeiro cio não desenvolvem a doença;
b) Em machos, a castração reduz a frustração sexual e brigas com outros machos, com marcação de território;
c) A piometria que são infecções uterinas graves, são menos prováveis, por não terem mais o aparelho reprodutor que é removido durante o procedimento
d) No caso dos machos, reduz os problemas de próstata, evitando câncer de testículo;
e) Não existe cio para as fêmeas castradas, logo, não existe sangramento;
f) Eles ficam mais dóceis;

Contribuindo Schutz (2018) os benefícios que o procedimento traz ao animal são muitos, diminui a reprodução excessiva, reduz a agitação, prolonga a vida dos animais, e minimiza a frustração sexual. Não é desumano a cirurgia feita em clínicas veterinárias responsáveis e oficiais, pois o cachorro ou gato animal é cuidado por especialistas.

De acordo com o Guia Para Controle Populacional de Cães (2007) os cachorros em situação de rua podem sofrer uma série de problemas afetando o seu bem-estar, podendo ficar desnutridos, ter doenças, ou ferimentos decorrentes de acidentes de trânsito ou por brigas e maus-tratos. Feito o controle por meio da castração poderá trazer melhoria no bem-estar animal, devido a redução do extermínio desumano de feito por pessoas cruéis, ou por apreensão mal equipados e mal gerenciados.

5.7.2 Abandono animal: uma questão de saúde pública

Alves *et al*., (2013) dizem que o abandono é frequente no Brasil e na América Latina, ocasionando algumas consequências devido à falta de supervisão, restrição e cuidados veterinários. O abandono também é considerado problema de saúde pública por conta das zoonoses, uma questão social, ecológico e econômico.

Ter um animal em casa acarreta em deveres, que são gratificantes ao saber que aquele animal que poderia estar sofrendo nas ruas tem um lugar livre dos perigos, cheio de amor e cuidado.

> Ter um animal de estimação em casa é ter a garantia de um afeto transbordante que remete os humanos a um lugar existencial mais seguro, afinal, eles oferecem uma segurança inexistente em seu mundo. Assim é que, ao mesmo tempo em que se processaria uma "humanização" dos animais de companhia, reconhece-se neles um elemento que inexiste no mundo humano, sendo por isso, principalmente, que se deseja que eles coabitem a intimidade no espaço doméstico. Esse elemento do mundo animal elegido pelos donos que têm animais de companhia é a incondicionalidade do amor, inexistente no "mundo humano", cheio de fissuras, fraturas, mundo em que há o torto (PASTORI E MATOS, 2015, p.118).

Infelizmente, a realidade da maioria dos animais (*pets*) é cruel, pessoas possuem animais como forma de agregar valor, exibicionismo, mantendo presos, sem qualquer afeto, e quando adoecem são descartados, apenas jogados a própria sorte, dormem tranquilamente, não pensam que enquanto isso, aqueles animais que diziam amar estão sem proteção, nas ruas.

Ao decidir adotar um animal, deve-se pensar alguns fatores fundamentais, que são apresentados pelo Manual de boas práticas na criação de animais de estimação: cães e gatos (2019), descritas a seguir:

a) Analisar a características do animal: tamanho quando adulto, espaço físico; expectativa de vida do animal (cães e gatos vivem em média 15 anos).
b) Características comportamentais: Se são ativos, calmos, carentes ou/e brincalhões.
c) Custos profiláticos (veterinários): as vacinas, remédios como vermífugos e caso necessite de tratamentos de saúde em casos de doenças.
d) Custo mensal com alimentação;
e) Disponibilidade de tempo para interagir com o animal e lhe dar atenção;
f) Aceitação por parte de todos os membros da família com a chegada de um animal para casa.

Ao colocar todas essas questões, e ver que é viável para longo prazo, poderá ser feita a adoção. A entrada de um animal de estimação em casa, pensar em ter um animal em todas as suas condições, saudáveis ou não é responsabilidade de quem buscou tê-lo.

5.7.3 Leishmaniose Visceral Canina: A eutanásia não é tratamento

A falta de conhecimento por parte da população a respeito da Leishmaniose Visceral Canina (LVC), mais conhecida como calazar ainda torna resistente a busca por tratamento para os cachorros, inclusive por parte de médicos veterinários. Ainda existem centros de zoonoses, assim como os veterinários que não apresentam as informações necessárias para o tutor do cão a respeito do tratamento.

Outro ponto que ainda não é muito repassado é a respeito do diagnóstico clínico para saber se o animal está com LVC, de acordo com o manual de vigilância e controle de leishmaniose visceral (2006)

> O diagnóstico clínico da LVC é difícil de ser determinado devido a grande porcentagem de cães assintomáticos ou oligossintomáticos existentes. A doença apresenta semelhança com outras enfermidades infecto-contagiosas que acometem os cães, permitindo que o diagnóstico clínico seja possível quando o animal apresenta sinais clínicos comuns à doença, como descrito anteriormente, ou quando o animal se originar de regiões ou áreas de transmissão estabelecida. No entanto, em áreas cujo padrão socioeconômico é baixo, outros fatores podem estar associados dificultando o diagnóstico clínico, especialmente as dermatoses e a desnutrição, mascarando ou modificando o quadro clínico da leishmaniose visceral canina (BRASIL, 2013, p.26).

Um animal em situação de rua certamente apresenta magreza, machucados na pele, entre outros, por isso a importância de um exame eficiente que possa de fato trazer um diagnóstico correto. O Manual Técnico de Leishmanioses Caninas (2015) apresentou outras formas de diagnóstico são o epidemiológico, sorológico e parasitológico, que serão descritos a seguir:

a) Epidemiológico: Avalia se o animal é de área é endêmica, se o animal visitou ambiente endêmico e se o caso é autóctone.
b) Sorológico: Teste triagem: TR DPP® e teste confirmatório: ELISA (*Enzyme Linked ImmunonoSorbent Assay*).
c) Parasitológico: É um exame que utiliza vários procedimentos; Impressão por aposição (Imprint); Punção aspirativa por agulha fina (PAAF); Biópsia para exame histopatológico, cultura do parasito ou PCR (Reação em Cadeia Polimerase) e a molecular.

O animal que era acometido pela doença já tinha seu fim decretado, pois a eutanásia era a única colocação por parte do governo.

> Até 2016 o estabelecido por lei era somente eutanásia do animal, pois não havia nenhuma terapêutica eficaz para o tratamento e que garantia a não-infectividade dos animais, sendo assim, foi publicado em 11 de julho de 2008 a Portaria Interministerial número 1.426, proibindo o uso de fármacos humanos no tratamento da LVC. E em 2016 o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e o Ministério da Saúde emitiram uma nota técnica conjunta número 11/2016 emitindo licença ao tratamento com o medicamento denominado milteforan e, autorizando seu registro (PORTO; BECK; GALINDO, 2020, p.1).

O tratamento utilizado atualmente se faz por meio do medicamento Miltefosina (Mitelforan), alguns estudos apresentaram como a eficaz do medicamento em cachorros que testaram positivo.

Sousa; Roriz e Castro (2020) realizaram um estudo de caso relatando um tratamento de leishmaniose visceral canina a base de Miltefosina, o cachorro tinha dois anos de idade e apresentava problemas dermatológicos, foi solicitado hemograma completo, ALT (Alanina aminotransferase), proteínas totais, albumina e globulina, depois realizado o teste rápido para Leishmaniose (Alere®), com resultado positivo, sendo confirmado pelo PCR. Logo após o tratamento o diagnóstico obtido cura clínica.

Abbiati *et al.* (2019) relataram um caso de um cão três anos de idade, com dificuldade de se locomover, epistaxe recorrente, alopecia periocular, lesões nas narinas, seborreia seca nas orelhas e região cervico-torácica. Após o diagnóstico clínico foi realizado o teste ELISA confirmando a Leishmaniose Visceral Canina. O cachorro com o tratamento com miltefosina apresentou excelente recuperação durante o período de tratamento.

Outro tratamento que vem sendo utilizado é a base de imunoterapia, Duarte e Ilha (2018) apresentaram um caso de um cachorro também com três ano de idade, o animal estava anêmico e mesmo com tratamento para anemia não tinha tido melhora, logo foi feito solicitado novos exames entre eles sorologia por diluição total ELISA e Imunoflorescência Indireta - RIFI para leishmaniose do qual apresentou resultado negativo. Então foi feito o PCR que testou também negativo, por conda da possibilidade de reação cruzada com a Erlichiose realizou-se mielograma, observando a presença de formas amastigotas de leishmaniose. Começou então a terapia com alopurinol, domperidona e imunoterapia da vacina Leishtec®, apresentando melhora no quadro do animal.

O Miltefosina juntamente com outros medicamentos trouxera esperança não somente para os cães que ainda sofrem com o estigma do calazar, mas também para os tutores que

enxergam mais que um cachorro, um companheiro para a vida, que merece ser acompanhado em todos os momentos e receber um tratamento de qualidade e eficácia.

5.7.4 Sim! Peixe também é carne

Ao tratar do tema veganismo ou vegetarianismo é notório que algumas pessoas ainda não possuem conhecimento do tema, um dos fatores mais presentes quando se fala na "dieta vegana" ou veganismo alimentar é o não consumo de peixe. Talvez isso deriva do fato da associação que se tem do veganismo em relação a alimentação com produtos *fitness*.

Ao tratar da alimentação, o veganismo aparentemente parece apresentar o ponto fraco das pessoas. Pessoas optam por não participarem de eventos com animais, não utilizar produtos de origem animal, ou testados em animais, mas quando trata da alimentação colocam logo as subdivisões ou classificações:

> Veganos são aqueles que não consomem quaisquer produtos de origem animal; vegetarianos aqueles que não consomem carne e frutos do mar, mas consomem ovos e derivados do leite; pescetarianos aqueles que consumem ovos e derivados do leite, e peixe; e flexitarianos aqueles que possuem uma dieta flexível e consomem produtos de origem animal, porém, desejam reduzir esse consumo no cotidiano. pescetarianos aqueles que consumem ovos e derivados do leite, e peixe (FARIAS DE ARAUJO; NICOLAU SAVOIA; CAMPOS JUNIOR; LOURENÇO, 2020, p.2).

No entanto, ao escolher qual dieta seguir, é importante dizer que a vegana é além da alimentação, pois possui uma conduta ética, não somente pela própria saúde ou pelo bem estar dos animais. Então, quem consome peixes poderia se classificar vegano? Não, de acordo com o que prega o veganismo.

Contribuindo, Barros (2019) aponta que os pescetarianos, ou pesco-vegetarianos, consomem também mariscos, frutas, legumes, grãos integrais e feijão. A autora ainda traz outras dietas que fazem parte do grupo do vegetarianismo, são elas:

a) Semi-vegetariana: Consomem todos os alimentos, qualquer tipo de carne, verduras, frutas, legumes, porém a carne vermelha ou de aves são consumidas algumas vezes na semana.
b) Crudivorismo: Consomem apenas alimentos crus e de origem agrícolas.
c) Frugívoros: Consomem apenas frutas.

A SVB não coloca os pescetarianos como parte integrante da dieta vegetariana, uma vez que, a dieta exclui qualquer tipo de carne, seja vermelha, de aves, ou peixes, o seu consumo para os vegetarianos não é considerado, nem que seja algumas vezes na semana. O peixe é um

animal, e como tal sofre, mesmo que algumas pessoas ainda não compreendam que peixe não nasce de uma árvore.

A pesca consegue destruir também o meio ambiente, Singer e Mason (2007) relatam como os navios pesqueiros com o comercio de pesca se tornam mais eficiente e devastadores, uma vez que conseguem capturar um maior número de animais, mas por conta do tamanho também das redes maiores destroem o fundo do mar e capturam outras espécies que são jogadas como lixo mortos ou quase.

Toda a discussão do veganismo como fim da crueldade requer das pessoas um olhar com no mínimo respeito. Ao colocar não só o veganismo, mas também o vegetarianismo em uma pauta voltada na alimentação, mais precisamente no consumo da carne, coloca todos as outras formas de crueldade em um patamar distante, em alguns casos como se não existissem.

A ética não existe apenas benefício dos seres humanos, não matar deveria ser para todos, animais humanos e não humanos, achar normal que um animal fique preso para entreter pessoas não deveria ser algo ético, desmatar o meio ambiente para plantação de soja que virará alimento de animais que irão morrer para consumo único e exclusivo dos seres humanos também não.

Como seria possível diminuir ou acabar com tanto sofrimento? Regan (2006) apresenta alguns tipos de mudanças, mas que elas precisariam de apoio de grupos nacionais em trabalho conjunto com ativistas, além de uma Legislação com pessoas que de fato queira trabalhar pelos Direitos dos Animais. Regan (2006, p. 246) coloca quais jaulas podem ser abertas:

a) Eliminar o uso de animais "artistas" dos circos, como o elefante e outros;
b) Libertar os golfinhos atualmente aprisionados pela indústria de golfinhos cativos;
c) Interromper totalmente com as "caças cercadas";
d) Fim da indústria da corrida de galgos;
e) Acabar com as fábricas de peles;
f) Acabar com o abate de focas;
g) Proibir a dissecção compulsória;
h) Acabar com a vivissecção de cães nas universidades;
i) Proibir o uso de animais em testes de toxicidade,
j) Acabar com a apreensão em abrigos;
k) Eliminar totalmente dos "negociantes classe B".

Seria ético, ou uma postura moralmente aceitável abandonar um animal por doença, velhice ou qualquer outro motivo insignificante? E comprar uma vida? Ao comprar um *pet* está comprando uma vida, e fica a questão, se é ético pagar por um animal, seja na comprar ou em

qualquer outra forma que utilize ele para finalidade humana. A sociedade precisa passar ainda por um longo processo de aprendizado a respeito dos animais.

Se alguns estudiosos colocam como ponto fundamental de diferenciação dos seres animais humanos e não humanos a consciência, fica a indagação: Que consciência humana é esta que mata, abandona e maltrata? Que consciência envenena? Que consciência que caça, mata por prazer? E tantas outras formas cruéis que os animais são frequentemente colocados em prol de benefício dos seres humanos.

Parece que a sociedade vive avançando e regredindo na causa animal, assim também com o meio ambiente, ainda falta muito para as pessoas compreenderem que os animais não são mercadorias, e quando finalmente algumas coisas avançarem, infelizmente não será pela benevolência humana, mas porque o meio ambiente não conseguirá mais fornecer para a população todas as exigências que fazem. Animais são mortos para que se tenha uma bolsa, animais são mortos para que se coma algo exótico, animais são mortos para que se tenha uma usina, animais são mortos para que se tenha cosméticos, medicamentos. Infelizmente.

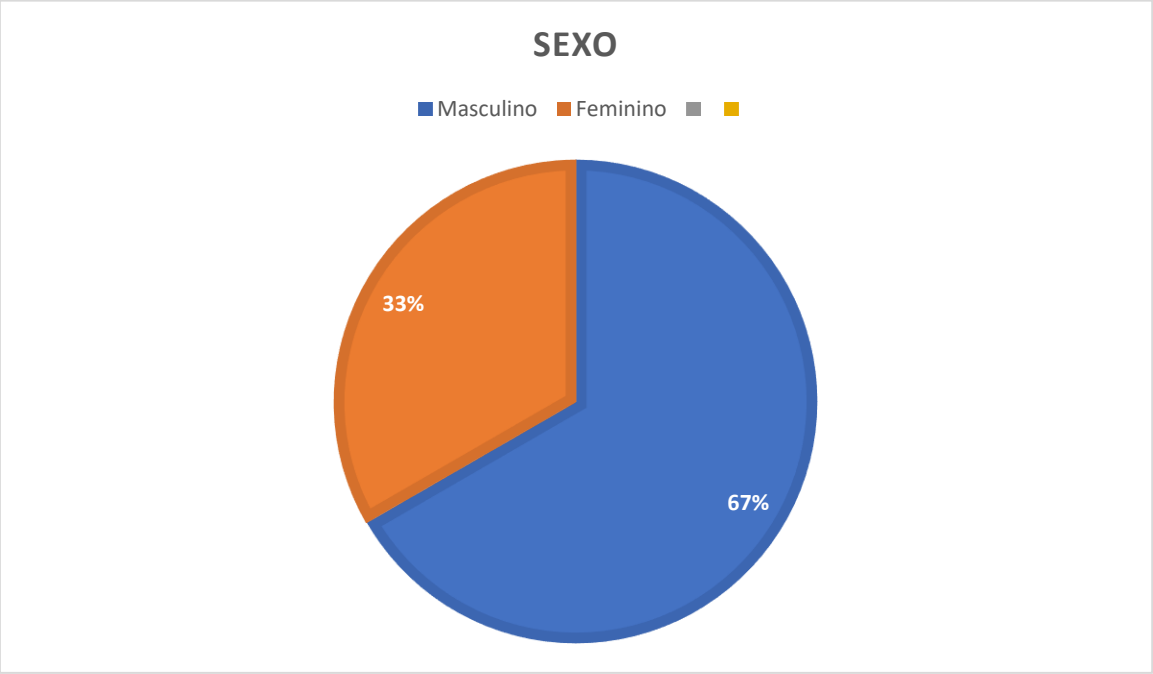
6 OS EFEITOS DO VEGANISMO NO MEIO AMBIENTE E A RELAÇÃO ENTRE SERES HUMANOS E ANIMAIS

No presente capítulo, serão apresentados os dados coletados a partir do questionário online. Ele está dividido em três partes. Na primeira apresenta-se dados que tratam das informações pessoais, e a relação com o veganismo, além da identificação. Na segunda parte o questionário aborda fatores econômicos. E a terceira aborda o veganismo e o meio ambiente, tratando de perguntas relacionadas a relação homem, animais, meio ambiente e sustentabilidade.

6.1 Apresentando os dados

O questionário foi criado na plataforma Google, por meio do Google Formulários, contendo 28 perguntas abertas e fechadas, das quais foram disponibilizados aos administradores de 10 grupos de páginas do Instagram com a temática do veganismo. Das páginas que aceitaram o convite para participarem da pesquisa, foram obtidas 6 respostas. Das quais 4 pessoas do sexo masculino e 2 feminino.

Gráfico 1- Sexo



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

As idades dos participantes, foram todas acima de 18 anos, como mencionado anteriormente nas etapas de critérios de inclusão e exclusão, sendo a pessoa mais nova com 21 anos, e a mais velha com 40 anos de idade.

Gráfico 2 – Classificação: veganos, em transição ao veganismo, vegetariano estrito

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Em relação ao período que a pessoa é vegana variou, sendo o período mais recente o de 1 ano e 10 meses, ao mais longo, de 12 anos e 6 meses, como pode ser observado na tabela 1.

Tabela 1 - Período do qual se tornou vegano

Período
1 ano e 10 meses
2 anos
2 anos
4 anos
1 ano e 10 meses
12 anos e 6 meses

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

6.2 Caminhada ao veganismo

A busca ao veganismo pode abranger vários pontos, desde saúde, empatia pelos animais, meio ambiente, ou outros questionamentos mais pessoais. Muito se fala no consumo da carne, e pouco ainda é explorada a questão do consumo de ovos e leite, Negrini (2019) diz que seu consumo é doloroso por se tratar da exploração animal, mesmo que algumas pessoas coloquem que não se matam esses animais para consumi-los, a autora aponta que galinhas e vacas não são criadas em pastos verdes e livres, a realidade é terrível, trata-se de tortura para os animais, pior inclusive do que o consumo da carne. Por isso a empatia pelos animais e o seu sofrimento é um dos pontos mais presentes. Em relação à pesquisa o que se pode observar nas respostas do questionário foi exatamente isto, os motivos que levaram as pessoas aderirem ao veganismo foram variados.

> "Através de pesquisas e buscando uma melhoria de saúde e maior desempenho nos esportes que praticava".
>
> "Sempre fui preocupada com o meio ambiente e, quando comecei a estudar a relação com o veganismo, percebi o quanto não fazia sentido a utilização de animais em qualquer bem de consumo".
>
> "Decidi virar vegetariana e comecei a ler e estudar muito sobre o veganismo. Em menos de 1 mês fiz a transição para o veganismo".
>
> "Com a ajuda do Orkut, por meio de conscientizações pelos Direitos Animais e reflexões sobre defender alguns animais enquanto se come outros".
>
> "a partir de um sonho que eu tive"
>
> "Me tornei vegetariana um ano antes e quando completou um ano sem carne, me tornei vegana".

É interessante observar que das pessoas entrevistadas nenhuma já "nasceu" vegano, como a própria pergunta feita, se tornaram, logo, por mais que se tenha uma postura ética, política e social, a individualidade na escolha transcende. A escolha em se tornar vegano, traz juntamente as dificuldades, pois a maioria da população e do sistema econômico o consumo animal é majoritário.

Os relatos dos entrevistados quanto às dificuldades agregam alguns pontos fundamentais e mais recorrentes, são eles: lugares para realizar refeições com opções veganas, sejam bares, lanchonetes ou restaurantes. E o trata-se da intromissão de pessoas não veganas nas escolhas pessoais. Como se observa nos relatos a seguir:

> "Opções veganas em estabelecimentos comerciais (lanchonetes, bares, restaurantes, hotéis etc.)".
>
> "Preconceito. As pessoas acham que o veganismo é moda, então sempre que preciso pedir pra tirarem o queijo do prato no restaurante, por exemplo, me sinto sendo julgada como "fresca".

> “Quando saio de casa para bar ou para a casa de amigos, pois na minha cidade ainda falta muito para os estabelecimentos se adequarem ao veganismo (trazendo mais opções que batata frita, por exemplo) e com os amigos eu sempre preciso levar algo pois não conheço ninguém vegano, então são raras as vezes que existem opções sem nada de origem animal”.
>
> “A baixa variedade de restaurantes vegetarianos e lanchonetes com opções veganas na cidade onde eu moro”.
>
> “Achar opções veganas. Na época, tive que aprender a cozinhar. Tinha 17 anos”.
>
> “Lidar com as pessoas”.

O meio social apresenta claramente uma das formas de dificuldades para os veganos, o “lidar com pessoas” é o resumo básico disso. Nem todo lugar é confiável para se fazer uma refeição, até conseguir consumir algo algumas pessoas tem que se explicarem do motivo de não querer determinado alimento. Negrini (2019) coloca que no cotidiano das pessoas é possível observar e ter atitudes embrutecedoras, igualando o trabalho que realizamos em máquinas, fazendo com que se altere a ordem das prioridades devido o consumo excessivo, e essa brutalidade com o consumo em excesso acaba colocando no “prato” crueldade, violência e sofrimento, porém é visto apenas como apetitoso e/ou bonito.

Quando se fala em intromissão dos outros, sejam familiares, amigos, conhecidos ou médicos, a questão da saúde é quase sempre um dos apontamentos frequentes, ainda se tem o pensamento de que quem não come carne não consome todos os nutrientes, no entanto, os nutrientes podem ser retirados de uma infinidade de alimentos, frutas, verduras e vegetais. Então uma das indagações do questionário era em saber como o organismo reagiu a mudança na alimentação, e os relatos foram positivos.

> “Surpreendentemente tive um significativo ganho de desempenho nos esportes além de me curar de algumas doenças autoimunes como: Rinite alérgica, alergias, psoríase e síndrome do intestino irritável”.
>
> “Muito bem! Eu tinha muitas alergias e hoje não tenho mais nada. Me sinto bem mais disposta e minha saúde nunca esteve tão boa”.
>
> “Maior disposição e o intestino passou a funcionar de forma muito melhor”.
>
> “Muito bem, minha saúde melhorou muito e a incidência de doenças diminuiu bastante”.
>
> “mudança corporal completa. Sou DM1, melhora da glicemia com redução de insulina”.
>
> “Hoje meu organismo é muito regulado. Me alimento muito melhor que antes”.

Não é comum observar pessoas perguntando para quem consume alimentos de origem animal como ela se sente em relação ao seu organismo. E se ela conhece quais os malefícios que esta ingestão pode acarretar no curto ao longo prazo de vida dela. Porém, questionar o seu

não consumo e determinar que quem não se alimenta de animais e produtos de origem animal é uma pessoa com saúde debilitada é quase uma unanimidade no senso comum.

No entanto, alimentos como cereais, leguminosas, oleaginosas, legumes e frutas fornecem nutrientes, maiores do que os fornecidos por alimentos de origem animal, é o que aponta Slywitch (2011), como pode ser observado no quadro 2 para alguns alimentos.

Quadro 4 – Teor dos nutrientes nos alimentos (100g)

Alimentos	**Proteína (g)**	**Ferro (mg)**	**Cálcio (mg)**	**Zinco (mg)**
C**ereais integrais**	4,1	1,6	7	1,30
Lentilha **(leguminosa)**	23,00	7,00	54	3,50
Amendoim **(oleaginosa)**	25,70	4,58	92	3,27
Brócolis cru **(verdura)**	4,00	0,60	86	0,50
Cenoura crua **(legume)**	1,00	0,20	23	0,20
Banana prata **(fruta)**	1,00	0,40	8	0,10
Peito de frango **(carne)**	22,00	0,40	7	0,70

Fonte: Elaboração própria com base nos dados de Slywitch (2011)

Como ser observado no quadro 2, o amendoim e em seguida a lentilha possuem mais proteínas do que o peito de frango, assim também como para os demais nutrientes, ferro, cálcio e zinco. Um fato importante de mencionar se trata da vitamina B12, ainda de acordo com o autor a deficiência dela não se deve apenas a falta do seu consumo, mas também a forma como se gasta, então é necessário fazer a ingestão da vitamina, seja por meio de alimentos fermentados ou por meio de suplementação.

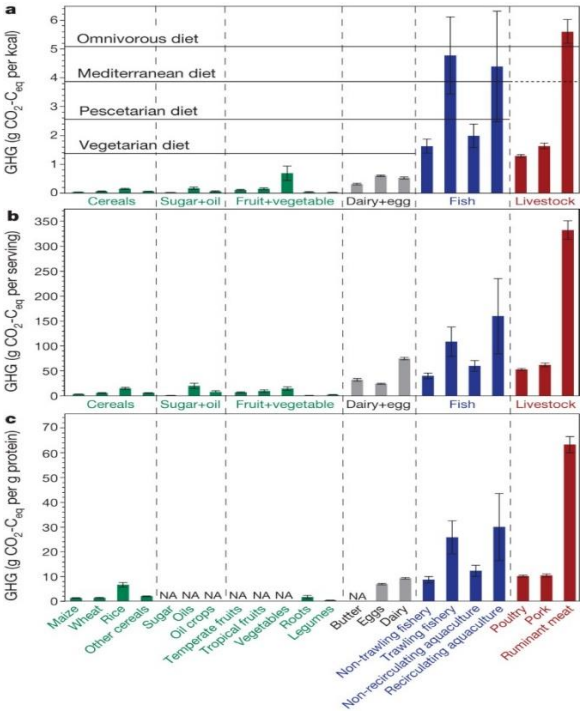
De acordo com o estudo realizado por Springman et, al. (2019) anualmente oito milhões de mortes poderiam ser evitadas em decorrência de uma alimentação baseada no não consumo de carne, ou produtos de origem animal, ou seja, uma alimentação vegana, doenças como diabetes, problemas no coração ou câncer, relacionadas a alimentação teriam sido provocadas

pelo consumo de carne, dos quais 40% da população no ano de 2010 morreram no mundo por consumirem carne em excesso. Ainda de acordo com o estudo, 7,3% de mortes anuais seriam evitadas caso a população fizesse a transição para uma alimentação vegetariana.

Um grande problema que pode ser apresentado é a questão do desperdício de alimentos, Esteve (2017) aponta que a FAO identifica como sendo um dos problemas da crise alimentar. Estima-se que US$ 750 bilhões são desperdiçados por ano, sendo 54% na produção, pós-colheita e armazenagem e 46% na distribuição, nas etapas de processamento, e consumo, equivalente a 1,3 bilhão de toneladas por ano. A Europa por sua vez desperdiça 222 milhões de toneladas, e o Brasil desperdiça 40 mil toneladas por dia, lembrando que grande parte da água doce é utilizada na agricultura cerca de 70%.

Tilman e Clark (2014) realizaram um estudo, apontando que se a alimentação não mudasse, em 2050 elas contribuiriam para aumento de 80% das emissões de gases de efeito estufa, além do aumento de doenças. O fato de afetar a saúde humana e ambiental de forma negativa, a transição alimentar se torna um desafio. É possível observar na figura abaixo as emissões de GEE do ciclo de vida (CO 2 -C eq) para alimentos diferentes.

Figura 2 - Emissões de GEE do ciclo de vida (CO 2 -C eq)



Fonte: Tilman e Clark (2014).

No estudo acima é possível observar que as emissões de GEE variam de acordo com cada alimento, sendo que os alimentos de origem vegetal emitem menos emissões de GEE, e

os alimentos de origem animal emitem mais GEE, aproximadamente 250 vezes maior que legumes.

6.3 Fatores econômicos

A questão econômica frequentemente é inserida nas pautas de debates quando se trata do veganismo, uma vez que se aborda como sendo mais barato consumir produtos convencionais, ou seja, ter uma alimentação não vegana é viável para grande parte da população.

O veganismo ainda é colocado como algo elitizado, e talvez um dos fatores que apontam para o elitismo se deve aos produtos industrializados/processados, dos quais seus preços são mais caros do que produtos do mesmo nicho. Dos produtos industrializados que os entrevistados falaram encontrar com maior facilidade foram:

Quadro 2 – Produtos encontrados com maior facilidade

Participantes	**Produtos Industrializados**			
01	Macarrão			
02	Feijão	Lentilha	Grão de bico	Arroz
03	Leites vegetais			
04	Proteína texturizada de soja			
05	Leite vegetal			
06	Paçoca	Chocolate	Bolachas	Hambúrgueres vegetais.

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Ao consumir produtos veganos sempre vem a questão se a empresa que o fábrica é vegana ou tem pensamentos sustentáveis e éticos, geralmente o que se observa dada o capitalismo são grandes empresas que possuem um nicho voltada ao veganismo dada a procura crescente por estes produtos. Então colocada esta questão, se fez a pergunta a respeito da

empresa que fabrica o produto, se ela é considerada sustentável. A maioria dos interlocutores respondeu que não sabiam informar, porém outros trouxeram essa questão do lucro ao invés da sustentabilidade ou veganismo propriamente dito.

> "Hoje em dia as empresas estão percebendo que o nicho do veganismo está crescendo muito e sendo uma ótima possibilidade de lucro. Assim, empresas que não condizem com absolutamente nada que o veganismo prega estão produzindo produtos veganos e ganhando em cima disso. A questão é que uma parte da população está tendo um maior contato com o veganismo quando encontram esses produtos ultraprocessados nas prateleiras dos supermercados e ficam com a ideia errada de que o veganismo é caro, inacessível e baseado nesse tipo de alimentos, o que não é e que bate de frente justamente com o que o veganismo prega".
>
> "Depende do produto. Os produtos da Seara - da linha vegetal - por exemplo, não são nem um pouco sustentáveis. Mas os da Fazenda Futuro são um pouco mais".

A maioria das pessoas não veganas relatam que se trata de um consumo de alto custo. Negrini (2019) aponta que se tratando da alimentação, a maioria dos produtos podem ser substituídos por vegetais, porém, requer investimentos por partes da indústria, e elas não se propõem gastar para tal. Por isso seria necessário que os consumidores fizessem pressão.

No Brasil o consumo mensal com alimentação básica muda de acordo com cada região, sendo o valor mais alto de R$654,15 reais para o capital de São Paulo a R$450,84 para capital Aracaju, referente ao ano de 2021de acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Econômicos - DIEESE (2021). A tabela 2 apresenta os valores das cestas básicas referentes ao Brasil, são eles:

Tabela 2 – Valores da Cesta Básica de Alimentos - Custo da cesta básica em 17 capitais Brasil – janeiro de 2021

Capital	Valor mensal da cesta (R$)
São Paulo	654,15
Florianópolis	651,37
Rio de Janeiro	644,00
Porto Alegre	626,25
Vitória	624,62
Brasília	614,31
Belo Horizonte	592,26
Campo Grande	578,62
Goiânia	574,76
Curitiba	559,73
Fortaleza	532,97

Belém	507,31
Salvador	488,94
Recife	474,22
João Pessoa	471,87
Natal	454,49
Aracaju	450,84

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DIEESE (2021)

É importante colocar que a cesta básica possui um número de alimentos e quantidades específicos, variando assim como o valor de acordo com cada região, porém o que poderia ser retirado dela que veganos não consomem se alimentam é a carne, leite, banha e manteiga. Se tratando do leite e manteiga é possível encontrar nos mercados opções veganas. A seguir, é possível observar a estrutura da cesta básica brasileira.

Tabela 3 – Alimentos da Cesta Básica

Alimentos	**Nacional**
Carne	6,0 kg
Leite	15,0 I
Feijão	4,5 kg
Arroz	3,0 kg
Farinha	1,5 kg
Batata	6,0 kg
Legumes (Tomate)	9,0 kg
Pão francês	6,0 kg
Café em pó	600 gr
Frutas (Banana)	90 unid
Açúcar	3,0 kg
Banha/Óleo	1,5 kg
Manteiga	900 gr

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da DIEESE (2021)

A alimentação vegana também pode variar de acordo com cada pessoa, pois depende do paladar. Existem pessoas que não consomem frutas por exemplo, mas isso também depende das questões econômicas. Por isso foi perguntando quanto em média eles gastam por mês se

tratando da alimentação, em suas compras de supermercado, como pode ser observado na tabela 4.

Tabela 4 Gasto mensal com alimentação

Gasto mensal
R$ 300,00
R$ 300,00
R$ 400,00
R$ 500,00
R$ 800,00

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa.

Nem todos os participantes relataram um valor especifico, dada o fator de morarem como outras pessoas que não são veganas e as compras serem feiras em conjunto. Porém, de acordo com os valores repassados pelos entrevistados se verifica que a média mensal gasta com a alimentação é próxima ao gasto mensal por parte da população não vegana. O que não se aplica ao gasto com alimentação fora de casa, muitos relataram dificuldades em relação a encontrar comida em restaurantes ou lanchonetes, no entanto, relataram uma melhoria.

Os meios de comunicação independentes sem dúvidas são os grandes porta vozes da luta vegana. Um bom exemplo são documentários que estão disponíveis nas plataformas digitais, como, assim também como as redes sociais, a tv aberta por sua vez ainda não apresenta grandes colocações a respeito do tema. O processo produtivo da carne é mascarado com mecanismos de linguagem e pela comunicação do mercado, as empresas apresentam imagens de animais felizes (NEGRINI, 2019).

Uma das questões do questionário indagou qual foi/é o principal meio de informação sobre alimentos sem sofrimento animal, e as respostam apresentaram, as palavras mais comuns podem ser vistas na figura a seguir.

Figura 3 – Palavras que apareceram com maior frequência

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da pesquisa, com o uso do site Wordclouds.

Em relação ainda a alimentação foi questionada qual prato vegano que eles mais gostam, com variadas respostas, teve entrevistado que relatou não ter nenhum especifico, outro que relatou preferência por tortas e doces, relatou-se também sushi (vegano), e ainda teve quem prefere moqueca de banana da terra com pirão de legumes. Ainda teverelatos de preferência alimentar como:

> "Não tem um nome, mas eu adoro colocar vários legumes com temperos e azeite de oliva no forno. Como quase todos os dias. Coloco pimentão, abobrinha, brócolis, cenoura, batata e o que mais tiver em casa. Tempero com sal, pimenta, manjericão, curry, páprica doce, páprica defumada, etc".
>
> "Feijão e arroz é o básico que funciona e que eu amo. Sempre como no meu dia a dia. Claro que existem comidas super elaboradas que são perfeitas, mas não é uma realidade no meu dia a dia".

As respostas mostram que a alimentação vegana não é o "consumo de folhas" como ainda é pautado por aqueles que não a conhecem. A seguir, será apresentada a visão dos participantes em relação ao veganismo com o meio ambiente.

6.4 Veganismo e meio ambiente

Impactos ambientais são causados diariamente no Brasil e no mundo oriundos da pecuária, dentre eles: 1- Devastação da Amazônia, uma vez que ela é desmatada para pasto,

devastando as florestas. 2- Outras regiões desmatadas, como por exemplo o Pantanal e Cerrado. 3- Utilização da água, seu consumo é feito para irrigar pastos. 4- Alimentos desperdiçados, os alimentos são usados para cultivar soja e milho. 5- Emissões de gases do efeito estufa, os gases provocam mudanças climáticas e elevação dos mares. Por fim, número 6- Perda da biodiversidade, que é provocada tanto pelo desmatamento, como pela exploração das terras (MERCY FOR ANIMALS, 2021)

A pauta vegana aborda vários pontos que não utilizam os animais para o uso, seja como matéria prima ou produto final, no entretenimento, vestimentas e acessórios e/ou alimentação. Dito isto, é importante salientar que a questão ambiental é sempre considerada quando se coloca o veganismo. As questões da seção 3 do questionário trouxe a questão ambiental. Iniciou-se questionando se ser vegano iria além da crueldade animal? Explique. Entre as respostas foram colocadas a questão do meio ambiente. Entre elas:

> "Sim, ser vegano é uma conduta ética, pelos animais, pelo meio ambiente e pela nossa saúde".
>
> "O veganismo une o fim da exploração animal com a busca por um mundo mais sustentável e uma vida mais saudável".
>
> "Sim, claro. Ser vegano é um ato político, é bater de frente com tudo que nos é ensinado desde que nascemos. É questionar o sistema. É pensar no meio ambiente, nos animais e na nossa saúde. É pensar nas futuras gerações. É pensar no coletivo mesmo que o coletivo só pense no individual".
>
> "Sim, o veganismo além de não compactuar com a crueldade animal, ajuda o meio ambiente e nossa saúde".

Além do fator ambiental, sustentável, foram trazidos também outros pontos, que já foram relatados em outro momento da dissertação, que dizem respeito à conduta ética e política. Foi possível observar entre as respostas dos participantes da pesquisa os seguintes pontos:

> "Vai muito além, sendo focado em combater o especismo, o tratamento dos animais não humanos como propriedade dos humanos e todo e qualquer uso de animais para interesses humanos, incluindo aquelas atividades que promovem "bem-estar animal".
>
> "Sim. são um estilo de vida pelo planeta, pela saúde e pelas futuras gerações. É uma filosofia de vida onde você alinha a sua ética com suas ações de verdade".

De acordo com as respostas, pode ser visto que o veganismo não pode ser visto pela vertente do modismo, não se trata de algo passageiro, o "movimento vegano" é pautado em uma estrutura da não utilização do outro em benefício próprio, pois quem estuda o veganismo e o prática de fato, sabe que não utilizar animais não humanos é a base, e que como consequência trará melhoramento ambiental.

6.4.1 Sustentabilidade: O olhar individual

No que diz respeito ao tema sustentabilidade a visão pessoal retrata como as ações individuais acarretarão em um contexto global, por exemplo, é comum as pessoas falarem que comem carne dado ao fato do animal já estar morto, e que todo o processo com gastos desde a sua criação até o seu abate já foi feito, por isso consome. Porém, este tipo de pensamento torna apenas o que existe ainda continuar, e até aumentar. A mudança pode e deve começar individualmente.

De acordo com Acosta (2016) se faz necessário que a sociedade tenha o entendimento que ela é parte da natureza, assim, para viver em harmonia com ela e criar uma estratégia coerente para construir uma sociedade equitativa e sustentável. Por isso, o questionário trouxe o questionamento a respeito do pensamento de cada participante em relação ao tema sustentabilidade, e o que eles entendiam por ser sustentável.

> "Algo que possa ser produzido/utilizado causando o mínimo de impacto possível para o meio ambiente e os recursos naturais".
>
> "Pra mim sustentabilidade tem a ver com minimalismo. Ser sustentável não é só a grande empresa que tem o certificado ISO não sei das quantas porque utiliza processos que causam menos impacto ao meio ambiente. Claro que essas empresas são importantes, mas pra mim a sustentabilidade tá nas pequenas coisas também: na roupa comprada em brechó, na sacola de pano levada pro supermercado pra não usar a de plástico, na separação do lixo" ...
>
> "Cada indivíduo (nos hábitos de consumo) e empresa (na linha de produção e em consumos operacionais) ter o mínimo possível de impacto ambiental".
>
> "deixar o menor impacto negativo no planeta possível"
>
> "Ser sustentável é geral menos impacto ambiental, seja através da alimentação, do descarte de lixo e do consumo consciente".

De acordo com Iaquino (2018) a sustentabilidade pode gerar uma nova consciência, acarretando assim em cada indivíduo uma melhora no meio ambiente de forma gradativa. Boff (2015) coloca que sustentabilidade é a junção entre presente e futuro, é cuidar e manter os recursos naturais para as gerações atuais e futuras. Uma das colocações apontadas por um dos participantes consegue apresentar esta ideia quando fala:

> "Pra mim, ser sustentável é ter uma produção, do que quer que seja, pensando não só no produto, mas em todo o contexto em que o produto é desenvolvido, pensando nas futuras gerações, no meio ambiente, na produção de lixo, na duração do produto, etc"

A visão de cada pessoa reflete em sua maioria a relação que ele tem com o meio em que vive, e que talvez pretenda mudar, ou se adaptar. É uma postura que foi moldada no decorrer do tempo, algo que foi colocado, mas que não é estático, pode ser mudado. O que se apresenta

hoje no sistema capitalista foi sendo delineado no decorrer dos anos. Conforme ressalta Krenak (2020) o capitalismo vende uma ideia de que os seres humanos podem reproduzir vida e natureza, ou seja, compra, utiliza, consequentemente destrói, e depois constrói outra novamente.

A relação de mudança ou a relação de cada participante com o meio ambiente foi indagada, pode-se notar que a percepção entre pessoa e natureza está totalmente interligada ao veganismo, mesmo para aqueles que estão começando a se inserir no veganismo, ou para aqueles que já são veganos há mais tempo.

> "Sou idealizador do projeto Veganismo Sobre Rodas. Projeto voltado a sustentabilidade e consumo consciente além promover oficinas de culinária vegana e palestras sobre o assunto. Também sou engajado em causas ambientais e desenvolvo projetos de hortas residenciais utilizando técnicas de permacultura e agroecologia".
>
> "Eu sou bem conectada com a natureza e sempre fui rotulada como a "ecochata" entre os amigos. Mas nunca tive problema com isso. Pra mim é automático pensar o que eu posso fazer melhor causando menos dano possível".
>
> "Cresci no interior e sempre fui muito ligada com a natureza, mas hoje, morando em um grande centro urbano, me vejo seguindo o fluxo do dia a dia e me afastando bastante da natureza. No entanto, a partir do momento que decidi ser vegana querendo ou não já me vejo pensando mais no meio ambiente e nas consequências das minhas atitudes para o meio ambiente".
>
> "Mais ou menos. Por um lado, meu veganismo diminui muito o impacto do meu consumo no meio ambiente e tenho hábitos de economia de água, mas por outro minha família ainda não tem costumes como separar o lixo e otimizar o consumo de energia".

Continuando com a mesma linha de pensamento, foi questionado se após se tornarem veganos a relação com o meio ambiente mudou após sua mudança para as práticas veganas, do qual foi relatado que sim, como pode ser observado nas seguintes respostas a seguir

> "Sim. O fato de estar em constante contato com a natureza abriu uma infinidade de opções do que podemos colocar em nosso prato".
>
> "Sim! Parece que as coisas que eu fazia começaram a fazer sentido e o veganismo foi o elo de ligação pra isso".
>
> "Sim, até porque o principal motivo da minha transição para o veganismo foi justamente o impacto que uma alimentação com produtos de origem animal tem no meio ambiente".
>
> "Mudou se considerarmos a redução do impacto ambiental dos hábitos de consumo humanos em comparação com o consumo de produtos animais. Fora isso, nada teve alterações significativas".
>
> "sim. Me sinto mais honesta e receptivel após virar vegana. Além de que aumentei meu contato e meu entendimento com a natureza".
>
> "Sim! Tomei mais consciência sobre os impactos que geramos, consequentemente, isso me fez adquirir novos hábitos como gerar menos lixo, comprar menos, etc".

Percebe-se que ao se tornarem veganos os participantes ampliaram seus pensamentos quanto a natureza, o que acaba por ampliar uma maneira de melhoramento do meio ambiente. Rodrigues (2012) aponta que parte das pessoas não relaciona a pecuária e consumo de carne como sendo um dos problemas do desmatamento da Amazônia, e muito desse pensamento se deve à falta de informação passada pela mídia para favorecer os pecuaristas.

Buscar melhorias ambientais pautadas no veganismo requer conhecimento da causa, não se trata de uma proposta ambiental por completo, está interligada ao movimento político, ético e evidentemente na causa animal. Ao identificar que o veganismo pode representar uma maior oportunidade do melhoramento não somente animal, mas ambiental. Nas falas dos participantes foi possível identificar ao serem perguntados se o fato de serem veganos acarretaria em benefícios ao meio ambiente. Em suas palavras:

> "Sim. O veganismo, no meu modo de ver, é a única maneira de reduzirmos a escassez dos nossos recursos naturais tão explorado pela agroindústria".
>
> "Com certeza! Gosto muito de dizer que comer também é político. Pra consumir 1kg de carne são necessários 15,5L de água. Segundo o CEBDS, as operações de abate e processamento de animais custam ao país em média 371% a mais do que a receita que geram. A pecuária ocupa 75% das terras aráveis do planeta, principalmente para pastagem e produção de ração".
>
> "Claro. Para mim, os dois principais é a diminuição do gasto de água e da produção de CO2".
>
> "Muitos, como o desempoderamento econômico da pecuária e da pesca quando um número cada vez maior de pessoas deixa de financiá-la e, consequentemente, a redução gradativa do desmatamento, do consumo de água e energia, da poluição, da emissão de gases-estufa, da destruição da biodiversidade etc. pelas atividades de exploração animal. Mas que fique claro que isso só funciona quando o veganismo é adotado com consciência política, não simplesmente como um conjunto de hábitos de consumo passivos".
>
> "sim. Diversos tipos de impactos negativos são reduzidos (desmatamento de terras, uso indevido de água, exploração animal e de humanos, aquecimento global...)".
>
> "Sim, o veganismo gera um impacto positivo muito grande para o meio ambiente, economizamos água e emitimos muito menos CO2 no planeta".

Ao mudar o pensamento, provavelmente mudará a postura, não se trata de ponto de julgamento, mas ao compreender de fato os sentidos e significados do veganismo, não precisa necessariamente ser ativista vegano, uma nomenclatura que é usada para distinguir pessoas de um grupo a um subgrupo. Exemplos: é vegano e participa de festas com animais, é vegano e compra um pet, é vegano e mergulha em águas protegidas.

Uma infinidade de questões que poderiam ser colocadas. Não se trata de dizer que não consome animais não humanos, mas de ter real consciência de fatores que envolvem uma luta por uma conduta ética. Não pode ser ético utilizar animais não humanos, e também utilizar seres

humanos. Dessa forma esgotar tudo que existe no ambiente também não pode ser ético, e de forma alguma viável. Ao serem questionados se o veganismo busca contribuir na relação do homem com o meio ambiente, as respostas foram:

> "Sim, totalmente. Quando passamos a deixar de consumir produtos de origem animal, naturalmente sentimos a necessidade de contribuir com o meio ambiente pois é sabido que a agroindústria é a maior responsável pela degradação de nossos ecossistemas".
>
> "Claro. O homem começa a ter mais consciência do impacto das suas atitudes para o meio ambiente".
>
> "Sim, quando consideramos a vertente popular, não centrada em ultraprocessados que imitam alimentos de origem animal, do veganismo".

Pelas respostas, a relação entre meio ambiente e veganismo podem ser construídas ao longo do tempo, a princípio, não é apresentada de forma clara por todos, mesmo assim, é possível notar que ela existe, uma vez que o veganismo aponta, como por exemplo, o desgaste ambiental oriundo do consumo de carne.

É possível depreender das colocações que tratam do veganismo como benfeitoria para o meio ambiente, que o qual o ponto chave não é somente para a vida animal (não humanos) como a ambiental, como a diminuição ou exclusão da pecuária.

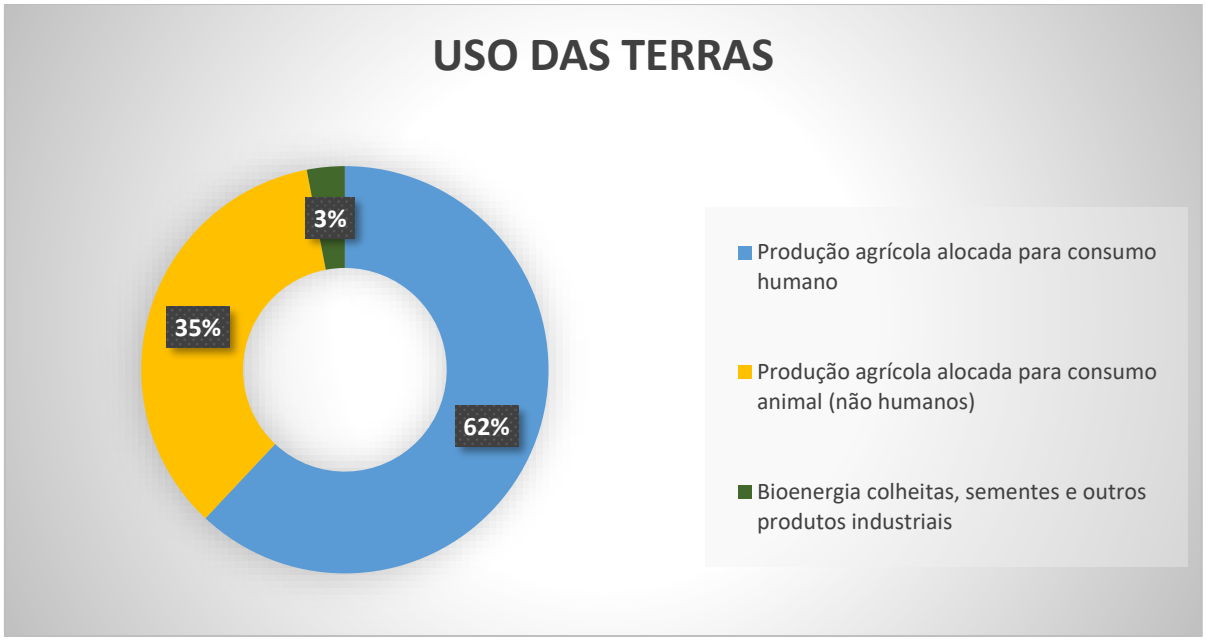
De acordo com Brugger (2018) as mudanças climáticas estão sendo aceleradas em decorrência da pecuária, tanto de forma direta como indireta, por liberar gases de efeito estufa no decorrer da produção e por causar desmatamento, mudando consequentemente a terra. Um dos participantes aborda essa questão, quando questionado qual o maior impacto do veganismo para o meio ambiente, em sua fala ele diz que: *"Diminuição drástica das queimadas e desmatamento para criação de gado. Só o veganismo pode frear essa destruição descontrolada".*

De acordo com a FAO (2016) aproximadamente 30% das terras do planeta são utilizadas para pastagem, o agronegócio desmatou em média 70% na América Latina no período de 2000 a 2010, a produção de soja e pastoreio extensivo foram os principais responsáveis pelo desmatamento na Amazônia, e foram utilizados para produção nos mercados internacionais, como consta no relatório O Estado das Florestas do Mundo 2016 (SOFO na sigla em inglês).

Em seu estudo Foley *et, al.* (2011) apresentaram como ocorre o uso das terras consideradas agricultáveis, e grande parte é destinada ao uso da pecuária, 75% das terras agrícolas em escala mundial são usadas para a criação animal, para a alimentação animal é destinado cerca de 350 milhões de hectares, e para o uso em pastagem aproximadamente 3,3

bilhões de hectares. De acordo com os autores a utilização de safras para ração animal, sementes de bioenergia (não alimentares) afetam a quantidade de alimentos que estão disponíveis em escala global. Como mostra o gráfico 3 a seguir.

Gráfico 3 – Utilização de terras agricultáveis



Fonte: Elaboração própria, adaptado de Foley *et, al*. (2011).

Animais são criados e abatidos constantemente, uma média 70 bilhões, e para sua criação até seu abate tem um gasto que também deve ser considerado, pois gera demanda de pasto, água durante sua vida, e para o seu fim também se utiliza muita água SOUZA (2019).

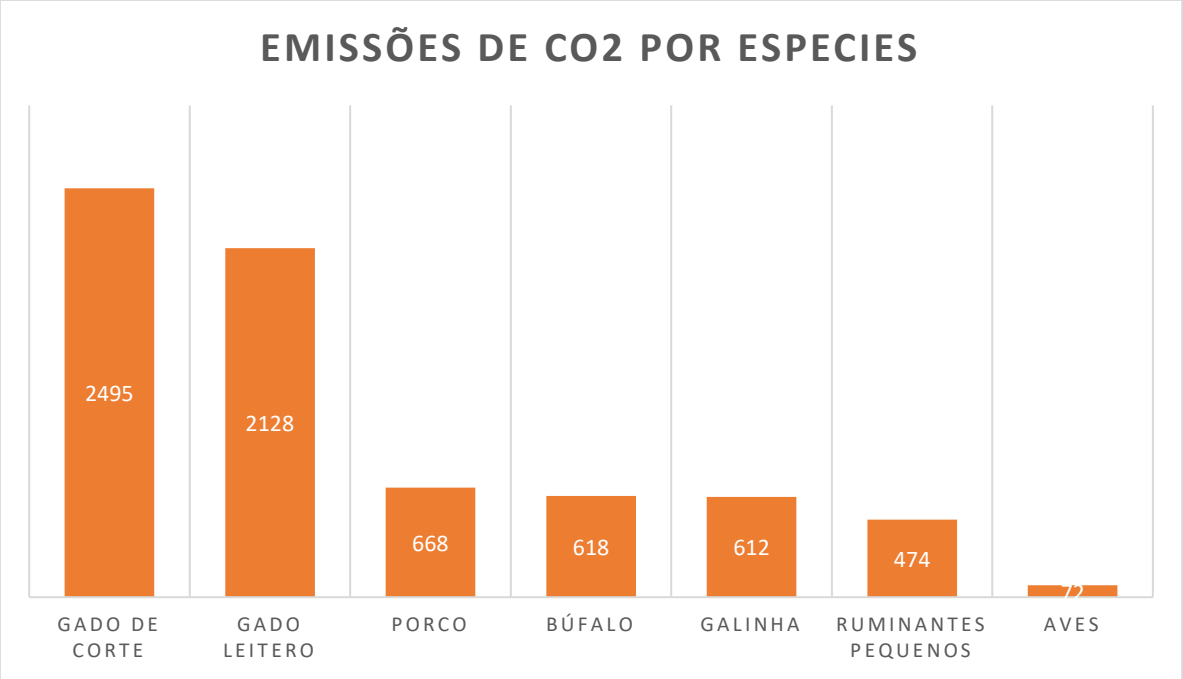
> Existindo uma mudança alimentar voltada ao veganismo consequentemente ocorreria uma redução do CO2, nas respostas dos participantes foram colocados que um dos pontos de melhoramento seria isto, pode ser observado nas respostas a seguir:
>
> "Economia de água, redução da emissão de CO2, diminuição do impacto na camada de ozônio, entre outros tantos".
>
> "A diminuição de produção de CO2 e diminuição do gasto de água"
>
> "O enfraquecimento da pecuária e da pesca, duas das atividades mais ambientalmente destrutivas do mundo".
>
> "Diminuição do uso de água e de terras inapropriadamente".

Estima-se que a população mundial em 2050 será de 9,6 bilhões, representando um desafio na questão dos alimentos (FAO, 2013). Ainda de acordo com a FAO a situação se torna tensa para sustentar o crescimento, se tratando dos recursos naturais. A agricultura interfere nas condições climáticas, seja poluindo a água ou degradando o solo. A pecuária, dentro da

agricultura entra em pauta justamente por conta de sua interface com o meio ambiente (FAO, 2013).

No relatório da FAO (2013) intitulado *Tackling Climate Change through Livestock. A global assessment of emissions and mitigation opportunities* apresentou a pecuária é potenciador do GEE, e consequentemente pode ser seu redutor caso o consumo de animais para fins alimentares foi no mínimo reduzidos, o essencial seria não consumir. O gráfico 4 apresenta a quantidade de CO2 que é emitido em escala mundial para as seguintes espécies:

Gráfico 4 – Emissões de CO2

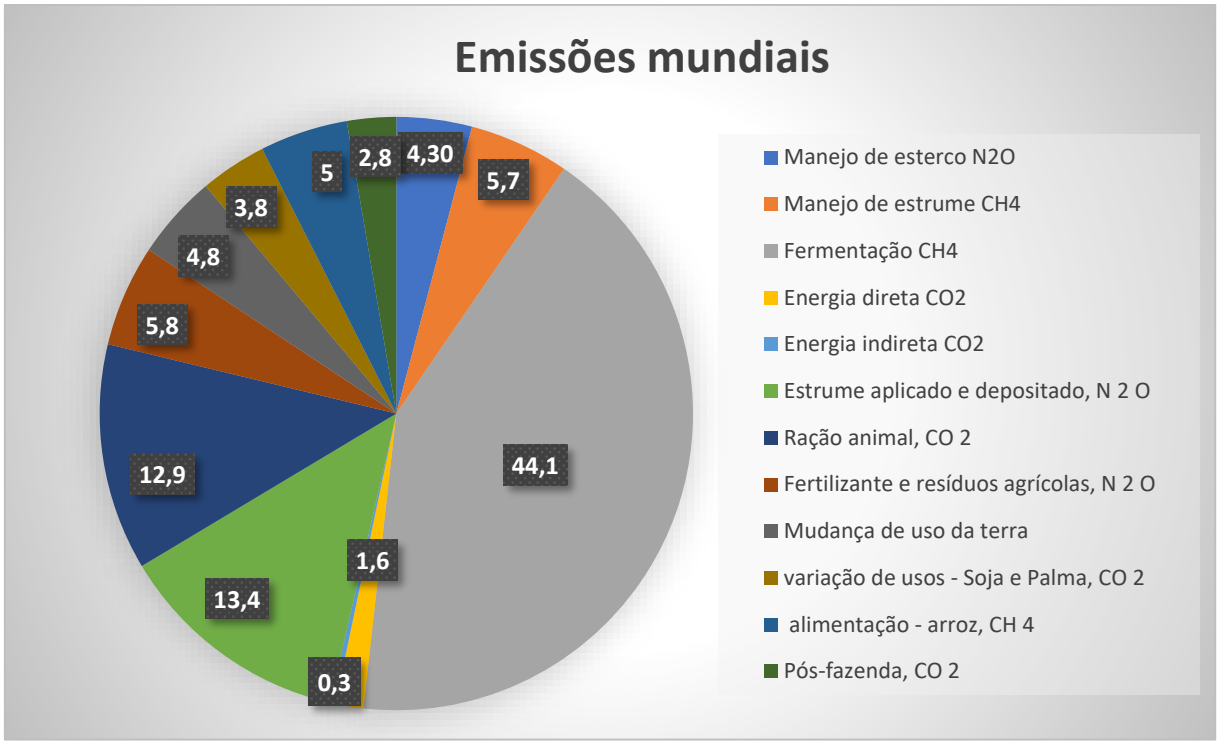


Fonte: Elaboração própria, adaptado de FAO (2013).

Springmann *et, al*. 2018 se faz necessário desacelerar os impactos ambientais provocados pela indústria de produção animal, por meio de mudanças alimentares. Os autores apontam que a pecuária é responsável entre 72% - 78% das emissões. Ainda de acordo com os autores em 2010 a produção alimentar emitiu 5,2 bilhões de toneladas de dióxido de carbono em GEE.

Além das citadas, pode ser visto como a liberação alta de CO2, CH4 e N2O são liberados em valores mundiais de acordo com o relatório do IPCC - *Intergovernmental Panel on Climate Change* (2014), nele é possível perceber o altíssimo valor de CH4 para o metano, se tratando da fermentação. O gráfico a seguir apresenta as emissões em escala global de GEE.

Gráfico 5 - Emissões globais de GEE do gado por produto



Fonte: Elaboração própria, adaptado de FAO - Soluciones ganaderas para el cambio climático. 2018.

O IPCC elabora os relatórios para as projeções climáticas de acordo com os cenários e modelos climáticos das emissões, do qual no quinto relatório nomeado de AR5 propôs uma mudança (mitigação) com projeção para as emissões de GEE que poderá acontecer até o ano de 2100, os cenários para mitigação são apontados como rigoroso, intermediários e alto para as emissões de GEE respectivamente nomeados RCP2.6, RCP4.5, RCP6.0 e RCP8.5, (IPCC, 2014).

O IPCC (2014) realizou uma projeção até o ano de 2100, tanto em relação a mudança de temperatura, como para o aumento do nível do mar em escala global, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 5 Mudanças climáticas para 2100

Mudança de temperatura				
Períodos	**RCP2.6**	**RCP4.5**	**RCP6.0**	**RCP8.5**
2046-2065	1.0	1.4	1.3	2.0
2085-2100	1.0	1.8	2.2	3.7
Aumento do nível do mar				
Períodos	**RCP2.6**	**RCP4.5**	**RCP6.0**	**RCP8.5**

2046-2065	0.24	0.26	0.25	0.30
2085-2100	0.40	0.47	0.48	0.63

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Intergovernmental Panel on Climate Change (2014).

No relatório do IPCC (2018), aponta para as mudanças climáticas e seus impactos para natureza e seres humanos, dado o aumento do aquecimento global em 1,5 °, entre eles, aumentando a frequência, além da duração das ondas de calor marinhas, precipitação em escala global e risco de seca no Mediterrâneo.

6.5 Acrescentando o que não foi perguntado

Ao abordar o assunto a respeito do meio ambiente, abrem inúmeras situações que podem ser deixadas de fora das perguntas, em especial do veganismo, que ainda se encontra em crescimento.

Foi questionado se cada participante gostaria de acrescentar algo que não foi perguntado. E, nesse sentido, foram apontados pontos interessantes, como o fato das pessoas ainda terem a ideia que os animais não humanos existem para nutrir os seres humanos, e o que poderia ser feito para além da "dieta" vegana, como pode ser visto nas falas a seguir:

> "Precisamos desmistificar a ideia que precisamos consumir animais para nossa nutrição. É fato e comprovado cientificamente e historicamente que todos nutrientes que necessitamos podemos encontrar na natureza. Além de ser natural sua qualidade é muito superior aos contidos em produtos de origem animal".
>
> "O que eu faço para reduzir o impacto além de só uma dieta vegana: sou ativista virtual e de rua, vou me formar em medicina e ajudar as pessoas nessa transição. Creio que em pouco tempo o veganismo não será mais uma opção, mas sim uma regra".

Dois pontos importantes citados pelos participantes são colocados: de fato ainda se tem a ideia no senso comum de que o consumo de carne está associado a nutrição quando se trata da alimentação, mesmo que a natureza forneça inúmeros alimentos naturais, sem processos químicos e principalmente ricos em nutrientes. Alimentos livres de sangue, dor e sofrimento. Outro ponto, se diz ao fato de questionar o que cada pessoa faz de fato além da alimentação vegana para reduzir o impacto ambiental.

No entanto, toda mudança pode ocorrer de forma gradativa e de acordo com a realidade de cada indivíduo, Springmann *et, al.* (2016) apresentaram como a alimentação pode acarretar em mudanças no que se trata das reduções das emissões de GEE até o ano de 2050. Se tratando de uma alimentação baseada no vegetarianismo as reduções de GEE foram mais significativas,

com uma possível redução de 44% até 55% com uma dieta ovolactovegetariana e 63% até 70% para uma dieta vegetariana estrita.

Portanto, diante do que fora exposto, percebe-se que a relação seres humanos, meio ambiente e animais não humanos pode existir de forma ou não (???). Singer (1975) aponta que existem muitos problemas no mundo que devem ser olhados com atenção, como fome, pobreza, guerras, sexismo, desemprego e preservação do meio ambiente, pois todos são problemas graves, e ninguém pode dizer qual é o mais grave. Mas, se libertar do que coloca sempre uma forma de especismo será possível libertar os animais não humanos da opressão sofrida pelos animais humanos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto escrevo inúmeros animais estão sofrendo, por diferentes motivos e uma única finalidade: saciar prazeres humanos. Quando ocorre a desnaturalização e tomada de consciência do sofrimento torna incômodo olhar e observar que animais não humanos sofrem. O animal precisa de espaço, água e alimentação e cuidados.

Animais não humanos são usados com frequência e tamanha crueldade que muitas vezes fica impossível imaginar que alguém pudesse chegar a cometer tamanha barbárie. Eles são torturados para fins cosméticos, são amordaçados, queimados e tantas coisas para saber se um batom ou creme de barbear é realmente bom para nós, seres humanos.

É comum ouvir pessoas falando que jamais conseguiriam parar de comer carne quando se trata o assunto veganismo ou vegetarianismo, mas o fim da ingestão da carne é um ponto, extremamente importante e crucial, mas não precisa ser o único. Poderiam listar várias atitudes que poderiam ser feitas para pelo menos diminuir o sofrimento. Parques temáticos não são bons, zoológicos, rodeios,

Enquanto argumentos do tipo, mas sempre foi assim, Deus (ou qualquer ser considerado divino) fez assim; É normal, tudo vai continuar da mesma forma, ou piorar, na verdade o caminho está seguindo para isso. O meio ambiente já vem mandando as contas dos estragos que a humanidade vem causando a ele, e novamente para benfeitoria humana, não do planeta.

Não somos divindades, e mesmo que fôssemos, não somos seres superiores possuidores de poder para matar e destruir, ainda mais para fins meramente econômicos. Nesse sentido, a pecuária é uma das atividades produtivas que mais mata e destrói tudo ao seu redor, e não são as pessoas com baixa renda que lucram.

Com a pesquisa foi possível observar que ainda existem estudos que não tratam do veganismo como tema central, existem trabalhos que apontam o vegetarianismo, mesmo sendo intitulado como veganismo, talvez por ser ainda algo novo para muitos. Foi possível perceber, de acordo com as respostas dos interlocutores, que o estilo de vida vegano traz benefícios ao planeta, por acarretar um pensamento mais sustentável, mesmo que de forma indireta, uma vez que pôr fim ao sofrimento animal é a forma direta apresentada pelo veganismo.

O consumo exacerbado e a busca infinita por algo que o dinheiro compre faz com que a humanidade mergulhe totalmente no sangue de inocentes. Embora possa parecer muito dramático, mas ao contrário, é uma questão de pesquisa: veja-se os diversos produtos domésticos que são testados em animais, testes repletos de dor e sofrimento, logo, sangue.

Couro, pele e lã também são oriundos de muito sofrimento. Não se trata apenas o que você consome, mas o motivo pelo qual consome.

Uma pessoa quando come carne ou utiliza qualquer produto de origem ou testado em animais, quando perguntado porque o faz, tem como resposta apenas porque gosta ou porque quer. No entanto, um vegano não pode dizer a mesma resposta, é logo questionado, tem que apresentar vários estudos que comprovem sua resposta. Triste realidade.

O Direito e a ética animal são frequentemente abordados, numa tentativa de reduzir o maior número de sofrimento possível que os animais não humanos sofrem. As pessoas ainda precisam de uma lei que diga que prender, matar ou mutilar um animal é crime, é lamentável que ainda se usa o discurso de que para essas pessoas os animais não sentem dor. Eles sentem, e sentem muito.

Em se tratando do meio ambiente, ele já chegou no seu limite, e mesmo assim, as pessoas ainda não conseguem administrar essa nova realidade, que não tem mais tempo, inúmeros problemas ambientais ocorrem devido a pecuária, por isso, não somente o vegetarianismo, mas o veganismo é essencial para o melhoramento da saúde ambiental.

REFERÊNCIAS

ABBIATI, T.C. et al. Leishmaniose visceral canina: Relato de caso. **PUBVET**, v. 13, p. 152, 2019. Disponível em: http://www.pubvet.com.br/artigo/5760/leishmaniose-visceral-canina-relato-de-caso. Acesso em: nov. 2020

ABONIZIO, J. Consumo alimentar e anticonsumismo: veganos e freeganos. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopodo, v. 49, n. 2, p. 191-196, mai./ago. 2013. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/938/93828220007.pdf. Acesso em: 04 set. 2020

ACOSTA, A**. O bem viver:** uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução: Tadeu Brega. São Paulo: Editora Elefante, 2. ed., 2016.

BRASIL. **Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** 2016. Disponível em: http://svs.aids.gov.br/dantps/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/ods/publicacoes/transformando-nosso-mundo-a-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel.pdf. Acesso em: 06 ago. 2020

ALCANTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? **Desenvolvimento e meio ambiente,** 40, 231-251, 2017. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/made/article/view/48566. Acesso em: 16 set. 2020

ALMEIDA, L. S. **"Nem peixe":** práticas e relações sociais na culinária vegana. 2014. 48 f., il. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) —Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: https://bdm.unb.br/handle/10483/9542. Acesso em: 08 nov. 2020

ALVES, A. J. S. et al,. A. Abandono de cães na América Latina: revisão de literatura. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 11, n. 2, p. 34-41, 1 jul. 2013. Disponível em: https://www.revistamvez-crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/16221. Acesso em: 19 out. 2020

ARTICO, A. M. **Ciberativismo e as Estratégias Comunicacionais nos movimentos.** São Paulo, Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Mediática) – Universidade Paulista, 2015. Disponível em: http://repositorio.unip.br/wp-content/uploads/2020/04/comunic_antoniamarciaartico.pdf. Acesso em: 03 nov. 2020

BAPTISTELLA, E. S. T. dos. **Animais e fronteiras:** entre espécies, ciências e cotidiano. Cuiabá, Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, 2015. Disponível em: https://ri.ufmt.br/handle/1/103. Acesso em: 21 set. 2020

BAPTISTELLA, E; ABONIZIO, J. O peso dos animais nas urnas: uma reflexão sobre o papel dos animais na política contemporânea. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 22, p. 329-372, 2017.Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522017000100329&script=sci_arttext Acesso em: 17 out. 2020

BARBOSA, I. É ÉTICO MATAR OS ANIMAIS EM PROL DOS HUMANOS? Vegetarianismo e Veganismo na ética. **Imanência**, v. 2, n. 2, p. 19-26, 2019

BARRETO, T. F. et al. A ideologia carnista e o encontro entre a ética animal e o dark side das organizações. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**. 2016. Disponível em: https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/109. Acesso em: 25 nov. 2020

BARROS, S. L. D. **Você é o que você come?** Dieta, personalidade e percepção ambiental. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

BEIG, B. B. A prática vegetariana e os seus argumentos legitimadores: viés religioso. **Revista Nures,** 2009 Jan-Abr;11:1-15. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/nures/article/view/7353. Acesso em: 13 out. 2020

BOFF, L. Sustentabilidade: o que é: o que não é. São Paulo. 2015.

BRAGA, F. R.; PIOVESAN, F. C. O Consumo consciente e solidário: Direitos Humanos, Movimentos ecológico-sociais e a promoção do Desenvolvimento Sustentável. **Veredas do Direito: Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável,** 13(25), 307-330, 2016. Disponível em: http://revista.domhelder.edu.br/index.php/veredas/article/view/600. Acesso em: 07 nov. 2020

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Manual de vigilância e controle da leishmaniose visceral. **Série A. Normas e Manuais Técnicos**, 2006.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações. Estimativas anuais de emissões de gases de efeito estufa. 4. ed. Brasília, DF, 2017. Disponível em: http://educaclima.mma.gov.br/wp-content/uploads/2019/08/Estimativas-Anuais-4-2017.pdf. Acesso em: 04 jul. 2020.

BRASIL. Decreto nº 24.645, de 10 de julho de 1934. Estabelece medidas de proteção aos animais. **Coleção Leis do Brasil**: Rio de Janeiro, v. 4, p. 720, 10 jul. 1934. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D24645impressao.htm. Acesso em: 09 jul. 2020.

BRASIL. **Lei n. 9.605, de 12 de fevereiro de 1998**. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm. Acesso em: 09 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença.** 2020. Disponível em: https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid. Acesso em: 02 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença.** 2020. Disponível em: https:http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/gripe. Acesso em: 02 jul. 2020.

BRASIL. **Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** 2016. Disponível em: < http://svs.aids.gov.br/dantps/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/ods/publicacoes/transformando-nosso-mundo-a-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel.pdf>. Acesso em: ago. 2020

BRASIL-CNA. Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil. **Valor Bruto da Produção: Faturamento da Agropecuária encerra 2018 com crescimento de 3,1%.** 2020.

Disponível em: https://www.cnabrasil.org.br/boletins-tecnicos/valor-bruto-da-producao-faturamento-da-agropecuaria-encerra-2018-com-crescimento-de-3-1#:~:text=A%20proje%C3%A7%C3%A3o%20para%20o%20faturamento,Trigo%2C%20Carne%20Bovina%20e%20Su%C3%ADnos.Acesso em: 28 jun.2020.

BRUGGER, P. Nós e os outros animais: especismo, veganismo e educação ambiental. **Linhas Críticas,** Brasília, v. 15. n. 29, p.197-214, Jul./dez. 2009. Disponível em: https://doi.org/10.26512/lc.v15i29.3532. Acesso em: 01 jul. 2020.

BRÜGGER, P. O apocalipse da pecuária: uma síntese caleidoscópica dos riscos e possibilidades de mudança. **Revista Brasileira de Direito Animal,** v. 13, n. 2, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/RBDA/article/view/27889. Acesso em: 01 ago. 2020

CAMARGO, R. P. M. de. **Crítica à tradição moral:** sobre a fundamentação ética na defesa dos animais não humanos. 2010. 95 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010. Disponível em: http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/15527. Acesso em: 05 dez. 2020

CAMPOS, L. M. de. A crescente onda do veganismo e o surf das FoodTechs. **Revista Ingesta**, v. 1, n. 2, p. 266-267, 2019. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revistaingesta/article/view/164700. Acesso em: 27 set. 2020

CARDOSO, W. M.; TRINDADE, G. G. da. Por que os animais não são efetivamente protegidos: estudo sobre o antropocentrismo vigente a partir de um julgado emblemático. **Revista brasileira de direito animal**, v. 8, n. 13, 2013. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/RBDA/article/view/8643. Acesso em: 13 out. 2020

CARDOSO, O.; SANTOS, N.; SOUZA, C. A. M. Intelectuais da tradição e seus saberes na comunidade São Tomé, em Porto de Moz-PA. **Educamazônia-Educação, Sociedade e Meio Ambiente,** 21(2), 232-250, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/view/5104. Acesso em: jul. 2019.

CASAS, C. P. R. *et al*. Avaliação de tecnologias em saúde: tensões metodológicas durante a pandemia de Covid-19. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, p. 77-96, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142020000200077&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 10 jul. 2020.

CHAVES, F. Tipos de vegetarianos: entenda as principais diferenças entre os grupos de vegetarianos. **Vista-se**, 2012. Disponível em: https://www.vista-se.com.br/tipos-de-vegetarianos-entenda-as-principais-diferencas-entre-os-grupos-de-vegetarianos/. Acesso em: 02 jul. 2020.

CFMV - CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA. Guia brasileiro de boas práticas em eutanásia em animais: conceitos e procedimentos recomendados. Brasília, DF, 2013. 66 p.

CORTEZ, A. T. C. **Consumo e desperdício:** as duas faces das desigualdades. São Paulo: UNESP, 2009.

COSTA, L. M.C. da. HAMANN, E. M. Pandemias de influenza e a estrutura sanitária brasileira: breve histórico e caracterização dos cenários. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, v. 7, n. 1, p. 15-15, 2016. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232016000100002. Acesso em: 14 jul.2020

DEPEC. Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos. Pecuária. 2019. Disponível em: https://www.economiaemdia.com.br/EconomiaEmDia/pdf/infset_pecuaria.pdf. Acesso em: 28 jun.2020.

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos - Janeiro de 2021

DINIZ, M. H. Ato de crueldade ou de maus tratos contra animais: um crime ambiental. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 13, n. 1, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/RBDA/article/view/26219. Acesso em: 26 set. 2020

DUARTE, X. E.; ILHA, P.H.O. Tratamento de Leishmaniose Visceral Canina á base de Imunoterapia – Relato de Caso. **Anais** do simpósio UNIDESC, 2018.

DUARTE, A. L. R. O BIM na Construção Civil e sua relação com a Sustentabilidade. 2008. 117f. Monografia (Curso de Graduação em Direito) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

ESTEVE, V. E. **O negócio da comida:** quem controla nossa alimentação? Expressão popular, 2017.

STEINFELD, H. *et al*. **Livestock's long shadow:** environmental issues and options. Rome: Food & Agriculture Organization of the United Nations, 2006.

GERBER, P. J. et al. Tackling climate change through livestock: a global assessment of emissions and mitigation opportunities. Food and Agriculture Organization of the United Nations - FAO, 2013.

FAO. El Estado de los bosques del mundo 2016. Los bosques y la

agricultura: desafíos y oportunidades en relación con el uso de la tierra. Roma. 2016.

FAO. Soluciones ganaderas para el cambio climático. 2018.

FARIAS DE ARAUJO et al. Planta ou animal: que carne é essa? Um estudo do impacto da estratégia de venda conjunta para hambúrguer vegetal, na intenção de provar, intenção de comprar, intenção de recomendar e attachment to meat. **In: CLAV 2020**. 2020. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ocs/index.php/clav/clav2020/paper/view/7473. Acesso em: 29 nov. 2020

FELIPE, S. T. Abolicionistas, bem-estaristas, socorristas. ANDA. 26 de dez. 2011. Disponível em: http://www.anda.jor.br/26/12/2011/abolicionistas-bem-estaristassocorristas. Acesso em: 04 nov. 2021.

FERRAZ, A. M. As grandes Pandemias da História. **Revista de Ciência Elementar,** v.8, n.2,

2020. Disponível em: http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/15821. Acesso em: 17 set. 2020

FERRIGNO, M. **Veganismo e libertação animal:** um estudo etnográfico. São Paulo, Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas, 2012.

FIEL, A. A. **Aspectos jurídicos e econômicos da sojicultura brasileira na economia global:** uma análise do direito de propriedade do agricultor brasileiro de soja commodity padrão exportação**.** Brasília, DF, Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de Brasília, 2020.

FLORIT, L. F. Conflitos ambientais, desenvolvimento no território e conflitos de valoração: considerações para uma ética ambiental com equidade social. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 36, 2016. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/made/article/view/41624. Acesso em: 18 set. 2020

FOER, J. S. Comer animais. Seix Barral, 2009. Editora Rocco

FOLEY, J. A. et al. Solutions for a cultivated planet. Nature, v. 478, n. 7369, p. 337-342, 2011. Disponível em: https://www.nature.com/articles/nature10452. Acesso em: 14 nov. 2020

FONSECA, M. K. da. Da crueldade à Libertação: análise dos níveis de sensibilidade em relação aos animais no Brasil pós década de 1970. 2018. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/189165. Acesso em: 10 jun. 2020

FRANCIONE, G. L. **Introdução aos direitos animais:** seu filho ou o cachorro? Campinas: Unicamp, 2013.

FRANCIONE, G. L. Direitos dos animais: Uma abordagem incrementadora. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 14, n. 1, 2019. 2013. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/RBDA/article/view/30729. Acesso em: 10 jan. 2021

FRISSO (2019) FRISSO, A. A. F. **Tráfico de animais silvestres:** a efetividade da tutela da fauna para preservação deste patrimônio nacional. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Centro Universitário São Lucas, Curso de Direito, Ji-Paraná, 2019. Disponível em: http://repositorio.saolucasjiparana.edu.br:8080/handle/123456789/63. Acesso em:

GAYOSO, S. KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. **Revista de Políticas Públicas.** Disponível em: http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/14380. Acesso em: 02 nov. 2020

GENRO, M. E. H; MAFFEI, H.S. Desafios da formação de educadores numa sociedade neoliberal: brechas numa perspectiva do bem viver. **La Salle: revista de educação, ciência e cultura.** Canoas, RS. Vol. 24, n. 3 (nov. 2019), p. 173-189, 2019. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/205490. Acesso em: 03 jan. 2021

GONÇALVES, V. C. DE S. **Das consequências Jurídicas ao garantir castração a animais e seu impacto Socioeconômico na Saúde Pública.** Presidente Prudente, SP. Monografia (Curso de Direito) Faculdade de Direito de Presidente Prudente. Intertem@ s ISSN 1677-1281, v. 32, n. 32, 2016. Disponível em: http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/Direito/article/view/5858/5568. Acesso em: 10 out. 2020

ALIANÇA, I. C. A. M. Guia de controle humanitário da população canina. 2007.

HANEL, Anna Thereza de Carli. Olhar lento. 2019.

HEINEN, F. A. DE. **Críticas à prática da eutanásia humanitária em animais segundo o interesse social.** 2017. 103f. Monografia (Curso de Direito) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Três Rios, RJ. 2017

HIRDES, L. S. DA. **"Eu faço carne vegetal, mas não sou açougueiro":** uma etnografia sobre a produção e circulação de alimentos associados ao estilo de vida vegano. 2018. 107f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2018.

IAQUINTO, B. O. A sustentabilidade e suas dimensões. **Revista da ESMESC,** v. 25, n. 31, p. 157-178, 2018. Disponível em: https://revista.esmesc.org.br/re/article/view/187. Acesso em: 10 fev. 2021

IBANEZ, M. R. **Descolonizar o Imaginário**: Debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento**.** São Paulo: Editora Elefante, 2016.

IPCC, 2014: Climate Change 2014: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [Core Writing Team, R.K. Pachauri and L.A. Meyer (eds.)]. IPCC, Geneva, Switzerland.

IPCC, 2018. Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas. Aquecimento Global de 1,5 °C. Disponível em: https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2019/07/SPM-Portuguese-version.pdf. Acesso em: 12 fev. 2021

JASKIW, E. F. B. **O bem viver na Escola Latino-Americana de Agroecologia.** 2019. 164f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2019.

JOY, M. **Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas.** Editora Cultrix, 2014.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** Editora Companhia das Letras, 2020.

LEMES, L. F. S. **Da necessária abolição da tração animal:** perspectivas desde o direito brasileiro. 2016. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande. 2016.

LIMA, M. M. P. **Memorial de um nutricionista vegano em formação.** Memorial (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2017.

LOPES, C. A. Considerações sobre a Ética. **Professare**, v. 6, n. 3, 2017. Disponível em: https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/professare/article/view/1342 Acesso em: 13 abril 2021

MACHADO, J. C; FERREIRA, G. A; GENARO, G. Castração e bem-estar felino. **Revista Brasileira de Zoociências**, v. 19, n. 2, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/zoociencias/article/view/24765. Acesso em: 02 mar. 2021

MACHADO, C. J. S; SILVA, E. G; VILANI, R. M. O uso de um instrumento de política de saúde pública controverso: a eutanásia de cães contaminados por leishmaniose no Brasil. **Saúde e Sociedade,** v. 25, p. 247-258, 2016. Disponível em: https://www.scielosp.org/article/sausoc/2016.v25n1/247-258/pt/. Acesso em: 04 abril 2021

MADRUGA, L. A. Relações Internacionais e o Eurocentrismo: A crítica do pensamento Decolonial e o Bem Viver como alternativa. **Interfaces Científicas-Humanas e Sociais,** 8(3), 173-188, 2020. Disponível em: https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/6727. Acesso em: set. 2020

MAGALHÃES, M. P; OLIVEIRA, J. C. DE. Veganismo: aspectos históricos. **Revista Scientiarum História**, 2, 8-8, 2019. Disponível em: http://teste.portalassistiva.com.br/revistas/index.php/RevistaSH/article/view/68cos. Acesso em: set. 2020

MAGALHÃES, L. A; COSTA, G. C; CLÍMACO, M. S. S. A esterilização cirúrgica no controle de natalidade de cães e gatos: benefícios para a saúde pública e qualidade de vida dos animais-revisão de literatura. Instituto Abolicionista Animal Congressos Brasileiro e Latinoamericano de Bioética e Direito Animal, p. 27, 2019. MÃE TERRA, DIREITOS DA NATUREZA E DOS ANIMAIS: primeiro volume dos **Anais** do V Congresso Brasileiro e II Congresso Latinoamericano de Bioética e Direito Animal.

MANCE, E. A. Libertação e Bem-Viver. **Filosofazer (impressa),** v. 46, n. 1, 2016.

OLIVEIRA, K. S. DE. Manual de boas práticas na criação de animais de estimação: cães e gatos. 2019.

MARCON, T. **Animais sencientes não-humanos:** considerações acerca da possibilidade de alterar a natureza jurídica dos animais para sujeitos de direito despersonificados. 2020. 96f. Monografia (Curso de Direito) - Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, 2020.

MESQUITA, A.; PELLENZ, M. Contra-especismo: argumentos éticos, filosóficos e jurídicos em favor dos Direitos Animais. **Editora Deviant,** 2019.

BARONI, A. 5 motivos para se tornar vegano também pelo meio ambiente. **Mercyof Animals**, 2018. Disponível em: https://mercyforanimals.org.br/motivos-vegano-meio-ambiente. Acesso em: 30 jun. 2020.

MORAIS, I. A DE.; MORAIS, L. P. (2020). Política econômica no Pachamamismo do Buen Vivir: um estudo teórico: Economic policy in the Pachamamismo of the Buen Vivir: a theoretical study. **Revista Argumentos**, 17(1), 128–152. Disponível em: https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/947. Acesso em: 12 maio. 2021

NACONECY, C. **Ética & Animais: um guia de argumentação filosófica**. EdiPUCRS, 2016.

NEGRINI, V. **Sobre veganos e outros bichos: as estratégias de comunicação pública do ativismo animal.** Brasília, DF, Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, 2019.

NUNES, E. L. M. **Vegetarianismo além da dieta: ativismo vegano em São Paulo. 2010.** 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://tede.pucsp.br/handle/handle/4199. Acesso em: 02 jul. 2020

TÉCNICO, MANUAL. Leishmanioses Caninas.2015

OSÓRIO, V. O Bem Viver a partir de suas institucionalizações. **Ecopolítica,** 20, 59-84, 2018.

PADILHA, M. S. B. **O ativismo animal em São Paulo:** Uma interpretação sócio-antropológica de sua prática e subjetividade. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2018.

PASSOS, A. A. DOS; SILVA, L. M. DA; BERNARTT, M. L. DE. Para pensar e viver outros mundos: o" Bem Viver" na comunidade indígena de Mangueirinha-PR. **Revista Húmus,** v. 9, n. 26, 2019. Disponível em: http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/12054. Acesso em: 14 fev. 2021

PASTORI E MATOS, 2015 PASTORI, É. O; MATOS, L. G. DE. Da paixão à "ajuda animalitária": o paradoxo do "amor incondicional" no cuidado e no abandono de animais de estimação. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais,** v. 3, n. 1, p. 112-132, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/cadecs/article/view/12277. Acesso em: 23 maio 2021

PERROTA, A. P. " Quem" ou" o que" são os animais? Um estudo sobre como os defensores dos animais (re) definem sua natureza. **Iluminuras,** v. 17, n. 42, 2016. Disponível em: https://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/69977. Acesso em: 04 set. 2020

GOMES, M. C. P. **Consumo Consciente:** repensando a sociedade de consumo e novas práticas socioambientais e culturais. 2020. 84f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa, 2020. Disponível em: https://run.unl.pt/handle/10362/103273. Acesso em: 20 jul. 2020

PINTO, R. M. DE.; BATINGA, J. L. O consumo Consciente no contexto do consumismo moderno: algumas reflexões. **Gestão. org,** v. 14, n. 1, p. 30-43, 2016.

POKER, G. B. A ética abolicionista como pressuposto para a superação das ideologias de opressão. **Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais,** v. 3, n. 1, p. 124-142, 2021. Disponível em: https://periodicos.ucsal.br/index.php/rladna/article/view/815. Acesso em: 05 jun. 2020

PORTO; BECK; GALINDO, 2020, p.1) PORTO, K. F; BECK, C; GALINDO, V. Leishmaniose Visceral Canina: Relato de Caso1. 2020.

PRUDENCIO, K; CARBORNAR, C. ABOLIÇÃO JÁ OU DEPOIS? Disputas de enquadramento na luta por reconhecimento dos direitos dos animais no Brasil ABOLITION NOW OR LATER? Frame contests in the struggle for recognition of animal rights in Brazil.

REGAN, T. **Jaulas vazias:** encarando o desafio dos direitos animais. Porto Alegre: Lugano, 2006.

REZENDE, J. M. Epidemia, endemia, pandemia, epidemiologia. **Revista de Patologia Tropical,** Goiânia, 27, 153-155, 1998.

RIBEIRO, R.; SCHUCK, C. **Comendo o Planeta** : Impactos ambientais da criação e consumo de aniamais. 3. ed. Sociedade Vegetariana Brasileira, 2015.

ROBBINS, J. Prefácio. In: JOY, M. Por que amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas. Uma introdução ao carnismo. São Paulo: Cultrix, 2014.

RODRIGUES, A. R. **A Construção da Identidade Social por Meio do Consumo Vegetariano:** um estudo netnográfico. 2012. 2016f. Dissertação (Mestrado em Administração) –Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais. 2012.

RYDER, Richard. Os animais e os direitos humanos. **Revista Brasileira de Direito Animal**, v. 3, n. 4, 2008.

SACHS, I. **A Terceira Margem***:* Em busca do ecodesenvolvimento. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SANTOS, S. C. P. dos. **Eutanásia e suicídio assistido:** O direito e liberdade de escolha. 2011. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea e Estudos Internacionais) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2011. Disponível em: https://eg.uc.pt/handle/10316/19198. Acesso em: 10 no. 2020

SARAIVA, Rutiele Pereira da Silva. Por uma ética antiespecista: o lugar dos animais não humanos na filosofia moral de Tom Regan. 2014.

SCHUTZ, C. W. Websérie: castração animal como incentivo ao controle populacional de cães e gatos. **Comunicação Social Jornalismo-Pedra Branca**, 2018.

SEZYSHTA, A. J. O Bem Viver e outros mundos possíveis. **Argumentos Revista de Filosofia**, Fortaleza, ano 10, n. 19, p. 87-93, jan./jun. 2018. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/32144. Acesso em: 29 jul.2020.

EUROPEIA, União; NO CÓDIGO, Os Animais. ANIMAIS DE COMPANHIA. ÉTICA E DIREITO.

SILVA, L M. **O bem viver:** uma experiência em comunidade indígena**.** 2019. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2019. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br:8080/jspui/handle/1/4614. Acesso em: 20 jun. 2020.

SILVA; SALOMÃO E NEVES, 2020). SILVA, Luiz Mendes da et al. **O bem viver: uma experiência em comunidade indígena**. 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

SILVEIRA, 2019 SILVEIRA, Larissa Rocha Menezes da. Manejo populacional de animais domésticos: castramóvel como política distrital de castração do Distrito Federal. 2019.

Singer (1993) SINGER, P. Ética prática. 1993.

SINGER, P; MASON, J. **A ética da alimentação.** Elsevier Brasil, 2007.

SINGER, P. **Libertação animal.** São Paulo: Lugano, 1975.

SLYWITCH, E. **Alimentação sem carne:** guia prático: o primeiro livro brasileiro que ensina como montar sua dieta vegetariana. São Paulo: Editorial Alaúde, 2. ed., 2015.

SLYWITCH. Tudo que você precisa saber sobre alimentação vegetariana. 2011 1ª ed. Sociedade Vegetariana Brasileira. Departamento de Medicina e Nutrição

Sociedade Mundial de Proteção Animal. Desmitificando: veja 8 benefícios da castração. 2015. Disponível em: https://www.worldanimalprotection.org.br/not%C3%ADcia/desmitificando-veja-8-beneficios-da-castracao. Acesso em: 10 jan. 2021

SOLÓN, P. Vivir Bien: antigas cosmovisões e novos paradigmas. *In*: Lesbaupin, I.; Cruz, M. (Orgs.). **Novos Paradigmas para um outro mundo possível.** São Paulo: Usina Editora, 185-210, 2019.

CASTRO, SOUSA, A. P. S. DE. RORIZ, Y. S. DA. CASTRO, S. V. Miltefosina no Tratamento de Leishmaniose Visceral Canina–Relato de Caso. **Jornal Interdisciplinar de Biociências**, v. 5, n. 1, p. 38-42, 2020. Disponível em: https://revistas.ufpi.br/index.php/jibi/article/view/8. Acesso em: 20 ago. 2020

SOUZA, R. F. DE. **Direitos Animais E Veganismo:** Consciência Com Esperança. Clube de Autores (managed), 2018.

SOUZA, R. O. C. DE. **Vegetarianismo ambiental:** estudo das controvérsias na relação entre vegetarianismo e emissões de gases de efeito estufa. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) - Instituto de Energia e Ambiente, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.106.2019.tde-31072019-153158. Acesso em: 04 set. 2020

SOUZA, L. L. Comer Animais e Zoonoses: Utilidade da pecuária industrial. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia,** Santa Maria, v.11, e24, p. 1-10, 2020. Disponível em:https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/43987. Acesso em: 03 jul. 2020.

SPRINGMANN, M. et al. Analysis and valuation of the health and climate change cobenefits of dietary change. **Proceedings of the National Academy of Sciences,** v. 113, n. 15, p. 4146-4151, 2016. Disponível em: https://www.pnas.org/content/113/15/4146/. Acesso em: 14 maio 2021

SPRINGMANN, M. et al. Options for keeping the food system within environmental limits. Nature, v. 562, n. 7728, p. 519-525, 2018. Disponível em: https://www.nature.com/articles/s41586-018-0594-0. Acesso em: 10 maio 2020

STEFAN, A. C. **Em defesa dos animais não-humanos:** uma análise crítica da teoria utilitarista de Peter Singer. Limeira, SP, Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas, 2018.

THE VEGAN SOCIETY. **Definition of veganism**. Disponível em: https://www.vegansociety.com/go-vegan/definition-veganism. Acesso em: 01 jul. 2020.

THEBALDI, I; SOUZA, A. S. R. Reestruturação econômica e sustentabilidade: Ecoeconomia e consumo consciente. **Revista de Estudos Jurídicos UNA,** v. 4, p. 33-47, 2018.Disponível em: http://revistasgraduacao.una.emnuvens.com.br/rej/article/view/59. Acesso em: 07 já. 2021

THOMAS, K. **O homem e mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aniamais. (1500-1800). Tradução: João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

TILMAN, D; CLARK, M. Global diets link environmental sustainability and human health. Nature, v. 515, n. 7528, p. 518-522, 2014. Disponível em: https://www.nature.com/articles/nature13959?source=post_page----------. Acesso em: 17 maio 2021

TONIAL, B. Vegetarianismo, identidade e consumo: um estudo etnográfico do grupo VEGetariANOS Iniciantes Brasil no Facebook. 2018. 65 p. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja, São Borja, 2018.

TRIGUEIRO, A. Consumo, ética e natureza: o veganismo e as interfaces de uma política de vida. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 10, n. 1, p. 237-260, 2013.Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2013v10n1p237 Acesso em: 04 nov. 2020

REGAN, Tom et al. Jaulas vazias: encarando o desafio dos direitos dos animais. **Fundamento**, n. 3, 2011.

VALENÇA, F. M. L.; CARBONAI, D. Novos atores em movimento: o veganismo como prática política. *In:* SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS - CIÊNCIAS POLÍTICAS, 3., 2013, São Borja, RS. **Anais** [...].São Borja, RS, 2013, p. 1-17. Disponível em: http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/cienciapolitica/files/2014/06/veganismotrabalho.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

VANHULST, J; BELING, A. E. Buenvivir.Emergent discourse within or beyond sustainable development? **Ecological Economics,** 101, 54-63, 2014. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0921800914000640. Acesso em: 10 jan. 2021

VIVEIROS *ET AL*. Por uma nova ética ambiental. **Engenharia Sanitaria e Ambiental**, v. 20, n. 3, p. 331-336, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-41522015000300331&script=sci_arttext&tlng=pt . Acesso em: 27 dez. 2020

WORDCLOUDS. Disponível em:https://www.wordclouds.com/

ZAGO, B. S. Prós e contras da castração precoce em pequenos animais. 2013. 30f. Graduação. (Trabalho de conclusão de graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do sul. Faculdade de Veterinária. Curso de Medicina Veterinária. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/81287. Acesso em: 14 abril 2020

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E BIODIVERSIDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL SUSTENTÁVEL

QUESTIONÁRIO PROPOSTO PARA DISCUTIR OS EFEITOS DO VEGANISMO NO MEIO AMBIENTE E A RELAÇÃO HUMANOS E ANIMAIS

Nº do questionário:____ Data da coleta:_____/_____/_____

Seção 1

1. Sexo: _____

2. Idade: _____

3. Como você se classifica?

( ) Vegano

( ) Em Transição ao veganismo

( ) Vegetariano estrito

4. Há quanto tempo?

_____

5. Como se tornou?

_____

6. Qual maior dificuldade encontrada?

_____
_____
_____

7. Como seu organismo reagiu à mudança na alimentação?

_____
_____
_____

Seção 2

1.Qual produto industrializado você encontra com maior facilidade no mercado?

_____
_____
_____

2. Esse produto tem um preço acessível?

_____

3. A empresa que fabrica o produto é considerada sustentável? Descreva.

_____
_____
_____
_____

4. Em média, quanto você gasta em suas compras de supermercado (alimentação)?

_____

5. Possui dificuldades em encontrar comida vegana fora de casa (restaurantes, lanchonetes)?

_____

6. Qual seu principal meio de informação sobre esses alimentos sem sofrimento animal?

_____

7. Qual prato vegano que você mais gosta?

_____

Seção 3

1. Ser vegano é além da crueldade animal? Explique.

_____
_____
_____

2. Você se considera uma pessoa sustentável? Por quê?

_____
_____
_____

3. Qual sua relação com o meio ambiente?

_____
_____

4. Sua relação com o meio ambiente mudou após sua mudança para as práticas veganas? Relate.

5. Ser vegano traz algum tipo de benefício para o meio ambiente? Explique.

6. O veganismo para você contribui para a melhoria na relação do homem com o meio ambiente?

7. Na sua opinião, qual o maior impacto ambiental decorrente do veganismo?